J. DE ALENCAR

O SERTANEJO

ROMANCE BRASILEIRO

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
Livreiro-editor do Instituto Historico
65 Rua do Ouvidor 65
(*Antigo 69*)

1875

OBRAS DO MESMO AUTOR

O ERMITÃO DA GLORIA. A Alma do Lazaro, 1 vol. enc. 3$. br. 2$000
UBIRAJARA, lenda Tupy. 1 vol. enc. 3$., br. . . . . . 2$000
O GARATUJA. Chronica dos tempos coloniaes, 1 vol. enc. 2$., br. . . . . 2$000
IRACEMA, lenda do Ceará, 1 vol. enc. 3$., br. . . . . . 2$000
VIUVINHA e os Cinco Minutos, 1 vol. enc. 3$., br. . . 2$000
AS MINAS DE PRATA, romance historico, 6 vol. enc. 16$., br. 12$000
AS AZAS DE UM ANJO. Comedia, 1 vol. br. . . . . 2$000
MÃI. Drama, 1 vol. br. . . . . 2$000
DISCURSOS. 1 vol. br. . . . . 2$000

SENIO

GUERRA DOS MASCATES. 2 vol. enc. 6$, br. . . . . . . 4$000
O GAUCHO. 2 vol enc. 6$., br. . . . . 4$000
A PATA DE GAZELLA. 1 vol. enc. 3$., br. . . . . 2$000
O TRONCO DO IPÊ. 2 vol. enc. 6$., br. . . . . 4$000
SONHOS D'OIRO. 2 vol. enc. 6$., br. . . . . 4$000

G. M.

SENHORA. Perfil de mulher, 2 vol. enc. 6$., br. . . . . 4$000
DIVA. Perfil de mulher 1 vol. enc. 2$., br. . . . . . 2$000
LUCIOLA. Perfil de mulher, 1 vol. enc. 3$., br. . . . . 2$000

O SERTANEJO

I

O COMBOIO.

Esta immensa campina, que se dilata por horisontes infindos, é o sertão de minha terra natal.

Ahi campeia o destemido vaqueiro cearense, que á unha de cavallo acossa o touro indomito no cerrado mais espesso, e o derriba pela cauda com admiravel destreza.

Ahi ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das rezes, a voz saudosa e plangente do rapaz que aboia o gado para o recolher aos curraes no tempo da férra.

Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei ha tantos annos na aurora serena e feliz de minha infancia?

Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quaes o homem communga a seiva dessa natureza possante?

De dia em dia aquellas remotas regiões vão perdendo a primitiva rudeza, que tamanho encanto lhes infundia.

A civilisação que penetra pelo interior corta os campos de estradas, e semeia pelo vastissimo deserto as casas e mais tarde as povoações.

Não era assim no fim do seculo passado, quando apenas se encontravam de longe em longe extensas fazendas, as quaes occupavam todo o espaço entre as raras freguezias espalhadas pelo interior da provincia.

Então o viajante tinha de atravessar grandes distancias sem encontrar habitação, que lhe servisse de pousada; porisso, a não ser algum affouto sertanejo á escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessarias á commodidade, como á segurança.

Assim fizera o dono do comboio que no dia 10 de dezembro de 1764 seguia pelas margens do

Sitiá buscando as faldas da Serra de Santa Rita, no sertão de Quixeramobim.

Uma longa fila de cargueiros tocados por peões despeja o caminho nessa marcha meuda e batida a que dão lá o nome de carrego baixo, e que tanto distingue os alegres comboios do norte das tropas do sul a passo tardo e monotono.

Os recoveiros armados de sua clavina e faca de mato formavam boa escolta para o caso de necessidade. Além delles, acompanhava a pesada bagagem uma caterva de famulos de serviço domestico e acostados.

Adeante do comboio, e já muito distante, apparecia a cavalgada dos viajantes.

Compunha-se ella de muitas pessoas. Dessas, vinte pertenciam á classe ainda não extincta de valentões, que os fazendeiros desde aquelle tempo costumavam angariar para lhes formarem o sequito e guardarem sua pessoa; quando não serviam, como tantas vezes aconteceu, de cegos instrumentos a vinganças e odios sanguinarios.

Em geral essa gente adoptara um trajo em que a moda portugueza do tempo era modificada pela influencia do sertão. Aquelles porém traziam um gibão verde guarnecido de galão branco, uma

vestia amarella e calções da mesma côr com botas pretas e chapéos á frederica.

Larga catana á ilharga, trabuco a tiracollo e adaga á cinta, além dos pistoletes nos coldres, completavam o esquipamento destes individuos cuja sinistra catadura já de si incutia mais susto do que as proprias armas.

Traziam mais, preza á borraina da sella e suspensa ás ancas do animal, a larga machada que servia-lhes no caso de necessidade para abrir a picada na mata virgem, ou improvisar uma ponte sobre o rio cheio. Utensilio indispensavel naquelle tempo ao viajante, que muitas vezes o transformava em arma terrivel.

Ia de cabo á essa força, um homem de exigua figura, magriço, que trajava como os seus companheiros, com a differença de trazer a farda de panno verde e o chapéo de feltro agaloados de prata.

Esta escolta acompanhava duas pessoas que eram sem duvida os donos do comboio.

A primeira, homem de cincoenta annos, de alto porte e compleição robusta, mostrava pelo chapéo armado e pela farda escarlate com galões dourados, ser um capitão-mór de ordenanças. Montava

cavallo russo-pedrez, o qual dava testemunho de seu vigor na galhardia com que supportava o pezo do corpulento cavalleiro, além de umas vinte libras da prata dos arreios.

A segunda personagem, dama de meia idade, mas bem conservada e prasenteira, manejava com donaire o seu cavallo castanho, tambem ajaezado da prata como o de seu marido. O vestido de montar era de fino droguete verde-garrafa com alamares de torçal de ouro, e o chapéo, em fórma de touca, ornado de um cocar de plumas tricolores, que ao movimento do cavallo, se agitavam em torno da cabeça.

Actualmente viaja-se pelo nosso interior em habitos caseiros; não era assim naquelle bom tempo em que um capitão-mór julgaria derogar da sua gravidade e importancia, si fossem vistos na estrada, elle e a esposa, sem o decoro que reclamava sua gerarchia.

Accresce que o capitão-mór Gonçalo Pires Campello e sua mulher D. Genoveva estavam a chegar á sua fazenda da *Oiticica*, onde pretendiam entrar antes de uma hora com a solemnidade, que ali era de costume, sempre que os donos voltavam depois de alguma ausencia.

A ultima pessoa da cavalgada, ou antes a primeira, pois rompia a marcha, era D. Flôr, a filha do capitão-mór. Formosa e gentil, esbeltava-lhe o corpo airoso um roupão igual ao de sua mãi com a differença de ser azul a côr do estofo.

Trazia um chapéo de feltro á escudeira, com uma das abas cahida e a outra aprezilhada um tanto de esguelha pelo broche de pedrarias donde escapava-se uma só e longa pluma branca, que lhe cingia carinhosamente o collo como o pescoço de uma garça.

Na moldura desse gracioso toucado, a belleza deslumbrante de seu rosto revestia-se de uma expressão cavalheira e senhoril, que era talvez o traço mais airoso de sua pessoa. No olhar que desferia a luminosa pupilla ; na seriedade de seus labios purpurinos, que ainda cerrados pareciam enflorar-se de um sorriso crystalisado em rubim ; na gentil flexão do collo harmonioso ; e no garbo com que regia o seu fogoso cavallo ; assomavam os realces de uma alma elevada que tem consciencia de sua superioridade, e sente ao passar pela terra a elação das azas celestes.

O soffrego baio mastigava o freio e espumava, porém a mão firme da linda escudeira, calçada de

comprido guante de seda, que lhe vestia o braço até à curva, retinha os impetos do animal, impaciente desde que aspirara as emanações dos campos nativos.

A chapada, que os viajantes atravessavam neste momento, tinha o aspecto desolado e profundamente triste que tomam aquellas regiões no tempo da secca.

Nessa epoca o sertão parece a terra combusta do propheta; dir-se-hia que por ahi passou o fogo e consumiu toda a verdura, que é o sorriso dos campos e a gala das arvores, ou o seu manto, como chamavam poeticamente os indigenas.

Pela vasta planura que se estende a perder de vista, se irriçam os troncos ermos e nús com os esgalhos rijos e encarquilhados, que figuram o vasto ossuario da antiga floresta.

O capim, que outrora cobria a superficie da terra de verde alcatifa, roido até a raiz pelo dente faminto do animal, e triturado pela pata do gado, ficou reduzido a uma cinza espessa que o menor bafejo do vento levanta em nuvens pardacentas.

O sol ardentissimo, côa atravez do mormaço da terra abrazada uns raios baços que vestem de

uma mortalha livida e poenta os esqueletos das arvores, enfileirados uns apoz outros como uma lugubre procissão de mortos.

Apenas ao longe se destaca a folhagêm de uma oiticica, de um joazeiro ou outra arvore vivaz do sertão, que elevando a sua copa virente por sobre aquella devastação profunda parece o derradeiro arranco da seiva da terra exhausta a remontar ao céo.

Estes ares em outra epocha povoados de turbilhões de passaros loquazes, cuja brilhante plumagem rutilava aos raios do sol, agora ermos e mudos como a terra, são apenas cortados pelo vôo pesado dos urubús que farejam a carniça.

As vezes ouve-se o crepitar dos gravetos. São as rezes que vagam por esta sombra do matto, e que vão cahir mais longe, queimadas pela sede abrazadora ainda mais do que inanidas pela fome. Verdadeiros espectros, essas carcassas que se movem ainda aos ultimos arquejos da vida, inspiraram outrora as lendas sertanistas dos bois encantados, que os antigos vaqueiros, deitados ao relento no terreiro da fazenda, contavam aos rapazes nas noites de luar.

Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa

quadra, depois de longa secca, sente confranger-se-lhe a alma até os ultimos refolhos em face dessa inanição da vida, desse immenso holocausto da terra.

E' mais funebre do que um cemiterio. Na cidade dos mortos as lousas estão cercadas por uma vegetação que viça e florece ; mas aqui a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de leguas não é mais do que o vasto jazigo do uma natureza extincta, e o sepulchro da propria creação.

Das torrentes caudaes restam apenas os leitos estanques, onde não se encontra mais nem vestigios da agua que os assoberbava. Sabe-se que ali houve um rio, pela depressão ás vezes imperceptivel do terreno, e pela areia alva e fina que o enxurro lavou.

E' nos estuarios dessas alluviões do inverno, conhecidos com o nome de varzeas, onde se conserva algum vislumbre da vitalidade, que parece haver de todo abandonado a terra. Ahi se encontram, semeadas pelo campo, touceiras irriçadas de puas e espinhos em que se entrelaçam os cardos e as carnaubas. Sempre verdes, ainda quando não cahe do céo uma só gota de orvalho, estas

plantas symbolisam no sertão as duas virtudes cearenses, a sobriedade e a perseverança.

O capitão-mór havia sesteado a quatro legoas da fazenda, e partira á tarde quando já quebrara a força do sol, contando chegar á sua casa á noitinha.

Nessas horas do occaso o sertão perde o aspecto morno, acerbo e desolador que toma ao dardejar do sol em braza. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancolico; é tambem a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosphera incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora.

A' medida que se approximava da fazenda, o capitão-mór Campello ia observando com maior attenção o estado dos terrenos que atravessava, e a proposito dirigia a palavra, umas vezes a sua mulher, outras a um dos acolytos, o que parecia o cabo da escolta, e que lhe ficava mais proximo.

Ao longo do caminho, de um e outro lado, alvejavam, entre as maravalhas dos ramos queimados pelo sol, as ossadas dos animaes que já tinham succumbido aos rigores da secca.

— A secca por aqui foi rigorosa, D. Genoveva; disse o capitão-mór.

— Hade vêr, Sr. Campello, que poder de gado se perdeu.

— Com isso já conto eu ; as ossados que temos encontrado estão mostrando. Não é um boi que lá está cahido, Agrella ?

— Lá ao pé da mariseira, Sr. capitão-mór ? Aquelle já esticou a canella.

— Aposto que deixaram entupir as cacimbas ? acudiu D. Genoveva.

— Não duvido ; respondeu Campello.

Nesse momento chegavam os viajantes a uma pequena elevação, d'onde se avistava ao longe, sobre aquella mata adusta a copa verde e frondosa de uma prócera oiticica.

Um dos acostados que trazia a trombeta a tiracollo, levou-a á boca, e tocou uma alvorada cujos sons festivos derramaram-se pelo espaço e encheram a solidão.

O fogoso cavallo em que montava a gentil donzella, já excitado desde que primeiro sentira as auras da terra natal, com os rebates da trompeta se arremessou impetuoso pelo caminho da fazenda.

D. Flor deixou-o desafogar aquelle generoso anhelo que tambem lhe assomava n'alma ao

reconhecer os sitios onde passara a sua infancia e lhe corriam felizes os annos da juventude.

Logo abaixo da eminencia, o caminho dividia-se; uma trilha estendia-se pelos taboleiros, a outra serpejava pelo doce aclive que já ali formavam as abas da proxima serra. Sobre essa lomba, cujo terreno estava menos abrazado por causa das filtrações da montanha, as arvores ainda conservavam a folhagem, que tornava-se mais embastida e virente, a proporção que se avisinhavam das cabeceiras do Sitiá.

Foi por este ultimo caminho que tomou a donzella e breve desappareceu entre a ramagem.

— Flor ! gritara D. Genoveva chamando-a.

Mas ella voltou-se para sorrir á sua mãi, fazendo-lhe um gesto prasenteiro ; e deixou-se levar pelo ardego ginete.

A moça breve desappareceu encoberta pelo mato ahi mais fechado, e revestido ainda de alguma rama, embora rara e crestada.

Com a rapidez do galope, o vento agitava os cabellos castanhos da donzella, fustigando-lhe o rosto, e ella experimentava um indizivel prazer, como si a terra de seu berço lhe abrisse os braços

carinhosa, e a estivesse apertando ao seio, e cobrindo-lhe as faces de beijos.

Cerrando a meio os olhos, engolfada nessa illusão, parecia-lhe que a terra natal, tomava as feições da ama que a creara, da boa Justa, de quem se apartara pela primeira vez com tamanha saudade.

De repente o brioso cavallo que relinchava de alegria, irriçou a crina e soltou do peito um ornejo surdo, lançando os olhos pavidos para a esquerda do caminho.

D. Flor pensando que esse terror proveria de ter o baio presentido no mato a carniça de alguma rez, affagou-lhe o pescoço com a mãosinha afilada, excitando os brios do animal por uma caricia da voz

Mas o cavallo estacou espavorido, com o pello hispido e as narinas insufladas pelo terror.

II

O DESMAIO.

A par com a comitiva, mas por dentro do mato, caminhava um viajante á escoteira.

Parecia acompanhar o capitão-mór, porém de longe, ás occultas, pois facilmente percebia-se o cuidado que empregava para não o descobrirem, já evitando o menor rumor, já affastando-se quando o mato raleava a ponto de não esconde-lo.

Sua paciencia não se cançava; tinha caminhado assim horas e horas, por muitos dias, com a perseverança e a subtileza do caçador que segue o rasto do campeiro. Não perdia de vista a comitiva, e quando a distancia não lhe deixava escutar as fallas, adivinhava-as pela expressão das phisionomias que seu olhar sagaz investigava por entre as ramas.

O cavallo cardão, que elle montava, parecia comprehende-lo, e auxilia-lo na empreza; não era

2

preciso que a rédea lhe indicasse o caminho. O intelligente animal sabia quando se devia metter mais pelo mato, e quando podia sem receio aproximar-se do comboio. Andava por entre as arvores com destreza admiravel, sem quebrar os galhos, nem ramalhar o arvoredo.

Tinha o cavallo um porte alto e linda estampa; mas nessa occasião, além da fatiga da longa viagem que devia emmagrece-lo, sobretudo por uma secca tão rigorosa, o animal vaqueano conhecia que não era occasião de enfeitar-se, riflar e dar mostras de sua galhardia. De feito tinha mais aspecto de um grande cão montado por seu senhor, do que de um corsel.

Era o viajante moço de vinte annos; de estatura regular, agil, e delgado de talhe. Sombreava-lhe o rosto, queimado pelo sol, um buço negro como os compridos cabellos que annellavam-se pelo pescoço. Seus olhos, rasgados e vividos, dardejavam as vehemencias de um coração indomavel.

Nesse instante o constrangimento á que a espreita o forçava, tolhia-lhe os movimentos, e embotava a habitual impetuosidade; mas ainda assim, nesses agachos de caçador a esgueirar-se

pelo mato, percebia-se a flexibilidade do tigre, que roja para arremessar o bote.

Vestia o moço um trajo completo de couro de veado, curtido á feição de camurça. Compunha-se de vestia e gibão com lavores de estampa e botões de prata; calções estreitos, botas compridas, e chapéo á hespanhola com uma aba revirada á banda e tambem pregada por um botão de prata.

Ainda hoje esse trajo pittoresco e tradiccional do sertanejo, e mais especialmente do vaqueiro, conserva com pouca differença a feição da antiga moda portugueza, pela qual foram talhadas as primeiras roupas de couro. Ultimamente já costumam faze-las de feitio moderno, mas não têm o valor e estimação das outras, cortadas pelo molde primitivo.

Trazia o sertanejo, suspensa á cinta, uma catana larga e curta com bainha do mesmo couro da roupa, e na garupa a malleta de pellego de carneiro, com uma clavina atravessada e um masso de relho.

Quando a comitiva chegou á eminencia d'onde se avistava a oiticica, o viajante acompanhou com os olhos a donzella até que seu vulto gracioso desappareceu entre o arvoredo; e dando volta ao

cavallo afastou-se vagarosamente do caminho da fazenda.

Não tinha, porém, andado vinte braças, que sua phisionomia trahiu subita inquietação. Reclinando sobre o arção, prescrutou com o olhar o mato que o rodeava. Ouvia-se ao longe um leve crepitar, semelhante ao rugir do vento nas palmas crenuladas da carnauba.

O que porém mais preocupava o sertanejo era a calida rajada que ao passar escaldara-lhe o rosto. Arripiando caminho avançou contra o bochorno para verificar a causa, que tinha logo supposto.

Seu cavallo cardão rompeu o mato a galope, como quem estava acostumado a campear o barbatão no mais espesso bamburral ; e com pouco o sertanejo, atalhando a distancia, avistou D. Flor parada além, no caminho.

A donzella debalde fustigava o baio, que recuava cheio de terror. Tambem ella sentira-se envolta por uma evaporação ardente, que se derramava na atmosphera, e opprimia-lhe a respiração, mas, occupada em vencer a relutancia do animal, não prestara ao incidente maior attenção.

Nisso levantou-se no mato um fortissimo estrepito que rolava como o borbotão de uma torrente; e a donzella viu, tomada de espanto, um turbilhão de fogo que assomava ao longe e precipitava-se contra ella para devora-la.

Conhecendo então a causa do terror que assustara o animal, e presentindo o perigo que a ameaçava, lembrou-se a donzella de retroceder; mas outro bulcão de chammas já arrebentava por aquella banda e tomava-lhe o passo.

O incendio, causado por alguma queimada imprudente, propagava-se com fulminante rapidez pelas arvores mirradas que não passavam então de uma extensa mata de lenha. A labareda, como a lingua sanguinolenta da hydra, lambia os galhos ressequidos, que desappareciam tragados pela fauce hiante do monstro.

No seio do denso pegão do fumo, que já submergia toda a selva, rebolcava-se o incendio, como um ninho de serpentes que se arremettiam furiosas, enristando o collo, brandindo a cauda, e desferindo silvos medonhos.

Ao mesmo tempo parecia que a tormenta percorria a floresta e a devastava. Ouvia-se mugir o vento, agitado pelo reçolho ardente e ruidoso das

chammas; um trovão soturno repercutia nas entranhas da terra, e a cada instante, no meio do constante estridor da ramagem, reboavam com os surdos baques dos troncos altaneiros, os estertores da floresta convulsa.

Do meio desse torvelinho, o dragão de fogo se arremessava desfraldando as duas azas flammantes, cujo bafo abrazado já crestava as faces mimosas de D. Flor, e a revestiam de reflexos purpureos.

Entre as duas torrentes igneas que transbordavam innundando o campo e não tardavam sossobral-a, a donzella não desanimou, e fez um supremo esforço para arrancar seu cavallo do estupor que lhe causava o terror do incendio.

Negros rolos de fumo, porém, a envolveram, e suffocada pelo vapor ella sentiu desfallecer-lhe a vida.

Então com um gesto de sublime resignação cruzou as mãos ao peito, reclinou a linda fronte, e abandonou-se á morte cruel, que vinha ceifar-lhe sem piedade a primicia de sua belleza, quando apenas desabrochava.

Nenhum grito lhe rompeu do seio nessa tremenda angustia ; com o nobre pudor das almas

altivas recalcou o supremo gemido, e em seus labios mimosos a voz feneceu exhalando apenas esta palavra, que resumia toda a sua affliçāo :

— Jesus !...

O corpo desmaiado resvalou pelo flanco do baio, mas não chegou a cahir. Um braço robusto a suspendeu quando já a fralda do roupão de montar arrastava pelo chão.

Apenas o sertanejo conheceu o perigo em que se achava a donzella, rompeu-lhe do seio um grito selvagem, o mesmo grito que fazia estremecer o touro nas brenhas, e que dava azas ao seu bravo campeador.

No mesmo instante achava-se perto da moça, a quem tomara nos braços. Para salva-la era preciso voltar antes de fechar-se o circulo de fogo, que já o cingia por todos os lados com excepção da estreita nesga de terra por onde acabava de passar.

Não houve de sua parte a minima demora ; o campeador devorou o espaço, e não se poderia dizer que chegara, pois sem parar voltara sobre os pés. Mas o incendio tinha as azas do dragão ; retrocedendo, achou-se o sertanejo em face de um bulcão de chammas que o investia.

As duas trombas de fogo, que desfilavam pelo campo fóra, se haviam encontrado, não frente a frente, mas entrelaçando-se, de modo que deixavam ainda, de espaço em espaço, restingas de mato poupadas pelas chammas.

Arrojou-se o mancebo intrepidamente nessa voragem. Estreitando com o braço direito o corpo da donzella cujo busto envolvera em seu gibão de couro; com um leve aceno da mão esquerda suspendia pelas rédeas o bravo campeador que, de salto em salto, transpoz aquellas torrentes de fogo, como tantas vezes sobrepujara os rios caudalosos, abarrotados pelas chuvas do inverno.

Fustigado pelas chammas que já o attingiam, e instigado tambem do exemplo, o baio, sahindo afinal do torpôr que delle se apossara, disparou á colla do brioso campeador; porém, menos intrepido e agil, muitas vezes tropeçou no brazeiro, donde a custo pôde safar-se.

Para rodeiar a columna de fogo que lhe cortava o caminho da fazenda, teve o sertanejo de dar grande volta, que o levou aos fundos da habitação, completamente deserta nesse momento, pois todos os moradores e gente do serviço, avisados

pelo toque da trombéta, haviam acorrido para o terreiro da frente a receber os donos e festejar a chegada.

Saltou o mancebo em terra sem esperar auxilio, e atravessando a varanda deitou o corpo desfallecido de D. Flor no longo canapé de couro adamascado, que ornava a sala principal.

Compoz rapidamente, mas com extrema delicadeza, as amplas dobras da saia de montar, para que não offendessem o casto recato da donzella, descobrindo-lhe a ponta do pé, nem desconcertassem a graciosa postura dessa linda imagem adormecida. Com os olhos enlevados na contemplação da formosa dama, agitava como leque a aba de seu chapéo de couro, refrescando-lhe o rosto.

Não assustava ao sertanejo a immobilidade da moça; durante a corrida, apezar do estrepito do incendio e do esforço que empregava para arrancal-a às chammas, não cessara um instante de ouvir sobre o peito a palpitação do coração de D. Flor, a principio violenta, que foi moderando-se gradualmente.

Conheceu que não passava isso de um simples desmaio causado pelo vapor do incendio. Com o repouso e a inspiração do ar mais vivo e fresco,

a donzella não tardaria a voltar a si. Mas si não receiava já pela vida preciosa que salvara, todavia não se desvaneceu completamente a inquietação do mancebo pelas consequencias que podia ter aquelle susto para a saude e tranquillidade de D. Flor.

Este disvello extremo enchia-lhe os olhos, os feros olhos negros, que fusilavam procellas nos assomos da ira, e que agora, ali, em face da menina desfallecida, se quebravam mansos e timidos, espreitando a volta do espirito gentil que animava aquella formosissima estatua, e estremecendo ao mesmo tempo só com a lembrança de que as palpebras cerradas pelo desmaio se abrissem de repente, e o castigassem com mostras de desprazer.

Indefinivel era a uncção desse olhar em que o mancebo embebia a virgem, como para reanimal-a com os effluvios de sua alma, que toda se estava infundindo e repassando da imagem querida. Ninguem que o visse momentos antes, lutando braço a braço com o incendio, gigante contra gigante, acreditara que esse coração impetuoso encerrasse o manancial de ternura, que fluia-lhe agora do semblante e de toda sua pessoa.

A respiração da donzella, sopitada pela vertigem, foi-se restabelecendo; o seio arfou brandamente com o primeiro alento, e na face qne parecia de alabastro perpassara um frouxo vislumbre de côr.

Ajoelhou então o sertanejo á beira do canapé; tirando do peito uma cruz de prata, que trazia ao pescoço, presa a um relicario vermelho, deitou-a por fóra do gibão de couro. Com as mãos postas e a fronte reclinada para fitar o symbolo da redempção, murmurou uma Ave-Maria, que offereceu á Virgem Santissima como acção de graças por haver permittido que elle chegasse a tempo de salvar a donzella.

Terminada a oração, volveu a vista em torno como si temesse que as paredes se crivassem de olhos para espia-lo, e prescrutou o semblante da donzella com uma expressão pavida e supplicante. Afinal, tremulo, pallido, qual si commettesse um crime, curvou-se e beijou a franja que guarnecia o fraldelhim do roupão, como se beija a mais santa das reliquas.

Tenue suspiro exhalou dos labios já rosados da donzella; a mão esquerda moveu-se com um brando gesto que a approximara do seio. O

mancebo retrahira-se vivamente, para o lado da cabeceira : e á medida que os signaes do recobro se manifestavam na menina, elle, sempre voltado para o canapé, sem tirar-lhe os olhos do semblante, se affastava de costas em direcção á varanda. Cada movimento de D. Flor, era um passo que elle dava, prompto a desapparecer da sala como uma sombra.

Já proximo á porta, violenta commoção o abalou. Dos labios frouxos da donzella se desprendera em mavioso queixume um nome, e esse nome era o seu :

— Arnaldo !

Irresistivel impulso arrojou-o para a donzella; mas, como o cedro que o vento inclina, sem arranca-lo do sólo onde lançou a profunda raiz, o sertanejo tinha dentro d'alma um poderoso sentimento, que lhe encadeiava os assomos da paixão, e o soldava ao pavimento.

Foi lentamente e com supremo esforço tornando do primeiro elance, até que, arrancando-se emfim ao encanto que ali o prendera, desappareceu da sala.

Levantara-se então um grande alarido no terreiro da casa.

III

A CHEGADA.

Quando o capitão-mór reconheceu os primeiros signaes de incendio, preveniu a gente de sua escolta.

— Queimada, Agrella? disse elle sorpreso. Neste tempo e nestas paragens, nao póde ser.

— E' que vem de longe, observou o tenente fincando as esporas no cavallo. Toca ávante a escolta.

O troço de cavalleiros disparou com a machada em punho, desbastando o mato de uma e outra banda para formar um largo aceiro que impedisse o fogo de propagar-se pela floresta.

Emquanto elles abatiam as maravalhas e ramadas altas que facilmente concebiam a chamma e a communicavam, os peões, chamados a tempo,

arredavam para longe todo esse chamiço, isolando os grosso troncos, que se não podiam facilmente derrubar na occasião.

No meio dessa faina que o capitão-mór dirigia em pessoa e animava com a palavra e o exemplo, sôou um grito de affliçāo. Partira de D. Genoveva, a quem de repente acodiu a idéa do perigo que podia correr a donzella nesse instante, si é que já não fôra victima da horrivel catastrophe :

— Minha filha !... Flor !... bradava a desolada mãi.

E ora queria atravessar por dentro da mata abrazada, levada pelo desespero á busca da menina ; ora voltava-se para o marido com as mãos postas, supplicando-lhe que a amparasse naquella ancia.

Rapida contracção frisou o rosto grave e placido do capitão-mór, que logo dominou-se. Podia medir-se a energia que recalcou a primeira impulsão, pela força com que o velho se firmou na sella, vergando ao seu peso o espinhaço da cavalgadura á feição de um arco.

— Não se assuste, D. Genoveva ! disse com voz socegada. Nossa filha não corre perigo.

— De certo, acodiu Agrella ; a doninha passou

antes que o fogo chegasse ao caminho, sinão teria voltado.

— Esteja descançada, minha mulher. D. Flor já chegou á nossa casa; observou o capitão-mór, e tornou ao serviço. Aguenta, rapazes!

— Quem sabe, Sr. Campello; Flor é tão animosa! Talvez teimasse em passar para mostrar que não tem medo.

— Mas, senhora dona, insistiu o Agrella, si tivesse acontecido alguma cousa, de que Deus nos livre e guarde....

— Amen! disse a dama.

O capitão-mór tirou o chapéo, gesto que toda a escolta imitou.

— Por força que se havia de ouvir!

— Com esse barulho do fogo, que parece uma trovoada!...

— Lá o grito da doninha, não digo nada, mas o rincho do cavallo chega longe; e então quando o fogo começasse a chamuscar-lhe a pelle!

— Convença-se do que lhe digo, senhora; acrescentou o capitão-mór.

— A prova ahi está! Não ouve, senhora dona? Um cavallo que está rinchando lá em casa?

— E' verdade! exclamou D. Genoveva.

Agrella applicou o ouvido:

— E não é outro sinão o baio!

— Está vendo, D. Genoveva?

A inquietação da mãi abrandou um tanto, mas não serenou de todo. Nessas occasiões, quando um grande susto abala profundamente o coração, deixa uma incredulidade, que se não desvanece com palavras, e muitas vezes resiste á propria realidade.

E' só depois que ao coração, como ao lago revolto pela tempestade, volta a bonança, que elle recobra sua limpidez, na qual espelha as celestes esperanças.

— Em quanto meus olhos não virem Flor, eu não fico socegada, Sr. Campello.

O capitão-mór voltou-se para Agrella.

— Minha senhora dona já póde passar; disse o tenente. Olá o Xavier e o Bemtevi!

— Prompto! disseram dois sequazes acodindo á ordem do cabo.

— Ordena o Sr. capitão-mór que acompanhem á casa a Sra. D. Genoveva? perguntou Agrella.

— Ordeno!

— Até logo, Sr. Campello. Não se demore; já basta de affligões.

O capitão-mór fez á mulher uma respeitosa cortezia, e emquanto ella se encaminhava á fazenda tornou ao serviço que sua gente emprehendera para atalhar o incendio, e salvar as matas visinhas, ameaçadas de ficarem reduzidas á cinzas.

O trabalho avançara rapidamente á ponto de poder D. Genoveva atravessar para o outro lado sem necessidade de fazer grande volta. O aceiro aberto na direcção da fazenda, tinha cortado a tromba do incendio que o vento impellia naquelle rumo, de modo que não foi difficil ilha-lo nessa porção de terreno já devastada, onde brevemente, consumido pela chamma todo o combustivel, começou a apagar-se, ficando apenas o brazido.

Todavia, não era prudente abandonar esse immenso borralho, donde o vento á cada instante levantava enxames de fagulhas, que inflammavam-se no ar, e podiam atear novamente o fogo no mato cheio de gravetos e chamiços.

Agrella não descançou emquanto não extinguiu de todo o fogo na largura de umas dez braças, e ainda assim postou de espaço á espaço vigias que ahi deviam ficar durante a noite, para

dar aviso de qualquer accidente, quando por si não o pudessem remediar.

Durante essa arriscada e ardua tarefa, a gente da escolta e do comboio não deixava de torcer-se com a impaciencia de Agrella, mas ali estava o capitão-mór que não sómente não se poupava para dar o exemplo, como não duvidaria esborrachar com um murro a cabeça do primeiro que respingasse contra o seu tenente.

Com pouco appareceu o reforço da gente da fazenda, que avisada pela chegada de D. Genoveva, corria em soccorro, e déu a ultima demão ao serviço.

— Podemos seguir, Sr. capitão-mór, si V. S. não manda o contrario.

— Vamos!

Só então o capitão-mór Campello resolveu-se á deixar aquelles sitios para dirigir-se á sua casa da qual se achava ausente havia mezes, e á que tão á proposito voltara para salva-la da ruina de que não escaparia com certeza, si o fogo continuasse com a violencia em que ia.

Entretanto havia chegado D. Genoveva ao terreiro, onde a aguardava novo susto.

Toda a gente da casa, aggregados e servos,

apinhada no meio do pateo, em frente ao caminho esperava anciosa que apparecesse a cavalgada para recebel-a com as alviçaras, toques e acclamações de prazer, que eram de uso em taes occasiões.

D. Genoveva, apenas entrou no terreiro, sem attender ás festas com que a saudavam, foi em altas vozes perguntando pela filha às primeiras pessoas que lhe sahiam ao encontro.

— Flor?... onde está Flor?...

Esta pergunta instante deixou á todos sorprezos. Não podiam comprehender como a dona lhes pedia novas de uma pessoa, que devia estar á essa hora em sua companhia e chegar justamente com ella e o marido.

A hesitação que se pintava em todos os semblantes, o espanto que já assomava nos gestos de alguns, lançou outra vez á mãi extremosa na mesma, sinão mais cruel afflicção.

— Minha filha!... gritou com um clamor de angustia. Não viram minha filha?... Ella não chegou?... Então, meu Deus, está morta! O fogo a queimou!...

A dama se arremessara da sella ao chão, e estorcendo os braços convulsos, arrancava os

cabellos que se desgrenhavam revoltos pelas espaduas.

Nem uma das mulheres presentes, crias de sua casa e famulos, se animava á consolar a dôr suprema da mãi, que perde a filha. Limitavam-se á acompanhal-a com o pranto e á velar sobre ella, para amparal-a, si afinal desfallecesse com o atroz supplicio.

Foi o capellão, o padre Telles, quem no exercicio do santo ministerio dirigiu palavras de conforto à mãi afflicta.

— Lembre-se a dona que mais soffreu a mãi de Christo, vendo seu filho não só morto e crucificado, mas coberto de baldões. E ella bebeu resignada esse calice de amargura !...

Mas outro grito soou ahi perto, que á todos estremeceu :

— Minha mãi !

Na janella da casa assomara o vulto de D. Flor, que tambem inquieta pela sorte dos pais á quem estremecia, soltava uma exclamação de desafogo, avistando sua mãi.

D. Genoveva cahiu de joelhos, dando graças à Deus que lhe restituia a filha ; e quando ergeu-se

foi para estreitar ao peito a donzella que se lançara em seus braços.

— E meu pai? interrogou a menina assustada.

— Não lhe aconteceu nada; socega; ficou atraz para apagar o fogo; eu é que não podia descançar emquanto não te visse perto de mim, livre de perigo... Que desespero, quando cheguei, e ninguem sabia de ti! Como não morri, meu Deus!

— Já passou! murmurava D. Flor. Agora socegue, que aqui está sua filha querida.

— Sim; sim; parece-me que ainda mais te quero depois que te chorei perdida.

A' esse tempo já toda a gente de serviço corria para o logar do fogo.

Entre as mulheres que cercavam a dama e sua filha, nem uma tomara maior parte nas afflicções, como nas alegrias maternaes, do que uma sertaneja alta e robusta sem corpulencia, que mostrava no semblante rude porém amoravel, uma franqueza de captivar.

Era essa a Justa, a ama de D. Flor, cujo amor pela menina ás vezes causava ciumes á D. Genoveva, tamanha era a devoção da carinhosa aldean por sua filha de criação.

Apenas se desprendeu dos braços de sua mãi, D. Flor se atirou com effusão á Justa, que esperava essa caricia, como seu foro e juro de segunda mãi. A alentada sertaneja não se contentou com qualquer affago, dos que se costumam fazer as moças ; tomou a menina ao collo, e conchegando-a á si como fazia outrora quando a trazia aos peitos, comeu-a de beijos desde as macias tranças dos cabellos até á ponta dos pequeninos pés, calçados de coturnos de setim escarlate.

— Olhem só, gentes !... como veio bonita !... Está se rindo, hem !... Teve saudades de sua mamãi ?... Teve !... Teve !... Não havia de ter !... Porque não voltou logo ?... A gente tanto tempo aqui penando !... Pois agora ha de pagar ! Tome ! Um, dois, tres...cem !... Ah! cuida que não me hei de desforrar ?

Tudo isto interrompido por mil carinhos, e entremeado dessa ingenua garrulice com que as mãis fallam aos filhinhos de collo, e que elles parecem entender ; misteriosa linguagem do mais sublime affecto, formada de arrulhos, de caricias, e de ternos balbucios.

Dona Flor deixava-se acariciar ; e cheia de risos, mostrava no semblante o contentamen-

to que sentia banhando-se nessas effusões de amor.

— Então lembrou-se muito de mim, mamãi Justa? disse D. Flor.

— Nem se falla, gente!

A donzella pôde emfim receber as festas das companheiras da Justa; com todas mostrou-se affectuosa; porém mais especialmente com uma moça que no seu timido receio não ousava approximar-se.

— Adeus, Alina; vem abraçar-me.

Entraram afinal as duas senhoras na sala principal.

— Ainda não me disseste, Flor! tornou D. Genoveva, sentando-se no sofá e chegando a filha para junto de si, como que ainda receiosa de que lh'a arrebatassem. O fogo assustou-te muito, ou não havia nada quando passaste?

— Pensei morrer! exclamou D. Flor erriçando-se á lembrança do transe horrivel que passara. Está bom; não fique outra vez afflicta! Para que fallar mais destas cousas?

— Não; conta, Flor!

— Foi um milagre. O baio espantadiço empacou; a principio não sabia o que era; quando

descobri o fogo, quiz voltar. Estava cercada ; via as labaredas correrem para mim, e parecia-me estarem folgando e rindo do medo que me causavam. Mas a fumaça de repente suffocou-me; e não soube mais de mim !... Vi que era chegada a minha ultima hora e encommendei-me á Deus.

— Jesus ! pôde afinal proferir D. Genoveva em quem se repetia a ancia já passada da filha. E como escapaste, Flor ?

— Não sei, minha mãi ; respondeu a menina ingenuamente. Disse-lhe já que foi um milagre ; não póde ser outra cousa. Nossa Senhora quiz valer-me !

— Pois foi mesmo Nossa Senhora da Penha de França ! affirmou a Justa, que ouvia de pé. E porisso ha de ter a sua novena de arrojo este anno, que foi a minha promessa, si trouxesse a minha filha e todos á salvamento.

— Obrigada, mamãi !

— Mas, Flor, como chegaste á casa sem que te acontecesse nada ?

— Não posso lembrar-me ! respondeu a menina pensativa, e evocando do intimo as vagas impressões que lhe fluctuavam no espirito. Desde

que a fumaça cobriu-me toda, como si fosse a minha mortalha, não vi mais nada; só dei accordo de mim, aqui, neste canapé!...

— Neste canapé! exclamou D. Genoveva attonita.

— E deitada, como si tivesse dormido.

— Foi a minha Senhora da Penha, que a trouxe nos braços. Porisso ninguem viu quando chegou.

— E' verdade! exclamaram outras vozes de mulher.

— Eu tinha accordado; não sabia onde estava, nem tinha idéa do que me acontecera. Ergui-me; e começava a reconhecer a casa, quando ouvi gritos no terreiro; corri à janella e dei com minha mãi.

A moça proferindo estas ultimas palavras lançou os braços ao pescoço da mãi, e ambas ficaram enlaçadas naquella ardente effusão com que novamente se restituiam uma á outra.

A maneira por que a donzella fora salva do incendio, ficou sendo um mysterio. A maior parte da gente da fazenda attribuiu o caso á intervenção divina, e acreditava que Nossa Senhora da Penha fizera um milagre em favor da menina,

e pela intercessão da Justa. Outras sem affirmar suppunham que a menina, trazida á casa pela disparada do cavallo, que se encontrou atado ao pillar da varanda, apeara-se fóra de si e cahira desmaiada de susto no sofá, não se recordando dessas circumstancias pelo abalo que soffrera.

Quanto á D. Flor, cogitando depois sobre o acontecimento que ameaçara a sua existencia, recordava-se de um grito que ouvira ao perder os sentidos e de um vulto que surgira de repente á seus olhos já annuviados pelas sombras da morte.

Mas essa impressão que ao despertar exhalava-se em um nome murmurado á flôr dos labios, seria a fugaz reminiscencia deixada por confusa realidade, ou illusão apenas da fantasia turbada pela vertigem?

IV

A HERDADE.

A morada da Oiticica assentava á meio lançante em uma das encostas da serra.

Erguia-se do centro de um terrado revestido de marachões de pedra solta. Por deante, além do terreiro, descia a rampa com suave ondulação até á planice; atraz da habitação, remontava-se ao dorso de uma eminencia d'onde cahia abrupta sobre um vale profundo que a separava do corpo da montanha.

Na frente elevava-se no terreiro, à algumas braças da estrada, a frondosa oiticica, d'onde viera o nome á fazenda. Era um gigante da antiga matta virgem, que outrora cobria aquelle sitio.

Na occazião da derrubada, sua magestosa belleza moveu o fasendeiro á respeital-a, destinando-a à ser como que o lar indigena da nova habitação fundada ahi nesses ermos.

As casas da opulenta morada eram todas construidas com solidez e dispostas por maneira que se prestariam sendo preciso, não somente á deffeza contra um assalto, como à resistencia em caso de sitio.

Occupava a maior area do terreiro um edificio de vastas proporções que prolongava duas azas para o fundo, flanqueando um pateo interior, bastante espaçoso para conter horto e pomar.

A' extremidade de cada uma dessas azas prendiam-se outros edificios menores, alguns já trepados sobre os pincaros alpestres, porém ligados entre si por massiços de rochedos que formavam uma muralha formidavel.

A tapeçaria e alfaias da casa eram de uma sumptuosidade que se não encontra hoje igual, não só em toda a provincia, mas quiçá em nenhuma vivenda rural do imperio.

Naquella epocha, porem, os fasendeiros tinham por timbre fazer ostentação de sua opulencia e cercar-se de um luxo regio, supprimindo assim em torno de si o deserto que os cercava.

Havia fasendeiro, e o capitão-mór Campello era um delles, que não comia senão em baixella de ouro, e que trazia na libré de seus criados

e escravos, bem como nos jaezes de seus cavallos, brocados, velludos e telas de maior custo e primor do que usavam nos paços reaes de Lisbôa os fidalgos lusitanos.

Datava do começo do seculo dezesete a primeira fundação da herdade ou fasenda, como já então se entrava a chamar esses novos solares que os fidalgos da fortuna iam assentando nas terras de conquista, como outrora o haviam feito no reino outros aventureiros, tambem ennobrecidos pelo valor e pelas façanhas.

Naturalmente lembraram-se nossos avoengos de pôr esse nome ás granjas de maior trafego pela rasão de representarem os grossos cabedaes e grandes posses de seus donos. Dahi veio a designação no norte aos cazaes de criação, como no sul aos predios de lavoura.

O gado de varias especies, que os primeiros povoadores tinham introduzido na capitania do Ceará, se propagara de um modo prodigiosio por todo o sertão, coberto de ricas pastagens.

Succedera o mesmo que nos pampas do sul; as raças se tornaram silvestres, e manadas de gado amontado, que ainda hoje na provincia chama-

se *barbatão*, vagavam pelos campos e enchiam as mattas.

Chegando a noticia desta riqueza ás capitanias visinhas, muitos de seus habitantes, ja abastados, vieram estabelecer-se nos sertões do Ceará ; e ali fundaram grandes herdades, obtendo as terras por sesmaria.

Nessa occupação do solo, a cobiça de envolta com o orgulho gerou as lutas acerrimas e encarniçadas que durante o seculo desoito assolaram a nascente colonia.

Entre todas, avulta a guerra de exterminio das duas poderosas familias dos Montes e Feitosa, que se acabou pelo anniquilamento da primeira. Desta barbara contenda ficou sinistra memoria não só na chronica da provincia, como no escholio de sua topographia.

Com outros sesmeiros, veio de Pernambuco o velho Campello, que tinha fundado a herdade, e a transmittira por successão havia já vinte annos ao filho, o actual capitão-mór.

No tempo da fundação da fazenda ainda o formoso e ameno sertão de Quixeramobim, que os primeiros povoadores haviam denominado *Campo*

maior por causa da extensão, achava-se quasi inhabitado.

Apenas se encontravam alguns ranchos onde se acolhia uma população vagabunda de aventureiros, que percorriam o sertão, vivendo das rapinas e dos recursos que lhes offerecia a fartura da terra.

Só em 1755 fundou-se sob a invocação de Santo Antonio de Padua a primeira freguezia, a qual mais tarde foi creada villa pela carta regia de 13 de Junho de 1789, que a separou do termo de Aracaty.

Sob o dominio do actual dono, a fazenda continuou á prosperar e com o volver dos annos adquiriu novas pertenças, com que mais se excedia; não lhe faltando nenhuma das commodidades e recreios que pedia um víver á lei da grandeza.

Tal era a herdade á que chegara o capitão-mór nessa tarde de 10 dezembro de 1764.

Tornava elle do Recife, aonde á volta de cada tres annos costumava fazer uma viagem. Desta vez levara a familia para mostrar a capital de Pernambuco á D. Flor, que ainda não a tinha visto; pois só para visitar a avó em Russas ou para assistir aos officios da semana santa no Icó,

havia a donzella alguma rara vez deixado a Oiticica onde nascêra.

Ao cabo de sua jornada, já em terras da fazenda, fora o capitão-mór atalhado pelo fogo, que afinal conseguira extinguir com sua gente.

Concluido o serviço, encaminhara-se para a casa e acabava de parar no terreiro, embaixo da oiticica.

A's acclamações com que o acolheu toda a gente da fazenda pressurosa ao seu encontro, respondeu com um aceno repetido da mão esquerda; e apeou-se afinal sem esforço, mas guardada a pausa e medida de que jámais se desairava.

Ali deu audiencia de chegada á todas as pessoas, que uma apoz outra, desde o capellão e o feitor até o ultimo dos escravos, todos vieram saudá-lo dando-lhe boa vinda; a cada um escutava com paciencia, examinando-lhe as feições para notar a mudança que por ventura fizera, e dirigindo-lhe alguma breve pergunta.

Depois que passou o ultimo da turma, volveu o capitão-mór os olhos para o seu feitor.

— Falta um!

— Com licença de vossa senhoria; parece-me que estão todos.

— E o Arnaldo ?

— Esse não se conta ; desde o dia em que o sr. capitão-mór sahiu de jornada, que elle tambem desappareceu da f..zenda.

— Ah ! Então é que pediu-nos licença, e nós lh'a concedemos.

— Com certeza que hade tel-a pedido ; accrescentou o Agrella.

Descarregou o capitão-mór no feitor um olhar que aturdiu :

— Manoel Abreu, chegamos e vimos achar o fogo nas mattas da Oiticica á meia legoa de nossa casa ; e ninguem na fazenda soube, nem acodiu em tempo. Como foi isto, Manoel Abreu ?

— Com licènça do sr. capitão-mór, saberá vossa senhoria que eu não sei. Ainda não estou em mim com um caso destes!

— Pois amanhã hade estar averiguado quem foi o causador do incendio, para lhe ser lançado conforme a culpa.

Dirigiu-se o fazendeiro ao portico da casa, cujos degráos subiu, para entrar na sala pintada de florões a fresco pelo tecto e pelas paredes, e guarnecida de moveis de jacarandá forrados de moscovia com taxas de prata.

Ali estavam ainda D. Genoveva e a filha que se levantaram para recebel-o.

Então, só então, quando todos os deveres de dono da propriedade estavam cumpridos, consentiu o capitão-mór que afinal pulsasse o seu coração de pai.

Cingindo com o braço o talhe de D. Flor, cerrou-a ao peito; no desusado alvoroto que perpassou-lhe a phisionomia sempre calma e serena, se reconhecia que a alma fora profundamente percussa.

Depois que abraçou a filha, sem arroubos, solemne mas prolongadamente, o capitão-mór levou-a para o sofá e sentando-a defronte de si esqueceu-se á fita-la, como si não a tivesse visto por largo trato e se quizesse recuperar dessa privação de sua imagem.

Este pormenor mostrava o relevo do homem que era o capitão-mór. Formalista severo, addicto ás regras e cerimonias, que se esmerava em observar escrupulosamente, imbuido de uma gravidade, que tinha por essencial ao decoro de uma pessoa de sua cathegoria e posição, sujeitava todos os affectos como todos os interesses á essa rigorosa disciplina das maneiras.

Não era porém esse modo do Campello a affectação ridicula de meneios em que se requinta a fatuidade ; e sim uma temperança de gesto e de palavra, que se comedíam pelo recéio de descahirem em vulgaridades.

Nascia tal resguardo do nobre estimulo de manter o estado que lhe havia creado a fortuna. Campello provinha de sangue limpo, mas plebeo ; e almejando um pergaminho de nobresa, que emfim alcançara, elle queria merecel-o por seus dotes, e ser primeiro fidalgo na pessoa, do que no brasão.

Assentava bem esse temperamento do gesto no porte avantajado do capitão-mór e imprimia-lhe ao aspecto muita dignidade.

Sua compleição robusta ostentava-se na plenitude do vigor aos toques dessa moderação inabalavel ; e a phisionomia cheia, placida e seria impunha a quantos lhe fallavam, um irrisistivel acatamento.

Emquanto o capitão-mor comprazia-se em contemplar a filha, D. Genoveva referia ao marido o perigo á que havia por milagre escapado a donzella ; e no meio da sua narrativa não deixou de insinuar uma doce exprobação á fleugma que o

marido conservara quando ella lhe communicara seus terrores.

— Eu tinha fé em Deos qne nos havia de conservar nossa filha, D. Genoveva; respondeu serenamente Campello.

Já de todo cahira a tarde; e as sombras da noite se desdobravam pelas encostas da serra.

Os viajantes recolheram aos seus aposentos, emquanto não chegava a hora do terço de Nossa Senhora, que antes da ceia se devia rezar na capella, em louvor e graça pela chegada dos donos da casa.

A campa tangida vivamente soltava os repiques argentinos, sombreados pela surdina dos longos pios das aves noturnas, e dos ulos da brisa nas grotas da serra.

V

JOB.

Retirando-se da sala ao despertar da donzella, Arnaldo sahira fóra no pateo.

Ahi encontrou ao lado de seu cavallo o baio, que o acompanhara ; prendeu este amarrando-lhe as redeas a um dos pilares da varanda, e meteu-se pelo arvoredo para não ser visto da gente da casa.

Ao atravessar por detraz da habitação, lançou de passagem do alto da eminencia um olhar para o terreiro, e percebeu o que lá se estava passando com a chegada de D. Genoveva.

Bem desejava ficar-se ahi, nessa posição, assistindo de longe áquella scena, e tomando nella a sua parte, ao menos com os olhos e o pensamento. Mas chamava-o além outro cuidado, que mais o dominava naquelle instante.

Quem o observase nesse momento notaria a

expressão de ternura com que seu olhar envolvia a pessoa da Justa, como que acariciando-a.

Era sua mãi, a quem abraçava de longe, emquanto o segredo que o trazia arredado da casa lhe não permittia receber sua benção.

Nessa occasião sentiu que lhe puchavam pela aba do gibão ; sem nenhuma sorpresa voltou-se. Encontrou, como esperava, uma cabra rajada, cujos chifres indicavam ser já bem idosa ; levantou-a pelas mãos,e reclinando-se, abraçou-a com effusão. Depois dessa caricia affastou o animal, e com o gesto impediu que o seguisse.

Deu soga ao cavallo e desceu rapido a encosta rodeando para sahir em uma vargeta que demorava cerca de meia legoa da casa, ao longo de uma das vertentes da serra e cabeceiras do Sitiá.

De um relance d'olhos investigou o descampado. Apeando-se, endireitou á um ponto onde notara vestigios de palhas recentemente queimadas. Era precisamente o que elle buscava ; ali tinha começado o fogo que se communicara ao arvoredo proximo, e depois se propagara pelas mattas da fasenda.

Junto as cinzas, havia no chão uns signaes que não eram de pégadas humanas, nem rasto de

qualquer animal conhecido. Esteve observando-os o sertanejo por algum tempo, e seguiu lhes o traço, que ali perto ia perder-se no matto.

Acompanhou Arnaldo por algum tempo aquella pista por entre o arvoredo, apezar do escuro que já ahi reinava. Afinal parou descobrindo entre o lastro das folhas seccas uma pégada, que não fôra de todo apagada.

Reclinou-se então quasi de bruços e esteve á estudar os traços indistinctos e quasi imperceptiveis daquelle vestigio deixado por um pé humano, que ahi passara de fresco.

A profunda investigação do antiquario que se obstina em decifrar nas linhas confusas do hyeroglipho o sentido ignoto, não exige de certo mais forte contensão do espirito, nem tão poderosa reminiscencia.

Entretanto pouco demorou-se no exame o sertanejo, que ergueu-se com a feição de quem acabava de confirmar-se em uma suspeita :

— Não me enganei !

Deliberou então voltar ; mas depois de haver gravado na memoria a lembrança do sitio, com essa energia de percepção que o habito da obser-

vação dá ao olhar do homem educado nas brenhas para a luta incessante do deserto.

Tornando ao mesmo logar, o sertanejo contornou a mancha negra que deixara a labareda no chão e que fôra como a cabeceira da ignea torrente, cujo surco rompia a selva.

Do lado opposto, occulto por uma grande touça de carnaubas, o massapê fazia um resalto, formando uma coroa no alagadiço da varzea. Ali crescia entrelaçado com as estypes das palmeiras um arvoredo viçoso apezar da estação, e que abrigava sob a rama verdejante uma choça de pegureiro.

O colmo da cabana era de palha da carnauba; como do tronco eram os esteios e cumieira, e dos talos a porta aberta nesse momento. O interior constava de um só repartimento com uma emposta de esteira da mesma palha, levantada á meio da choupana.

A um lado via-se um balaio com o feitio de mala e tampa tambem de palha de carnauba trançada; fronteiro um catre cujo leito era formado das aspas da palmeira que fornecera todo o material da habitação.

Quando o sertanejo chegou á porta da cabana

estava deitado no catre um homem que pela sua immobilidade parecia dormir. O parecer era de um velho no periodo da decrepitude.

Os cabellos compridos até se mesclarem com a barba, formavam um como capello d'alva que lhe cobria todo o busto. Sob este rebuço das cans, apenas se lhe distin uiam das feições as palpebras, cerradas naquelle momento.

O trajo do ancião compunha-se unicamente de uma tunica estreita de algodão, tinta de preto e cuja teia mal urdida era de grosseiro fio. Os pés tinha-os descalços, e cobertos de poeira e cinza.

Arnaldo aproximou-se do catre e apertou a mão do velho :

— Bem vindo, Arnaldo. Já sabia que estavas de volta ; disse o velho sem mover-se.

— Como o soubeste, Job, si acabo de chegar ?

— Não careço de abrir os olhos para ver-te, filho. Desde esta manhã que eu te sinto chegar ; ouço os teus passos.

— E quando eu chego, não te ergues d'ahi para dar-me um abraço depois de tão longa ausencia ! disse Arnaldo com doce exprobação.

— Tambem já te abracei, filho, quando entraste e ainda te tenho dentro d'alma.

O mancebo habituado a essa linguagem mistica não mostrava a menor extranheza ; ao contrario reclinou para o catre e estreitou o ancião ao peito.

O velho ergueu-se para corresponder á caricia de seo joven amigo.

— Antes de tudo, Job, diz-me si alguma cousa te faltou ? perguntou Arnaldo com solicitude.

— Que póde faltar á fera no meio das brenhas?

— O socego, Job ; e não ando errado, pois vim encontrar uma cillada, que nos armaram. Mas felizmente cheguei á tempo.

— Deixa que se cumpra a vontade de Deos, filho. Elle prohibe que arrisques a tua mocidade por causa de uma poeira que se está esbroando a cado momento.

— E' preciso que abandones por algum tempo a cabana, Job! tornou o sertanejo com o tom resoluto.

— Por ventura deixo eu nesta cabana a minha sina, para que abandonando-a me esconda á cholera celeste, que pesa sobre mim ?

— Não é a cholera celeste que te ameaça, é a vingança de um inimigo traçoeiro que deitou

fogo á matta da fasenda, e o fez de maneira que as suspeitas recahem sobre ti.

O velho sacudiu os hombros.

— Eu conheci os signaes de um rasto apagado no logar onde começou o incendio ; e já sei de quem é esse rasto. Mas na fasenda o ignoram ; e não faltará quem lance a culpa ao velho Job.

— Outras maiores pesam sobre este misero peccador, filho ; e ainda não o acabaram de afundar pela terra á dentro.

— O capitão-mór é severo, e duro de abrandar.

— Mais dura é a miseria, filho, que já callejou-me a alma. Não se teme da iniquidade dos homens quem se entregou nas mãos de Deos.

— Faz o que te peço, Job ; afasta-te destes sitios ao menos por alguns dias, até esquecer o perigo por que passou a casa com seus moradores.

— Eu sou o peregrino da morte, Arnaldo ; quantas vezes já t'o hei dito ! Ando em romaria apos ella, que fugiu-me sempre até este momento. E quando emfim me sahe ao encontro posso eu voltar-lhe o rosto e arredar-me para longe ? Não o farei de certo ; nem tu o exigirás.

— Não o exijo por ti, sinão por mim.

— Tambem por tua causa, não devo demorar-

me neste mundo, onde estou roubando-te uma parte dos pensamentos e cuidados dessa mocidade, que merece melhor destino. Não vês como tombam na matta os troncos velhos e carcomidos para deixar que remontem-se os jovens e robustos madeiros?

— Não me entendeste, Job; quando te rogo por amor de mim, é porque si ficares aqui, e da fazenda te vierem buscar, achar-me-hão primeiro.

— Não farás isto.

— Enquanto eu vivo, ninguem te offenderá, juro-o pelas cinzas de meu pai. Ninguem, ainda que seja o capitão-mór em pessoa!

O mancebo pronunciou estas palavras com uma articulação energica; mas logo apos subita emoção lhe offuscou a voz.

— E tu sabes que o capitão-mór é a sombra de meu pai neste mundo.

O ancião ergueu-se prompto:

— Caminha, Arnaldo; eu te seguirei aonde fores.

— Não sahirás assim por teu pé, que deixarias o rumo para te buscarem.

Proferindo estas palavras o mancebo cingiu os rins do velho com os braços, e carregou-o aos

hombros por um largo tracto, até dentro da matta e o pousou em uma cepa de gamelleira

Tornou então atraz, cortou uma palma de carnaùba que esgarçou com a faca, e entrou na cabana, onde apagou os rastos que ahi tinhám deixado seus passos.

Para consegui-lo, sassara a poeira, prurindo subtilmente o chão com os foliolos da palha verde, de modo que a terra parecia intacta de qualquer impressa, e apenas ao de leve frisada pelo sopro da viração.

Concluida a tarefa dentro, sahiu fóra, andando sempre de costas, e expungindo do caminho pelo mesmo processo não somente o rasto que agora ia deixando, como os anteriores.

Chegou assim ao sitio onde ficara o velho, o qual em completa contradicção com a sua tenacidade recente, deixaxa-se conduzir como uma creança docil e submissa.

Carregou-o outra vez Arnaldo aos hombros, e desta vez levou-o até um bamburral espesso e impenetravel, que embrenhava as fragas alcantiladas de um grupo de penhascos.

Mergulhando por baixo dessa espessura, em um ponto onde mais fechada se mostrava, o ser-

tanejo surdiu ao cabo de algumas braças em uma fenda de rochedo, que formava a boca de uma gruta.

A poucos passos, achou-se em uma cripta aberta na rocha viva, e que recebia a claridade de estreitas fisgas da lapa concava que lhe servia de abobada.

O sertanejo triscou fogo, e accendeu um rolo de cera amarella guardado n'uma greta da pedra.

A um canto via-se no chão a cama feita de um couro de boi em cabello, servindo-lhe de cabeceira a armação dos chifres do mesmo animal presos á caveira.

Da parede granitica da caverna pendia uma canastrinha tambem de couro de boi em cabello, como ainda hoje se usam no sertão, e chamam-se broacas.

— Ahi está a cama, e aqui dentro as provisões; disse Arnaldo. Promettes não sahir deste retiro emquanto não passar o perigo, Job ?

— Vae em paz, filho. Estou bem aqui ; e como não estaria, si essa é já meia sepultura, que me começa a enterrar em vida ? Guarde-te Deos !

Arnaldo não se demorou na gruta, sinão o tempo necessario para installar o novo habitante

desse ermiterio. Uma vez fora, desandou o caminho percorrido, desvanecendo todo o indicio de sua passagem ate o ponto onde havia deixado o seu cavallo, que o esperava sem nenhuma impaciencia, resmoendo um abrolho mais novo de mandacarú.

Cavalgou e affastou-se, não deixando apoz si o minimo traço de sua ida á choça do velho Job. Si alguem se lembrasse de rasteal-o, não descobriria sinão que passára á cavallo pela varzea na direcção das vertentes.

— Amanhã, nos entenderemos, Aleixo Vargas; disse entre si o moço sertanejo.

E buscou no recondito da floresta a sua malhada favorita. Era esta um jacarandá colossal, cuja copa magestosa bojava sobre a cupola da selva como a abobada de um zimborio.

Ali costumava o sertanejo passar a noite ao relento, conversando com as estrellas, e a alma á correr por esses sertões das nuvens, como durante o dia vagava elle pelos sertões da terra.

E' este um dos traços do sertanejo cearense: gosta de dormir ao sereno, em céo aberto, sob essa cupola de azul marchetado de diamantes, como não a tem os mais sumptuosos palacios.

Ahi, no seio da natureza, sem muros ou tectos que se interponham entre elle e o infinito, é como se repousasse no puro regaço da mãi patria, acariciado pela graça do Deos, que lhe sorri na luz esplandida dessas cascatas de estrellas.

Arnaldo desaparelhara o animal que tambem tratou de buscar a sua guarida. Os arreios e a maca de pellego foram guardadas na bifurcação dos galhos do jacarandá, emquanto o viajante encostado ao tronco fazia uma tão rapida como sobria refeição.

Compunha-se esta de uma naca de carne de vento, e alguns punhados de farinha, que trazia no alforge. De postre um pedaço de rapadura, regado com agua da borracha.

Era noite cerrada.

VI

A MALHADA.

Nos ultimos ramos, lá no tope do jacarandá, havia o sertanejo armado a rede, em que se emballava.

Devia de achar-se mais de cem pes acima da terra; e nessa grande altura, suspenso por duas finas cordas de algodão trançado, estava mais tranquillo do que si pousasse no chão, onde o poderiam incomodar a má companhia dos reptis e a visita de alguma fera.

Ali, em seu pavilhão de verdura, grimpado nos ares, não tinha outros visinhos alem de uma jurity, que fabricara o ninho no proximo galho, e acabava de ruflar as azas á sua chegada para darlhe a boa noite.

Atravez do rendilhado da folhagem, como por entre os bambolins de fina escossia de uma recamera, o sertanejo recostado no punho da rede, que oscilava ao frouxo balanço, descortinava

toda a devesa que se estendia das encostas da serra pelos taboleiros, até onde a vista alcançava.

A' meia distancia ficavam as casas da fazenda, que elle via do alto como um mappa desenhado na superficie da terra.

Neste momento o pateo interior se illuminava de muitos fachos. Ao clarão que fazia, Arnaldo reclinado para ver melhor, avistou gente á mover-se e divisou o airoso vulto de D. Flor.

Transportava-se o capitão-mór á capella com sua familia para assistir ao terço, e todo o povo da fazenda concorria á devoção que nessa noite de chegada tinha uma intenção especial e solemnidade maior que de costume.

Cessaram os repiques do sino; o sertanejo adevinhando que estavam na reza ajoelhou tambem n'um ramo da arvore, e com sincero fervor acompanhou de longe no seu nicho agreste a oração que lá se estava elevando ao Senhor pela boa volta e feliz chegada dos donos da Oiticica.

Começou a ladaînha cantada.

O côro religioso, derramando-se pela floresta, impregnava-se dos ruidos e murmurios da ramagem afflada pela brisa, o que lhe dava um timbre grave e sombroso.

Ainda que não se eximisse de todo ao mistico sentimento de que se repassava essa melopéa christan no seio da profunda solidão,o sentido do mancebo estava especialmente concentrado no esforço de abstrahir do côro uma voz, para escutal-a, á ella somente.

Ou porque em verdade sua residencia errante e aventureira no deserto lhe houvesse exercido as faculdades ao mais alto gráo, dando lhe admiravel força de percepção ; ou porque se deixasse enlevar de uma grata illusão, o certo é que Arnaldo distinguia naquelle concerto unisono uma melodia radiante, de uma limpida suavidade, que entretecia o canto sonoro como fio de ouro urdido em tela de seda.

De principio o ouvido do sertanejo experimentou a mesma sensação dos olhos quando os fere a luz: houve uma fascinação que não lhe deixava descernir as vozes, mas logo apoz começou á destacar o timbre mavioso de D. Flor, com tamanho vigor que já não escutava elle sinão esse hymno celeste, surdo para toda outra cantoria.

Terminou o terço; sumiu-se o clarão dos fachos: naturalmente a familia passava á meza da ceia. Pouco depois apagaram-se os fogos e ape-

nas ficou por algum tempo a lampada da casa de jantar, que era costume deixar até de todo concluir-se a tarefa diaria.

Em quanto bruxuleou ao longe, no seio das trevas, a luz solitaria, Arnaldo esteve embevecido á contempla-la, como si a tremula irradiação lhe desenhasse formoso painel.

Era assim todas as noites em que malhava ali, na sua pousada, quando as correrias da vida erratica do sertanejo não o levavam pelo mundo sem destino.

Essa luminaria, elle a amava como sua estrella. As almas que vivem no campo, ao relento, sob um firmamento cravejado das mais brilhantes constellações, todas tem um astro de sua particular devoção, um amigo no céo, com quem se entretem e conversam nos serões das noites ermas.

Para Arnaldo todas essas meigas virgens do céo lhe eram irmans ; conhecia-as pela scintillação, como se conhece pelos olhos a menina faceira que se embuçou na sua mantilha azul. A' cada uma saudava pelo nome, não o que inventaram os sabios, e sim o que lhe dera sua fantasia de filho do deserto.

Mas esquecia-as o ingrato, quando brilhava a outra, a estrella da terra, porque esta lhe fallava de D. Flor e seus raios eram como os olhos castos da formosa donzella que vinham misteriosamente, no segredo da noite, affagar-lhe os seios d'alma.

Afinal tambem apagou-se a luz.

Recostara-se o sertanejo outra vez á rede, quando a ramagem cascalhou perto e os galhos do jacarandá estremeceram abalados por alguma forte percussão.

Arnaldo poz a cabeça fóra da rede, e prescrutando a folhagem descobriu duas tochas accesas no meio das trevas, mas de uma luz baça e sulfurea.

Os mais intrepidos caçadores do sertão, curtidos para todo o perigo, não se podem eximir de um subito arrepio, quando lhes chamejam no escuro da matta esses olhos vidrentos cujos lumes gazeos fervilham dentro n'alma.

Ha um quer que seja de satanico na pupilla da onça, como na de toda a raça felina ; e é por essa affinidade que nas antigas lendas o principe das trevas apparece mais frequentemente sob a figura de um gato negro, miniatura do tigre.

Dahi provem talvez o superstícioso terror que inspira a phosporescencia desses olhos ao mais valente sertanejo, ao teméro que jámais pestanejou em face da morte, e nem se abala com o medonho rugido da féra.

Não produziram pórem igual effeito em Arnaldo as duas tochas que brilhavam entre o negrume da noite, alguns pés abaixo do logar onde se achava:

— Bem apparecido, camarada, disse o mancebo á gracejar.

A onça espasmou a cauda rebatendo as ancas, e d'entre as belfas tumidas escapou-lhe um rosnar manso e crebro como rir de contentamento.

— Sim, senhór, entendo. Quer saber como cheguei? Bom, para o servir, muito obrigado. E o amigo, como lhe foi por cà estes tempos que não nos vimos? A secca tem sido grande, e os garrotes estão pela espinha, não é assim? Paciencia, meu rico, ahi vem o inverno e com elle rezes gordas e carniça á farta. A chuva não tarda; esta manhã vi passar o *thesoureiro*.

Em tanto o tigre continuava á grunhir o seu riso de féra com uns agachos de rafeiro, que lhe espreguiçavam o torso mosqueado.

— E da dona, que novas me dá? continuou o

sertanejo no mesmo desenfado. Está guardando a casa? E o senhor anda ao monte? Pois boa caça, amigo, e cortejos á sua dama.

Com esta despedida Arnaldo, que se debruçara ao punho da rede para conversar com a onça, recolheu o corpo, disposto á acommodar-se.

Levantou-se pórem um rumor dos garranchos que estalavam. Era a onça que saltára á um galho superior, com impetos de galgar o cimo da arvore; mas hesitava, receiosa de que os ramos altos e menos validos se partissem com o pezo de seu corpo e o choque do arremesso.

— Nada, camarada, dispenso as suas ternuras por esta noite. Cheguei da viagem, e estou cançado. Póde continuar seu passeio. Boa noite.

E o sertanejo, alongando a perna, enxotou a importuna com um pontapé atirado ao tufo da folhagem que ficava por baixo da rede.

Aquietou-se a onça e o rapaz deitou-se mui socegado, sem mais importar-se com a presença do terrivel hospede, que lhe estava á uma braça de distancia. Este curto espaço porém a féra não ousava transpo-lo com receio de precipitar-se.

Os sertanejos escoteiros que ainda agora em jornada para Bahia ou Pernambuco, sem outro

companheiro mais do que seu cavallo, percorrem aquellas solidões tambem por mim viajadas outrora ainda no alvorecer da existencia; esses destemidos roteadores do deserto costumam pernoitar na grimpa das arvores, onde armam a rede e ahi ficam ao abrigo das onças que não pódem trepar pelos troncos delgados, nem pinchar-se á fragil galhada.

Não somente por esta rasão estava Arnaldo seguro de si; mas tambem pela confiança em sua superioridade, já mais de uma vez provada pela féra. Assim pois esqueceu-se della, para engolfar-se de novo nas scismas que lhe estavam affagando a mente.

Nesse enlevo d'alma, a fantasia arrebatava-o com a pujança que ella costuma adquirir nos ermos, em communicação com o infinito que a envolve e a concebe no seio immenso que se chama a natureza. Comprehendem-se os extazes dos anachoretas nas solidões da Thebaida. Como não se exaltarem ao céo, essas almas tão desprendidas da humanidade, que desparzem nos ares a frangancia de sua flôr?

O corpo de Arnaldo estava ali; mas seu pensamento descorria além, e nesse instante revia

D. Flôr, melhor do que si a tivesse diante dos olhos; pois não lhe embaciava a sua limpida visão o dislumbre que a presença da gentil donzella causava-lhe sempre, depois de certa epocha.

A moça caminhava diante delle com o passo airoso e modulado que era della e só della, pois nunca o mancebo vira outra mulher andar assim. Quando elle caçava lá para as bandas da Junça demorava-se á ver as garças reaes passeando pelas margens da lagôa; porque ellas tinham o pisar altivo e sereno de D. Flôr.

Vagueava a menina pelo campo, arfando-lhe docemente o talhe gracil com a ondulação da marcha; e elle Arnaldo a seguia, respirando-a com a aragem que agitava-lhe os folhos do vestido, e que folgava nos crespos dos cabellos castanhos.

Esses cabellos eram os seus enlevos. Quando a menina sentia-se fatigada, reclinava ao hombro delle, que, então criança como ella, a carregava e sentia as tranças macias e perfumadas cobrirem-lhe o rosto acariciando-o como as azas de uma rola.

Neste ponto de seu meigo sonho, o mancebo inclinava a fronte sobre uma touça da ramagem e roçava timidamente o rosto pelos folhas, ane-

diando-as com a mão, na scisma de serem as madeixas, que tanto amava. Puerilidades do coração, sempre menino, ainda sob as cans do ancião.

Si a brisa vinha bafejar-lhe as faces, impregnada da fragancia dos campos, elle entreabria os labios para beber-lhe as emanações, que se afiguravam á sua imaginação o halito perfumado de D. Flor, ao voltar-se para fallar-lhe.

Si a jurity arrulhava no ninho, respondia-lhe Arnaldo docemente, com um querulo gorgeio. A rola arrufava-se de praser escutando os ternos requebros que lembravam-lhe a companheira. E elle cuidava-se á conversar com a menina, e á responder-lhe as perguntas curiosas.

Estes sonhos de todas as noites ali passadas ao relento eram talvez recordos, em que sua alma se revivia no passado, e que a esperança entrelaçava de fagueiras illusões.

No meio dos devaneios que lhe embalavam a mente, o sertanejo adormeceu.

A onça que se agachara entre a ramagem, desenganada da espera, esgueirou-se pelo mato, e foi-se ao faro de alguma novilha desgarrada.

VII

MOIRÃO.

Quando buscava o pouso, tinha Arnaldo resolvido um encontro para o dia seguinte.

Vieram depois as namoradas recreações da fantasia, que o absorveram todo, e acalentaram-lhe o somno; mas sob esse devaneio velava o proposito do animo deliberado, como sob a camada de flores viça a rija vergontea do arvoredo.

Dormia pois o mancebo com aquelle somno captivo dos homens de vontade, que se governam ainda mesmo quando sopitados no lethargo dos sentidos, tão poderosa é a energia moral nessas organisações.

Arnaldo mais que nenhum homem possuia a admiravel faculdade de reger o somno; no remanso do corpo e espirito sabia manter de vigia uma percepção intima, que o advertia do menor rumor como da mais leve alteração, em torno de si.

A vida do dezerto tinha apurado essa lucidez. Tantas vezes obrigado á pernoitar no meio dos perigos de toda a casta, entre as garras da morte que o assaltava sob varias formas, no pulo do jaguar como no bote da cascavel ; o sertanejo aprendera essa arte prodigiosa de dormir acordado, quando era preciso.

Podia-se dizer delle que reproduzia o antigo mytho grego e tinha o dom especial de repartir-se em dois, para que um velasse, emquanto o outro se entregava ao repouso.

Foi ao primeiro vislumbre da alvorada que o sertanejo determinou acordar para ir em busca do Aleixo Vargas, que provavelmente não era outro sinão o sujeito cujo rasto elle havia reconhecido no mato proximo á cabana do velho Job.

Antes porem do momento marcado, despertou o rapaz subitamente, abalado por um ruido estranho, que soara no embastido da folhagem e que, apezar de fragil, repercutira dentro delle como a vibração do grito da araponga no seio da floresta.

Achou-se de todo acordado á tempo ainda de escutar attentamente o mesmo som, duas vezes reproduzido uma após outra, e conhecer-lhe a

origem. Acabavam de triscar um fuzil não mui distante e petiscar fogo do isqueiro.

Si alguma duvida lhe restasse, desvanecera-se com o cheiro de fumo, delator da primeira baforada do cachimbo, que se acabava de acender.

— Bom ; ca está o meu homem. Já não preciso de ir-lhe ao rasto ; tenho-a á mão.

A floresta ainda estava immersa no alto silencio da modorra : apenas a fresca e subtil aragem que precede o primeiro diluculo e é como o halito da alvorada, frolava mansamente as franças das arvores. No azul do céo nenhum pallor annunciava o raiar da luz.

Quedou-se o sertanejo com o ouvido attento aos menores rumores que vinham do lado onde pitavam. Nada lhe escapou, nem o roçar do corpo pela casca do páo e os chupos dados ao tubo do cachimbo ; nem o grosso resomnar, que pouco depois substituiu aquelles primeiros ruidos.

Da sua escuta deduziu o sertanejo quanto lhe convinha. Ficou sabendo que o cachimbador era o proprio Aleixo Vargas, cujo assoprado pitar elle conhecia tanto como o ronco nasal do dorminhoco. Gisou o ponto da floresta em que se achava o sujeito, e com tal exactidão que lá iria de olhos fecha-

dos em linha recta. Finalmente firmou-se na certeza de que tinha seguro o homem, cujo somno espreitava d'ali mesmo e sem mover-se.

Arnaldo conhecia todas as arvores da floresta, como conhece o vaqueiro todas as rezes de sua fasenda, e o marujo as minimas peças do apparelho de seu navio. Esses habitantes da selva tinham para elle uma feição propria, que os distinguia; chamava-os à cada um por seu nome.

Não admira pois, que em resultado de sua observação, elle dissesse para si :

— Está no angico da grota !

As barras vinham quebrando, como diz o povo, exprimindo com essa imagem as fachas de luz que listram o horisonte ao despontar da aurora, e que parecem as tunicas d'alva á desdobrarem-se pelo firmamento.

O sertanejo adiantou alguns passos pela copa da arvore, á geito de ver lá na quebrada um casalinho, que apparecia em uma aberta do mato.

Precisamente nesse instante abriu-se a porta do rustico albergue, e sahiu ao terreiro Justa, á quem logo cercou um bando de gallinhas, frangos e pintos á gana do milho pillado que a roceira vascolejava em uma coitê.

Acompanhava-a uma cabra que, deixando a mulher ás voltas com a gente do poleiro, foi, como de razão, ali perto dar os bons dias aos moradores de um chiqueiro, que lhe responderam com um berredo dos mais alegres, no meio de cabriolas de toda a especie.

Demorou-se o rapaz um instante á olhar para a mãi, cujo vulto elle lobrigava ainda indeciso, movendo-se nas labutações caseiras, á luz frouxa do crepusculo matutino. Uma vez, como a Justa em seu giro se voltasse para o lado da matta, estendeu o filho a mão direita aberta, murmurando com um sorriso:

— A benção, mãi!

Cumprido o preceito da piedade filial, Arnaldo, que nem um instante perdera de espreita o visinho adormecido, pensou que era tempo de realisar o seu intento, e portanto começou um passeio aereo pela rama das arvores, que se entrelaçava, formando com os galhos um como travejado pavimento, á que servia de docel a verde copa embastida.

O sertanejo andava tão facil e seguro por aquelle girão como pelo pavez de um sobrado. Muitas vezes, qua ndo menino, correra por ali

atras dos macacos e saguis que o não venciam na agilidade, pois agarrava-os á mão nas grimpas da floresta. Era tanto para admirar-se a rapidez como o geito e subtileza com que resvallava por entre o chamiço, a ponto que se não ouvia o aflar de uma só folha.

A' um tiro de arcabuz estava o sitio que Arnaldo designara com o nome de grota: era o despenhadeiro de um profundo barranco. Os detritos, accumulados pelos enxurros nas covoadas que ali formava o terreno, alimentavam as arvores altaneiras cujas vastas copas ensombravam o tremedal.

Entre essas arvores a mais pujante era um angico secular, que lançava as grossas raizes á meio do precipicio. O formidavel tronco, crescendo á principio obliquamente, na direcção da outra rampa do desfiladeiro, como á atravessal-o, no centro voltava-se á pino, e subia verticalmente á grande elevação, onde repartia-se em varios esgalhos confluentes.

De escancha sobre um desses ramos, com as pernas engalfinhadas nos intersticios e o corpo recostado no rustico espaldar formado pelos outros

galhos, dormia á somno solto um homem ainda moço, de insolita e desconforme robustez.

O toro, tinha-o corpulento, mas de uma mesma grossura desde os hombros atė os artelhos, de modo que estando de pé e com as pernas fechadas, parecia um toco de pau cortado na altura de dez palmos do chão. Essa prancha de carne rematava em uma cabeça pequena e redonda, semelhante á maçaneta de um balaustre, e assentava em dois pés enormes que mais pareciam as cunhas de uma escora.

Do seu aspecto, bem como da força de que era dotado, lhe viera a alcunha de Moirão, nome que nas fazendas tem o pião onde se jungem as rezes para a férra. Muitas vezes, jactando-se de sua pujança, aguentara no laço um boi bravo á disparada, sem abalar-se do logar onde se fincava, nem siquer titubar.

Arnaldo surdira em um ramo superior, á cavalleiro do sujeito, á quem estava agora observando á seu vagar. Comprazia-se o rapaz em admirar a robustez estampada na musculatura dessa organisação atletica, que produzia em sua alma uma emoção artistica. Para elle, sertanejo, filho

do dezerto, tão poderosas manifestações da força tinham magestade e belleza epicas.

Entretanto bastava um gesto seu para anniquilar o colosso. Estendesse elle o braço, travasse-lhe do pé e emborcasse-o no precipicio, que em um fechar d'olhos estaria o Moirão reduzido à migas, nas arestas dos alcantis.

Arnaldo não demorou seu espirito nesta idéa sinão o tempo necessario para a repellir.

Ao cabo de alguns instantes, desprendeu-se o rapaz do silencio em que se envolvera e donde não transpirava nem o sopro de seu halito ; algumas folhas rumorejaram em torno, e a casca do pau rangeu ao roçar do corpo que sentava-se.

Como não bastasse esse tenue arruido para despertar o madraço, o rapaz quebrou uma haste de cipó. Com a folha que deixara em uma das pontas começou á fazer cocegas nas largas ventas rombas do Moirão, que dava com as mãos ás tontas para enxotar a mosca impertinente.

Afinal abriu o dorminhoco as palpebras, pestanejou com a claridade do dia, esfregou os olhos e ficou pasmado á encarar com o Arnaldo, que se estava rindo, mui lampeiro, ali por cima delle, commodamente sentado em um ramo da arvore.

— Salve-o Deos, Aleixo Vargas; disse o sertanejo em tom jovial. Que somnata tão regalada, homem! Apostaria que anda tresnoitado, si não soubesse que você em ferrando à dormir é como giboia quando engoliu veado.

— Hanh!... bocejou o outro extremunhando. E' você, Arnaldo?

— Acorde de uma vez, amigo!

— Onde estou eu?... Ah! já sei; arranchei-me aqui para madornar um pedaço e pegou de mim uma tal bebedeira de somno que estou que não posso comigo.

— Pelo que mostra não teve lá muita saudade do seu catre da fasenda, Aleixo Vargas, que logo na noite da chegada veio por-se de poleiro cá pelas mattas!

— Não sabe que despedi-me do Campello?

— Ainda não encontrei quem me desse tal nova; respondeu Arnaldo, illudindo os termos da pergunta.

— Então você não tornou á casa depois da chegada?

— Depois da chegada do capitão-mór ainda lá não fui.

— Pois é como lhe digo, Arnaldo ; deixei d'uma vez o homem, por não poder mais atura-lo.

— Que lhe fez o capitão-mór, Aleixo Vargas, que tanto o amofinou ?

— São contos largos, amigo Arnaldo, que levariam muito tempo, e eu já sinto cá pelo estomago uns repiques de fome que estão chamando ao almoço.

— Guarde lá seu segredo, Aleixo Vargas; e que não lhe coma a lingua. Quanto ao almoço descance. Aqui temos no meu farnel para quebrar o jejum.

— Sempre o conheci precavido, rapaz. Não é atoa a fama que você tem e que eu bem experimentei, quando cheguei á este excommungado sertão.

— Não é tanto assim. Ali está você, Aleixo Vargas, que é um barra. Não foi debalde que lhe puzeram o nome de Moirão.

— Ah ! isso cá de pulso não se falla, que ainda não encontrei homem para mim, nem touro tão pouco. Eu dizia, rapaz, era acerca da ligeireza, que, à ser verdade o que se conta, não ha por toda esta ribeira quem lhe deite poeira nos olhos.

— De que serve a ligeireza, si não é para fugir?

A força é melhor, não lhe parece, Aleixo? disse o rapaz á sorrir.

— Sem duvida. A força é tudo neste mundo; disse o Aleixo entufado de sua jactancia.

— Tambem eu penso assim; ainda que todos os dias vê-se um caroço de chumbo deitar ao chão o homem mais valente, e uma broca derrubar o tronco mais grosso.

Moirão levantou os hombros desdenhosamente:

— São casos que acontecem.

Arnaldo foi á sua malhada no jacarandá e tornou com o alforge em que tinha as provisões. Consistiam em carne do vento, farinha e queijo do sertão.

O mancebo foi expedito na refeição e comeu com a rapidez á que o havia acostumado sua vida agreste. O Moirão porém almoçou pausadamente, como quem se desempenha de negocio grave; e de vez em quando conversava com uma borracha de vinho que trazia á cinta, e era a sua inseparavel.

— Não molha a guela, rapaz? Olhe que esta farinha assim á secca é uma bucha, capaz de entalar á um jacaré.

— Eu prefiro o vinho cá de minha terra!

Proferindo estas palavras à sorrir, Arnaldo bebeu dois ou tres goles d'agua n'uma cabaça onde guardava sua provisão e com isso rematou o almoço.

Aleixo fez uma careta de nojo á cabaça, e para dar tonico ao estomago que se lhe tinha embrulhado com a vista d'agua, escorropichou o odre na garganta.

VIII

DOIS AMIGOS.

Concluira Moirão sua grave occupação e acendendo o cachimbo preparava-se à fazer o chylo com igual pachorra.

Recostou-se afinal ao tronco da arvore, soltando uma baforada de fumo que o envolveu como uma nuvem densa.

— Então, Arnaldo, como foi isto por cá, amigo? Secca muita, já se sabe! Olhe, digam vocês o que quizerem, isto não é terra de christão.

— De christão é que ella é, Aleixo Vargas; pois ao christão ensinou o divino mestre a paciencia e o trabalho. Para quem não serve a minha terra é para aquelles que não apprendem com ella à ser fortes e corajosos.

— Pois é cousa que se aprenda, morrer de fome e de sede ainda mais?

— Tudo aprende o homem, quando não lhe falta coragem. O cavallo deste sertão de Quixe-

ramobim caminha o dia inteiro, come um ramo de juá, e só bebe agua quando encontra a cacimba; Aonde ha mais valente campeão?

— Eu cá prefiro andar pelo meu pé, mas em terra capaz, á empoleirar-me no tal bicho que só tem pelle e ossos.

Arnaldo não respondeu, e Aleixo continuou á envolver-se em um turbilhão de fumaça que dava-lhe o aspecto de um eolo pintado na taboleta de alguma taberna classica.

Depois de breve pausa o sertanejo reatou o fio da conversa :

— Ora, Aleixo, que somos amigos ha tanto tempo e nunca experimentei as minhas forças com você.

— Para que isso? perguntou Moirão com sua habitual fatuidade.

— Bem sei que não posso medir-me com você; mas queria saber até onde chega meu pulso. Talvez não seja lá dos mais fracos e ninguem está mais no caso de julgar do que o barra deste sertão.

A ponta de ironia que acerava o sorriso do mancebo era tão subtil, e o tom affavel da palavra a envolvia de modo, que Moirão não podia

percebel-a, ainda que fosse dotado de maior perspicacia do que lhe tocara em quinhão.

— Isso lá é verdade. Ainda não encontrei homem que não derrubasse : uns torcem mais, outros menos ; porém no fim de contas lá vão todos ao chão rebolindo que é um gosto.

— Vamos á ver si eu sou dos que torcem mais, disse Arnaldo com volubilidade.

— Então quer mesmo, rapaz ? Chegue cá, e pendure-se á este braço ; com as duas mãos, não faz mal.

Moirão arregaçou a manga da camisa, e descobrindo um braço grosso e musculoso como a perna de uma anta, fincou o cotovello no tronco do angico.

— Queda de braço, não disse Arnaldo ; hade ser quéda de corpo.

— Ah ! Você quer tirar lérias comigo, rapaz ?

E o latagão derreou-se novamente no tronco do angico, despedindo de si um rolo de fumo, tão grosso que parecia o da chaminé da herdade.

— Supponha você, Aleixo, que em vez de camaradas eramos dois sujeitos que se traziam de olho e que approveitavam esta occasião de se descartarem um do outro.

Moirão começou á cantarolar um mote de sua composição :

Quando eu vim de minha terra
Eu era Aleixo pimpão ;
Agora fiquei Moirão
Aqui neste pé de serra.

Debalde tentou Arnaldo captivar a attenção do minhoto : elle embrulhava-se lá na sua cantiga ; não queria ouvir.

— Bem ; já vejo que você não é meu amigo.

— Donde tirou isto ? perguntou Moirão tornado ao serio. Olhe, rapaz, que eu não sou homem de dares nem tomares, e quando trato um tal de amigo é de veras. Aqui neste sertão ninguem ainda se benzeu com este nome sinão um, que se chama Arnaldo Louredo; e ando por aqui já ha uns pares de annos.

— Si fosse amigo verdadeiro de Arnaldo, não lhe recusaria o que elle pede.

— Falle-me neste tom, rapaz, que já o entendo. Então é sério ?

— E' um favor.

— Pois faço-lhe o gosto.

Aleixo metteu o cachimbo em um esgalho. Apoia-

do fortemente sobre o grosso ramo da arvore, a qual estremeceu com seu pezo, estirou os dois braços, que alongaram-se como os arpéos de um guindaste, para abarcarem o corpo delgado de Arnaldo.

Mas o sertanejo escapou-lhe ao arrocho e galgando os ramos superiores da arvore, suspendeu-se á um delles, trançando os pés. Então deixou-se cahir á prumo, agarrou o adversario pelas axillas, e com uma força que não se esperava de seu talhe franzino arrancou o collosso do galho em que se apoiava.

Um instante o rapaz embalançou o corpanzil sobre o precipicio, onde parecia que iam ambos despenhar-se. Afinal, receiando que o pezo enorme lhe rompesse os musculos, escanchou o latagão no ramo do angico.

Moirão segurou-se authomaticamente á arvore. Sua phisionomia, de ordinario simploria, tinha nessa conjunctura uma expressão idiota. O exito da luta o deixara estupefacto. Por algum tempo ficou na mesma posição, im movel e basbaque.

Até que arrancou-se á essa pasmaceira com um arremessão :

— Foi este diabo ! exclamou batendo com a

chanca no tronco do angico. Onde é que já se viu pegar um christão quéda de corpo em cima das arvores? Isto é para bugios ou caboclos, que tanto vale, pois são da mesma raça. No chão era outra cousa, rapaz.

— Experimentemos no chão. Não custa, disse Arnaldo com indifferença.

Desta vez o empenho era de Aleixo que ardia por tomar a desforra da sorpresa. Promptamente escorregou pelos galhos e tronco da arvore, até ao chão. Saltando no meio de uma clareira, calcou os pés no solo com força, e com o corpo rijo como o poste de que tomara o nome, disse:

— Ande agora para cà, rapaz, que hade ver o que é um barra.

Aleixo tinha razão. Em terra firme não havia força de homem que o podesse abalar, quanto menos tiral-o do logar. O mais vigoroso touro do sertão elle o sustentava sem toscanejar, pela ponta do laço de couro cru.

As largas chancas do colosso pareciam fincadas no chão como as grossas raizes de uma gamelleira, e o corpo obezo e direito figurava uma ponta de rochedo, que surdia da terra.

Arnaldo caminhou para o colosso e erguendo os braços entregou-se áquelle grilhão vivo.

A fina compleição do talhe foi o que livrou-o de ser logo esmagado no arrocho. Emquanto Moirão, cerrando-o ao peito, buscava estringil-o como as roscas de uma serpente, o mancebo collava-se ao adversario para attenuar a violenta pressão.

Apenas Aleixo acochou o corpo d'outro, suspendeu-o aos ares, como faria com um toro de pita ; porém ao mesmo tempo os dois braços do sertanejo esticaram-se para logo se retrahirem rapidamente, e os punhos, como dois malhos de ferro brandidos por molas rijas, bateram no craneo do minhoto.

Uma nuvem de sangue cobriu os olhos do colossos que vacillava. Arnaldo amparou-o para que não tombasse e reclinando-o com uma solicitude para estranhar naquella circumstancia, deitou-o de supino sobre a relva.

Ao cabo de poucos instantes, Moirão tornou do desmaio, mas para cahir no pasmo em que o deixara a primeira luta. Desta vez porém estava realmente assombrado. O que lhe acontecera não era cousa deste mundo ; andava ahi uma influencia

sobrenatural. Quem o derrubara não fora seu camarada ,o Arnaldo, mas a propria pessoa do demo na figura do rapaz. Nem haveria meio de persuadi-lo que elle Aleixo fôra vencido duas vezes n'uma quéda de corpo, tão expeditamente, e ainda mais por um magriço. Eram artes do tinhoso.

Quando ao abrir dos olhos deu com o sertanejo em pé junto de si, levantou a pesada manopla e atravessou-a pelo rosto com um geito que parecia arremedar o signal da cruz.

Arnaldo ergeu o busto do Moirão e encostou-o ao tronco de uma arvore. O colosso ainda aturdido não oppoz a menor resistencia e se deixou sentar como um marmanjo.

A phisionomia do sertanejo, na qual,desde o encontro com Aleixo, um gesto voluvel e descuidado apagara a natural energia, tomou a expressão grave e resoluta.

— Aleixo Vargas, eu sou seu amigo; disse o mancebo com a palavra breve.

O Moirão abaixou a cabeça :

— Duvida ?

— Do Arnaldo não, que livrou-me do dente dos tapuias.

O sertanejo não deu attenção á reserva men-

tal do minhoto, que persistia em toma-lo pelo capeta na figura de rapaz.

— No sertão os homens ou são irmãos ou inmigos. E quantas vezes não tirei eu das garras da onça uma rez sem dono? Não me tem pois a menor obrigação; Aleixo Vargas; nem me deve reconhecimento. Mas sempre o conheci, desde que chegou á fasenda, como homem bom e verdadeiro, differente da maior parte de seus companheiros. Foi isso que me fez seu amigo.

— Obrigado, rapaz! disse o colosso enternecido.

— E é como seu amigo que vou fallar-lhe. Hontem á tarde, quando o capitão-mór chegava á Oiticica, encontrou uma grande queimada no mato do caminho.

Arnaldo fitou o olhar severo no semblante do colosso:

— O fogo, foi você quem o deitou, Aleixo Vargas, por detraz da cabana do Job, junto ao rasto do velho que vae ser accusado por essa maldade.

— Fui eu mesmo! respondeu Moirão erguendo-se.

— O capitão-mór e a familia podiam estar agora reduzidos à cinzas.

— Si não fosse o damnado do vento que empur-

rou o fogo para a serra e não me deixou cercalos, elles haviam de ficar bem torradinhos. Então o velho tarugo que tem tres dedos de banha!... Que bom torresmo não daria !...

O Moirão soltando essa pilheria esparramou a cara em um riso alvar.

— Não lhe pergunto, Aleixo Vargas, a razão que do homem bom que você era fez hontem um malvado. Em tempo dará suas contas á Deus. Mas aviso-lhe, eu Arnaldo, o sertanejo, que, si descobrir mais seu rasto á uma legoa em roda da Oiticica, vou por elle até onde o encontrar. E nessa hora póde encommendar sua alma.

— Como se entende isto? disse o Moirão fustigado pela ameaça.

— Qualquer outro que tivesse praticado sua façanha já não estaria aqui, porém amarrado por minha mão na polé da fasenda e entregue á justiça do capitão-mór. Um amigo é differente: não o trahirei jàmais denunciando-o, e ainda menos abandonando-o ao poder de estranhos. Si elle offender-me, decidiremos essa questão, entre nós, lealmente.

Aleixo quiz fallar. Atalhou-o o sertanejo com o gesto vivo:

— Ouça me. Você é um homem de força e um homem de vontade, Aleixo Vargas. Antes de lhe dar este aviso, quiz mostrar-lhe que tinha poder de cumprir minha palavra, porque de dois homens que se estimam e se acham em luta convencidos ambos que tem razão, o mais fraco deve ceder ao mais forte.

— Visto isto tem-se você na conta de mais forte? perguntou Aleixo.

— Não sei o que chama força, Aleixo; para mim força é poder. Mais volumoso do que você é um touro, que o vaqueiro derruba com dois dedos.

— Que venha para cá esse tal vaqueiro d'uma figa! exclamou Aleixo abespinhando-se.

Arnaldo deixou passar a refega; e continuou com a voz breve, imperativa, mas calma.

— Si você fosse o mais forte, eu não empregaria a astucia, como faria contra um estranho ou um inimigo. Embora me custasse, respeitaria sua vontade desde que não podia vence-lo de frente. O mais forte porém sou eu; e prohibo-lhe que de agora em deante se aproxime da Oiticica na distancia de uma legoa.

O sertanejo erguera a fronte com um assomo de indomita altivez. Nesse momento illuminava-

lhe a nobre phisionomia um reflexo dessa magestade selvagem que avassala o deserto, e que folgurava nos olhos do cavalheiro arabe e do guerreiro tupy.

Moirão calou-se um tanto em quanto ruminava as idéas:

— La vae, rapaz; escute bem. Que você tem pautas como o diabo o ligou-me, é cousa que está se vendo; nem lhe vale nada esconder o pé de cabra ahi nessa bota esquerda.

Arnaldo sorriu-se da superstição do companheiro:

— Como é que um enguiço de gente podia derrubar um homem desta marca, si não tivesse o diabo no couro? Isto com certeza. Mas hei de arranjar por esta redondeza um bom amuleto que tenha a virtude de fazer espirrar o demo do corpo de qualquer creatura, por mais que elle se lhe meta nas tripas. Depois do estouro, então veremos quem é o dunga.

— Eu tambem tenho o meu! disse Arnaldo á sorrir mostrando o relicario que trazia ao pescoço.

— Ah! é ahi que está a mandinga. Pois eu hei de tirar-lhe o feitiço.

— Que mais? perguntou motejando o sertanejo.

— Agora quanto à camaradagem, isso é caso diverso. Si você carece do braço de um homem ou mesmo da vida para cousa de seu serviço, nem precisava destas partes: não lhe dava sinão o que já lhe pertence. Mas o que você pede, Arnaldo, não posso fazer.

O Moirão carregou a manopla ao peito que arfou como o desabe d'uma montanha e arrancou estas palavras com um surdo estertor, segurando o lobulo da orelha direita.

— Estou deshonrado. Jurei por esta orelha que, si não a vingasse antes de um mez, havia de corta-la para que não vejam nella minha vergonha. Ah! você não sabe, Arnaldo!

— Sei! disse o sertanejo pousando a mão no hombro do companheiro com um gesto severo e triste.

— Quem lhe contou?

— Ninguem. Eu vi.

O Moirão escancarou os olhos espantado e benzeu-se outra vez. Não era elle dos mais superticiosos, porém os modos estranhos do sertanejo naquella manhã despertavam em seu espirito as abusões da epocha.

IX

PUXÃO D'ORELHA.

Emquanto o Moirão esconjurava o espirito maligno, que via deante de si, na figura do rapaz, Arnaldo recolheu-se um instante.

Depois de curta reflexão tornou ao camarada com uma expresão affectuosa, que disfarçava a severidade do olhar :

— A gratidão é depois da honra a primeira virtude. Foi ella que o illudiu na simplicidade de seu coração, Aleixo Vargas ; por isso já lhe perdoei.

— A gratidão ?... repetiu Moirão com sorpresa inquiridora.

— Antes de vir para Oiticica, você era aggregado do coronel Fragozo na fazenda das Araras. Um dia o velho frenetico deu-lhe dois berros ; você azoou e respondeu rijo. Acode a gente, e lá ia o meu Aleixo Vargas para a golilha, quando

felizmente appareceu o moço, filho do coronel, que pediu por seu aggregado e livrou-o da gargantilha de ferro e do resto. Mas o velho era emperrado e não consentiu que ficasse mais um instante em suas terras o atrevido que levantara a voz deante delle. Foi então que você appareceu na Oiticica sem dizer d'onde vinha, e entrou no serviço do capitão-mór.

— De quem soube isto, Arnaldo? perguntou o colono cuja sorpreza augmentava.

— Amigo Aleixo, nasci e criei-me nestes geraes: as arvores das serras e das varzeas são minhas irmans de leite; o que eu não vejo ellas me contam. Sei tudo quanto se passa embaixo deste céo, até onde chega o casco de meu campeão.

O sertanejo observou a impressão que deixavam suas palavras no semblante de Moirão, que não oppoz a minima denegação ou duvida á extranha asseveração. Ao contrario pareceu afirmar com uma inclinação da cabeça a crença em que estava de achar-se conversando com o diabo em pessoa.

Arnaldo proseguiu:

— No Recife, oito dias depois de chegado, seguia você pelo aterro dos Affogados, quando tomou-lhe o caminho um luzido cavalheiro. Era

o capitão Marcos Fragozo, filho do velho coronel, o mesmo que tinha livrado da golilha á seu antigo accostado. Vinha elle de passar na Rua Nova pela casa do capitão-mór, onde vira ao balcão da janella D. Flor, cuja belleza o captivara. Sabendo que Aleixo era da casa, encommendou-lhe que nessa mesma tarde fosse ao Carmo, onde elle morava, para levar á donzella uma prenda com seus recados de amor.

Os olhos de Moirão, não tendo mais que abrir, começaram á esbugalhar.

— Que podia recusar o Aleixo ao homem que o livrara da infamia e talvez da morte ?

— Da infamia, atalhou Moirão vivamente, que a morte é uma topada : traz-zaz e está uma pesoa descançada.

— Quanto era seu, Aleixo Vargas, podia e devia dal-o ao capitão Marcos Fragozo, si o exigisse ; mas não aquillo que não lhe pertencia. Era assoldado do capitão-mór Campello ; seus serviços pertenciam á elle, e so á elle que lhe pagava. Não tinha licença de empregar-se ás ordens de outro e para faltar com o respeito á filha donzella de seu patrão.

Moirão ficou um momento aturdido com estas

palavras e acabou fincando um murro consciencioso no meio da testa.

— Pascacio !

— Foi seu bom coração que o arrastou ; mas arrependeu-se á tempo e quiz salval-o. Você procurou o capitão Fragozo em sua morada e recebeu delle a prenda com o recado. Em chegando à casa faltou-lhe o animo ; e não se admire que eu o atirasse ao chão, quando uma fraca menina o fazia tremer de maleita á você, Aleixo, á quem chamão de Moïrão, e que nunca pestanejou na boca de um bacamarte.

— Isso de mulher, não sei o que tem que dá arripios na gente.

— Emquanto o capitão-mór se demorou no Recife, por mais que lhe pedisse o Fragoso e que você promettesse, não se animou. Tenho certeza, porque não o perdi de vista. Nunca reparou n'um grillo que o acompanhava para toda a parte ? Era eu.

Proferiu o sertanejo estas palavras com um riso sarcastico, apontando para a arvore, junto da qual se achava o companheiro :

— Eil-o ahi !

Voltando-se, o minhoto deu um salto prodi-

gioso para fugir do grillo, que saltara de seu lado. Uma aventesma, que lhe surgisse ali, diante dos olhos, envolta em sua mortalha e com a competente cara de caveira, não lhe incutiria tão profundo terror.

Um tanto corrido do seu panico, o Aleixo, vendo o grillo sumir-se entre a folhagem, disse ao sertanejo :

— Acabe de uma vez !

— No meio do camínho apertou-lhe a tentação, e d'ahi veio a mofina que o afflige. Lembre-se, porém que você a procurou por suas mãos.

— Conte como foi ! disse Moirão, com arrebatamento.

— Já não se recorda ? perguntou Arnaldo estudando-lhe a phisionomia.

— Quero ouvir !

— E' melhor esquecer.

— Não : diga o que sabe. Tambem viu ?

— Tudo.

— Pois então repita, disse Moirão com a pertinacia de um mulo.

Os caracteres vingativos, quando soffrem alguma offensa, em vez de affastarem o pensamento dessa recordação dolorosa, ao contrario revol-

vem-se nella e saturam-se de fel, como para exacerbar a propria ira e prelibar o prazer da vingança.

Era este o sentimento que dominava Moirão naquella circumstancia, animado ainda pelo desejo de verificar as particularidades de um facto que fluctuava confusamente em seu espirito.

Arnaldo suspeitou do que movia o minhoto á insistencia.

— Vou fazer-lhe a vontade, Aleixo. Foi uma tarde ao escurecer. A familia tinha chegado ao rancho; você incumbiu-se de levar o escabello de apear á D. Flor, e quando ella descia o ultimo degráo offereceu-lhe a prenda do capitão Fragoso, dizendo-lhe que a mandava um cavalheiro, seu namorado. E' isto?

— Até ahi vae direito.

— Dona Flor, que segurava as dobras de seu roupão de montar, com a ponta do pé afastou a prenda, e, chamando pelo capitão-mór, disse-lhe vivamente: « Meu pai este homem faltou-me ao respeito. » Então?... O resto não carece.

— Diga, Arnaldo! bufou o colosso.

— Então o capitão-mór aproximou-se e, segurando-o pela orelha direita, o levantou do

chão onde você estava de joelhos, até que o poz em pé.

— E m'a teria arrancado com certeza, si não me erguesse na ponta dos pés. Um insulto como este, Arnaldo, só a morte o apaga. Eu queria te-lo àqui diante de mim, neste momento, para mostrar-lhe o que é um homem. Dizem que é um brutamonte; pois venha para cá.

Deixou Arnaldo que amainasse a cholera dos Moirão.

— Sou seu amigo, Aleixo ; já lh'o disse, e avalio quanto custa à um homem de brio não desaffrontar sua honra. Mas eu não consinto que ninguem neste mundo offenda ao capitão-mór e sua familia ; portanto, si você não abandonar seu projecto, tenha a certeza de que me hade encontrar pela frente.

— Com você não brigo ; isto é decidido. De brincadeira como hoje, sim ; mas à valer, não.

— Então desiste ?

— De que ?

— Da vingança.

— Isso nunca !

— Neste caso você sabe o que se faz d'uma arvore que ameaça cahir-nos em cima ?

— Corta-se.

— E' o que eu farei, sinão houver outro meio de arreda-lo. O mesmo direito tem você, Aleixo; e como a sorte é varia, si for eu que venha á morrer, desde já lhe perdôo. Affianço-lhe que, apezar de tudo, havemos de ser amigos no outro mundo como fomos neste.

O mancebo estendeu cordialmente a mão ao companheiro, que a sumiu em sua manopla:

— A' estas mãos, Arnaldo, não póde morrer nunca. Minha honra, você não a póde atacar, que é um amigo e para poupar minha vida não atacarei nunca a daquelle que a salvou uma vez.

— Do mesmo modo procederia eu, Aleixo, si fosse de minha vida que se tratasse. Mas é do repouso, da felicidade e da vida dos entes mais queridos que tenho neste mundo; porque o capitão-mor serviu-me de pai e sua mulher D. Genoveva muitas vezes, quando eu era criança, me acalentou ao peito, como seu filho.

Moirão enfronhou-se em uma carranca, signal de profunda cogitação. Afinal, reconhecendo-se incapaz de resolver a terrivel collisão, deu segundo murro na testa, e arrancou pelo mato fóra.

Era este um meio phisico de atenuar a difficuldade de sua posição, subtrahindo-se por emquanto ao dilemma fatal em que se achava collocado entre a honra e a amizade.

O sertanejo,quando o viu desapparecer atravez da ramada, tomou a mesma direcção, seguindo-lhe a pista, mas de longe e á esmo. Certo de não poder perder o rumo e de acompanha-o como á sua sombra por entre a espessura do matto, elle demorava-se á examinar a copa das arvores, os rastos dos animaes, as moitas de ervas e todos os accidentes do caminho.

O homem da cidade não comprehende esse habito silvestre. Para elle a matta é uma continuação de arvores, mais ou menos espessa ; assim como as arvores não passam de uma multidão de folhas verdes. Lá se destaca apenas um tronco secular, ou outro objecto menos commum, como um rio e um penhasco, que excita-lhe a attenção, e quebra a monotonia da scena.

Para o sertanejo a floresta é um mundo, e cada arvore um amigo ou um conhecido á quem saúda passando. A' seu olhar perspicaz as clareiras, as brenhas, as corôas de mato, destinguem-se

melhor do que as praças e ruas com seus lettreiros e numeros.

Arnaldo estivera ausente daquelles sitios algum tempo. Ao passar por elles observava sua phisionomia, tão intelligente e franca para elle, sinão mais do que a face do homem : e lia nesse diario aberto da natureza a chronica da floresta. Uma folha, um rasto, um galho partido, um desvio da ramagem, eram á seus olhos vaqueanos os capitulos de uma historia, ou as ephemerides do deserto.

A observação do sertanejo foi interrompida por vago rumor que, apezar de remoto, não lhe escapou. Conhecida a causa, deixou-se ficar onde estava.

Com pouco ouviu-se um vozear de pratica animada, e cinco homens, trajados como usava a gente do povo n'aquelle tempo, de braga, vestia e gibão, surdiram do mato. Estavam armados com um arcabuz ao hombro e uma parnahiba á bandoleira.

O da frente era Manoel Abreu, feitor da Oiticica ; os outros serviçaes da fazenda.

— Oh ! cá está quem sabe do diabo do velho ! exclamou o feitor, dirigindo-se á Arnaldo. Bem apparecido !

— Quer alguma cousa de mim, sr. Manoel Abreu? perguntou o sertanejo.

— O senhor capitão-mor mandou-me procurar o velho Job que deitou fogo no mato da fazenda.

— Procure-o; disse Arnaldo laconicamente.

— Não está má a encommenda! Que temos feito desde o romper do dia? Mas o renegado do bruxo abandonou a toca e sumiu-se.

— Cá para mim é trabalho perdido. O velho está nas profundas. Tinha-lhe chegado a hora e elle estourou. O fogo foi pegado pelo enxofre que elle tinha no corpo, o canalha do bruxo.

— Deixe-se dessas historias de feitiçaria agora, João Coité, que arripiam os cabellos da gente; ponderou o feitor.

— E' mesmo: fica um homem com as pernas bambas, como si tivesse no bucho uma vez de cachaça.

— Uma não terá você, Burity; mas duas, com certeza.

— Pois é isso, homem. O primeiro trago é que põe a gente banana; o outro concerta.

— Que é que está bolindo ali no mato? Não ouviram gemer?

— Hade ser o caipora; respondeu um mais desabusado.

— Nicacio! Não brinque com estas cousas.

Entretanto Arnaldo seguia adeante sem préoccupar-se com os outros. Nesse momento havia parado, com os olhos fitos em uma moita de mimosas, plantas á que o povo dá o nome de *malicia de mulher* por descobrir no subito fechar das folhas de leve tocadas uma semelhança com as esquivanças das meninas sonsas.

O arbusto, exposto aos raios do sol, tinha em geral os foliolos abertos; mas justamente do lado do nascente um olhar atilado notaria certa flacidez dos piciolos, que todavia não bastava ainda para murchar as ramas.

— Chuva!

Arnaldo proferiu esta palavra, dirigindo-se á Nicacio que estava á seu lado; possuido do vivo prazer que a vinda do inverno desperta sempre no homem do sertão, sua alma expandiu-se para dar aos outros as alviçaras dessa alegria.

— Deus a traga! disse Nicacio.

— Esta noite! tornou o mancebo mostrando ao longe no horisonte um nimbo, tão pequeno, que parecia antes um gavião pairando.

— Porisso eu vi esta manhã uma formiga de azas; acodiu o Burity.

— Mas então, amigo Arnaldo, que nos diz? Sabe ou não sabe onde está o diabo do velho?

Voltou-se o mancebo com um modo frio:

— Quando o senhor capitão-mor Campello m'o perguntar, eu lhe responderei.

— Ah! E' isto? Pois tenha paciencia, que lhe vamos na colla. Não o largo emquanto não me der conta da carcassa do Job, que a leve o demo logo d'uma feita.

Arnaldo encolheu os hombros, e continuou a andar mui descançado e indifferente por entre as arvores. O feitor e seus acolytos iam-lhe no encalço, quando subito o perderam de vista. Correram-lhe sus, bateram o mato; mas nem sombra lobrigaram mais do mancebo.

— E' atôa! disse o João Coité. Si o deabo do surrão velho já o embruxou tambem.

———————

X

ROSARIO.

Era por formosa manhã de dezembro, a terceira que raiava depois da chegada do fazendeiro á sua casa da Oiticica.

Assomando sobre o capitel da floresta erguida no oriente como o portico do deserto, o sol coroado da magnificencia tropical dardejava o olhar brilhante e magestoso pela terra, que se toucara de toda a sua louçania para receber no thalamo da creação ao rei da luz.

Na umbria da serra e da espessa matta que a cinge, a fazenda ainda permanece no crepusculo da alvorada, quando ja o dia fulgura pelas varzeas e campinas d'alem.

Mas ao fluxo da luz, que sobe e a inunda como a corrente de um rio caudal, aquella zona ensombrada vae rapidamente immergindo-se nos esplendores da aurora.

Com a irradiação da manhã derrama-se a aura que anima a solidão. Dessa terra combusta por longo e abrazado estio, ja reçumam os viços que annunciam a poderosa expansão de sua fecundidade.

Na noite seguinte á chegada, como previra Arnaldo, tinha cahido a primeira chuva. Desde então, com pequenos intervallos, passavam os aguaceiros do natal que são os repiquetes do inverno.

Embora falhem muitas vezes essas promessas, o sertanejo, como os animaes e toda a natureza que o cerca, recebe sempre com intenso prazer as alviçaras do bom anno.

A primavera do Brazil, desconhecida na maior parte do seu teritorio, cuja natureza nunca em estação alguma do anno despe a verde tunica, só existe nessas regiões, onde a vegetação dorme como nos climas da zona fria. Lá a hibernação do gelo; no sertão a estuação do sol.

A primeira gota d'agua que cahe das nuvens é para as varzeas cearenses como o primeiro raio do sol nos valles cobertos de neve: é o beijo de amor trocado entro o céo e a terra, o santo hymeneo do verbo creador com a Heva sempre virgem e sempre mãi.

Nunca vi o despertar da natureza depois da hibernação. Não creio porém que seja mais encantador e para admirar-se do que a primavera do sertão. Aqui a tranzição se opera com tal energia que assemelha-se de certo modo á mutação.

Aquella varzea que hontem ao escurecer afigurava-se aos vossos olhos o leito nú, pulverento e negro de um vasto incendio, bastou o borraceiro da noite antecendente para cobri-la esta manhã da virescencia subtil, que ja veste a campina como uma gaze de esmeralda.

Não ha em cada uma das raizes do capim secco e triturado mais do que um broto imperceptivel ; porém rebentam os gomos com tanto luxo e abundancia que, á guisa dos tenues liços de uma teia cambiante, formam esse gaio matiz da primavera.

Aquélla arvore tambem que ainda hontem parecia um tronco morto já tem um aspecto vivaz. Pelos gravetos seccos pulula a seiva fecunda á borbulhar nos renovos para amanhã desabrochar em rama frondosa.

Que prodigios ostenta a força creadora desta terra depois de sua longa incubação ! Della póde se dizer sem tropo que vê-se rebentar do solo

o grelo e crescer, assistindo-se ao trabalho da germinação como á um processo da industria humana.

Nas abas da serra onde as arvores tinham conservado a verdura sentia-se passar pela floresta um estremecimento, como de prazer. A briza da manhã enredando-se pela ramagem rociada não mais arranca os murmurios plangentes da matta crestada. Agora o crepitar das folhas é doce e argentino, como um arpejo sorridente.

Não eram sómente as mattas, os silvaçaes e as varzeas que se arreiavam com as primeiras galas do inverno. O espaço, até ali mudo e ermo na limpidez de seu azul diaphano, começava por igual á povoar-se dos passaros, que durante a secca se refugiam nas serras e emigram para climas amenos.

Já se ouviam grazinar as maracanãs entre os leques susurrantes da carnaúba e repercutirem os gritos compassados do cancan, saltando pela relva. O primeiro casal de marrecas, naquelle instante chegado das margens de Parnaguá, á centenas de legoas, banhava-se nas aguas de um alagado produzido pela chuva.

D. Flor, retida em casa no primeiro dia pela

fadiga da jornada e no segundo pelos chuvisqueiros que tinham encharcado o terreiro, aproveitou a bonita manhã para rever os sitios da infancia depois de longa ausencia.

Neste momento desce esquiva e ligeira os degráos da varanda e desapparece por entre o arvoredo do pomar, volvendo um olhar na direcção da casa, para certificar-se que não se apercebiam de sua ausencia.

Não entrava nesse cuidado da donzella o receio de uma falta. A ingenua altivez de sua indole não a deixaria nunca praticar acto que ella julgasse reprehensivel, nem recorrer á disfarces para esconder suas intenções.

O que a fizera esgueirar-se pelo quintal não passava de uma phantasia de moça. Quando sahia á passeiar pela fazenda era costume abalar-se meia casa para ter o contentamento e a fortuna de acompanhar a doninha.

Não havia aggregada ou escrava que não disputasse a honra de abrir-lhe o caminho, leva-la á sua palhoça, para offerecer-lhe o presente que lá tinha guardado. As mais moças brigavam á quem lhe daria a fructa mais bonita ou lhe descobriria o ninho de beija-flor. Depois vi-

nham as crias que tambem porfiavam nas cabriolas e algazarras com que festejassem a marcha triumphal.

Em outras occasiões D. Flor deleitava-se no meio dessa procissão, que lhe formava uma corte de princeza daquelles sitios; nessa manhã desejou passeiar só, talvez que para estar mais presente nos sitios queridos que ia percorrer, e dos quaes andara separada tantos mezes.

Trajava a donzella um roupão de sarja, guarnecido de fraldelim pardo, que debuxava a galba palpitante de seu talhe gracioso. A fimbria ao de leve arregaçada por causa da orvalhada, mostrava o pé de menina calçado por um borzeguim preto com o salto escarlate.

Trazia, ainda na mão, uma capelina de sòprilho com rocaes da mesma fazenda e franjas de alvas rendas de Guimaraens. Logo que chegou ao quintal cingiu a cabeça com esse toucado, que abrigava-lhe a cutis mimosa dos raios do sol, moldurando-lhe o rosto gentil, como uma grande magnolia silvestre de cuja corolla surgisse sua elleza.

A donzella, deixando o pomar, deu volta ao

redor do edificio e foi sahir proxima ao casalinho da Justa, para onde se encaminhou.

A sertaneja estava neste momento sentada na soleira da porta, e acabava de ordenhar suas cabras. Perto della via-se um alguidar onde ia deitando a conta de cada uma. As chuvas das ultimas noites haviam enchido as tetas, que já difficilmente apojavam com a secca.

Quando a Justa viu á poucos passos sua filha de criação, levantou-se com impeto de contentamento, e abriu os braços de modo á receber Flor, que lançou-se-lhe ao collo. Para estreita-la ao peito a sertaneja, que não tivera tempo de se desvencilhar do tarro seguro na mão esquerda, nem de lavar a mão direita humida de leite, cruzou os pulsos, affastando-os de modo á não tocar a menina.

Este movimento aproximou da espadua de D. Flor o pucaro no qual a donzella, emquanto deixava-se abraçar, punha os labios, e bebia á rir uns goles de leite. Justa, á quem os brincos da filha querida faziam mais menina que ella, prestou-se á travessura e prolongou-a para gozar da ventura de conservar a moça por mais tempo abraçada.

— Que bom leite, mamãi Justa! E que saudades que eu tinha delle! O de lá é aguado, não se parece com o nosso! De qual é? Da Cambraia?

— Não, meus carinhos, é da Mochinha. A Cambraia está amojada.

Esqueceu tudo quanto tinha que fazer a boa ser. taneja, no alvoroto de receber a filha. Não havia no casalinho maior festa, desde a Circumcisão até S. Silvestre, do que lhe trazia D.Flor sempre que ahi vinha.

A cabana constava de tres peças: uma servia de varanda, outra de dormitorio, a ultima era a cozinha. Todas as portas e janellas estavam abertas, de modo que o ar e a luz entravam francamente com a fragancia dos campos. O chão era de massapê, mas tão rijo e varrido que não se via signal de poeira.

A' excepção da cosinha, cada aposento tinha uma rêde de algodão muito alva. No dormitorio a rede faz as vezes de cama; na varanda faz as vezes de sofá, e é o logar de honra que o sertanejo, fiel ás tradicções hospitaleiras do indio seu antepassado, offerece ao hospede que Deus lhe envia.

O primeiro cuidado de Justa foi correr ao

quarto e tirar da sua mala de couro uma rêde tambem de algodão, porém de ramagens encarnadas, com dois palmos de renda na franja matisada. Immediatamente substituiu a outra por esta, que ella ainda não achava bem chibante para sua filha querida

— Agora póde sentar-se, meu bem, disse a sertaneja abrindo as dobras.

D. Flor encostou-se á aba da rede, e fincando no chão a ponta do borzeguim, começou á embalar-se, emquanto a ama ia buscar tudo que tinha de melhor em casa para offerecer-lhe :

— Prove deste queijo que está tão fresquinho ! E' o primeiro deste anno. Agora com as chuvas as cabrinhas sempre deram para um coalho.

Depois do queijo fresco, que ainda estava no chincho, vieram os balaios de biscouto, as rosquinhas de cariman, flores de alfinim, em summa toda a provisão de golozinas que a sertaneja havia feito á espera de sua filha de criação.

D. Flor beliscou em tudo como uma rôla para dar á sua mamãi, de cada cousa que provava, um novo prazer.

— Agora basta, mamãi Justa ; não faça de sua filha uma gulosa que é muito feio.

— Iche ! . . . respondeu a sertaneja com o seu muchocho especial. Em D. Flor tudo é bonito.

— Está me deitando à perder.

— Torno à dizer ! O que nos outros é feio e não se atura, si meu cherubim fizesse todos haviam de ficar encantados.

— E si eu não lhe quizesse mais bem ? Era bonito, diga, mamãi Justa ?

— Isto não póde ainda que queira ! disse a sertaneja sorrindo.

Justa arrastara um estradinho coberto de couro e sentara-se defronte da donzella para conversar. Emquanto fallava, levada pelo habito de sua vida laboriosa, tirara um fuso da cintura, e por distracção mais do que para aproveitar o tempo, começara à fiar as pastas de algodão que estavam dentro de uma cabaça suspensa à parede.

D. Flor abandonou a rêde, e tirando das mãos da mamãi o fuso, acommodou-se mui sem ceremonia no colo da sertaneja, que já não cuidava em outra cousa sinão em ninar o seu cherubim.

— Espere, mamãi ; deixe-me ver seu rosario,

disse D. Flor, desatando o pequeno ramal de contas pretas que a sertaneja trazia ao pescoço.

Deitando-o no regaço de seu roupão, tirou do bolso um pequeno embrulho de tafetá, atado com um torçal de prata. Havia dentro um grande rosario, todo elle de contas de ouro, com os padre nossos de coral e as corôas de marfim. A cruz era de azeviche com o Christo de jaspe.

A donzella cingiu o pescoço de sua mamãi com cinco ou seis voltas do rosario e deixou-lhe á final pender sobre o peito a cruz, que teve o cuidado de collocar de chapa, mostrando a imagem do Redemptor.

— Aqui tem! E' um rosario completo com duas corôas e mais um misterio. Assim não carece de passar duas vezes, quando resar sua novena.

Justa não dava signal de si. Ficara maravilhada com a riqueza e formosura daquelle mimo e estava em extase, immovel como uma estatua, receiosa de que o seu menor gesto maculasse aquelle primor.

Acabando de arranjar o rosario, affastou-se D. Flor para observar o effeito:

— Está uma dona, mamãi!

Foi então que Justa despertando correu á menina, e como costumava em seus momentos de effusão, suspendeu-a nos braços, tomando-a ao collo da mesma fórma que fizera quando a trazia aos peitos, e affogando-a de beijos e caricias.

No dia seguinte ao da chegada, quando se arrumou a bagagem, tinha se feito uma distribuição geral de presentes pela gente da fazenda. Cada uma das pessoas que ficaram havia recebido uma peça de vestuario,um traste de uso, ou qualquer outra lembrança. Os homens o receberam da mão do capitão-mór ; as mulheres da mão de D. Genoveva ; as moças e meninas da mão de D. Flor.

Mas a donzella além daquelles presentes tinha tres especiaes, que havia reservado para mais tarde : um era o de Alina, sua companheira de infancia, outra era o da sua mamãi Justa. Faltava-lhe dar o terceiro.

XI

A COMADRE

Flor voltara á embalar-se na rêde, e Justa fazia outra vez corrupiar o fuso ás castanholas de seus dedos ageis.

A donzella correu com os olhos toda a casa, como si esperasse a presença de mais alguem : foi ao terreiro da casinha e frustrada em sua esperança, dirigiu-se á ama com uma carinhosa exprobração :

— Que é feito de Arnaldo, mamãi Justa ? Ha tres dias que chegamos e ainda ninguem o viu.

— Arnaldo ? Minha filha não sabe ? E' verdade que eu nem me lembrei de contar-lhe.

— O que ? perguntou a moça inquieta. Que lhe aconteceu ?

— Nada de mal. Foi que no mesmo dia da sahida do senhor capitão-mór, elle veio despedir-se de mim, que tambem ia fazer uma viagem.

— Aonde ?

— Não disse ; mas eu cuido que é para as bandas da Serra Grande, atraz de uns barbatões que o vaqueiro Ignacio Góes pediu-lhe para agarrar. Nisso de campear não ha quem lhe ganhe. Nem o pai que era afamado. Em todo este sertão não havia vaqueiro como o Sr. Louredo, meu defuncto que Deus tem. Pois o filho ainda passa. Minha Flor não se lembra daquelle novilho que elle foi pegar lá no fundo do Piauhy? Gastou tres mezes ; mas trouxe o mocambeiro amarrado á argola da cilha.

A donzella prestava á ama vaga attenção, distrahida por uma idéa que a noticia suscitara em seu espirito. Mas, desprendendo-se dessa scisma interior, tornou á conversa.

— E mamãi não tem medo que lhe aconteça alguma cousa, ahi por esses desertos ?

A sertaneja abanou a cabeça com um gesto de confiança, e o rosto banhado de um ingenuo orgulho :

— Que lhe hade acontecer ?

— Eu sei ? algum perigo.

— Está defendido. Emquanto tiver no pescoço o bentinho, não lhe acontece mal.

— Aquelle relicario vermelho ?

— Ninguem sabe quem deitou, respondeu a sertaneja affirmando com a cabeça. No mesmo dia de nascido, appareceu com elle e não se viu entrar em casa viva alma, nem a creancinha sahíu da minha rêde. Só quando eu acordei, ainda assim como sonhando, senti um cheiro de incenso e vi uma alvura que me cegou. Havia de jurar que eram azas de anjo. Quando olhei para o pequeninho elle estava rindo-se e a brincar com o relicario, como si já tivesse juizo para entender.

— Nunca me contou isso, mamãe Justa! observou a menina sorpreza.

— Meu homem não gostava que eu falasse nestas cousas, e então ficou no esquecimento o milagre do bentinho. Mas o senhor capitão-mor e a dona sabem tudo.

— Então esse relicario tem a virtude de livrar a pessoa de qualquer risco e desastre?

— De todo o perigo, seja do fogo ou d'agua, de ferro ou veneno; respondeu a ama com o tom da mais profunda convicção.

— Esta certeza que você tem, mamãe Justa, é que eu não vejo. Só porque não se sabe d'onde veio o relicario?

— Pois não está se vendo, meu bem, que foi um anjo que o poz ao pescocinho da criança, mandado por Nossa Senhora da Penha de França? Porque eu o tinha offerecido á Mãi Santissima para seu devoto, quando ainda o trazia nas minhas entranhas e então ella quiz protege-lo. Agora repare que, sahindo Arnaldo um menino tão travesso que ninguem podia com elle, nunca lhe aconteceu nada, mesmo nada; nem um arranhão de unha de gato, ou uma queda da goiabeira. Sumia-se um dia inteiro, mettia-se no mato, ou andava cercando os magotes para montar nos poldros brabos, e estava mais seguro por lá, do que si eu o guardasse aqui junto de mim, no terreiro. Não se lembra daquella pobre, ahi para as bandas de Russas, que emquanto ensaboava uma roupinha os porcos lhe comeram o filho, mesmo dentro de casa?

— Coitada! Esqueceu-se de fechar a porta.

— Si tivesse protecção do céo podia deixar aberta, ainda que lhe andassem as onças no terreiro. Era o mesmo que si um benzedor lhe fizesse o signo Salomão no batente: ninguem entrava.

— Agora por fallar nas travessuras de meu

collaço, mamãe Justa, lembrou-me de uma cousa que me succedeu na viagem.

— Pois conte, meu cherubim, que estou mesmo anciosa de saber como lhe foi por lá pelo Recife, si achou muito bonita a cidade e teve festas e regosijo ?

— Depois contarei tudo. Agora é só o que succedeu na ida.

— Pois sim.

— Estavamos já perto do Recife e tinhamos atravessado um rio chamado das Tabocas, onde se deu uma grande batalha no tempo dos Flamengos.

— Sei ; o velho Anselmo sempre fallava nessa guerra que tambem elle andou por lá pelejando.

— Eu ia adiante esquipando, quando um cavallo bravio, que andava pela varzea á pastar, correu furioso para brigar com o lazão.

— Jesus ! Que perigo !

— Foi apenas o susto. Quando o cavallo se atirou como uma onça para morder o lazão, um homem appareceu não sei d'onde que o agarrou pelas orelhas e saltou em cima.

— Bravo ! Já estou-lhe querendo bem sem o conhecer.

— O cavallo corcoveava pela varzea, que parecia uma cabra ; mas o sujeito metteu-lhe as esporas e lá se foram os dois aos trancos, pela varzea fóra. Foi então que me lembrei de Arnaldo quando montava em pello nos poldros bravos, e andava á escaramuçar pelo campo até amansa-los.

— E' verdade ; era um capetinha.. Mas o susto não fez mal à minha filha ? perguntou a ama com terno disvello, como si fallasse de um perigo recente.

— Não, nem disse nada á minha mãi para não affligi-la. O mais curioso porém é que o tal sujeito que me livrou dava uns ares com Arnaldo.

— Deveras ?

— Eu não lhe vi a cara, porque elle tinha um lenço de rebuço, e tambem foi um relance, emquanto montava. Mas o corpo, nunca vi cousa mais semelhante.

— Que me está dizendo, meu cherubim ?

D. Flor fez uma pausa de hesitação, ao cabo da qual fitou os olhos na ama :

— Quem sabe si não era mesmo meu collaço, mamãe Justa ?

— Elle ? Arnaldo ? Que idéa ! si andava tão longe, por este sertão á dentro ! Capaz de fazer

o que o outro fez, isso sim ; e mais, e muito mais, por meu cherubim, que elle é meu filho e criou-se nestes peitos.

— Não podia ser elle ! disse Flor com a voz lenta e recahindo na scisma anterior.

Por ventura seu espirito, recordando o facto e combinando-o com a noticia da ausencia que Arnaldo fizera da fazenda, laborava em duvida, apezar da denegação que lhe escapara dos labios.

Ouviu-se um manso ballar e um piso rijo mas compassado. Com pouco appareceu na porta que dava para a cozinha uma bonita cabra rajada, das maiores que se criavam naquelles pingues sertões.

Ao avista-la, Justa estendeu a mão dizendo :

— Ande cá, comadre : venha dizer adeus á sua filha, que você ainda não viu.

A cabra como si entendesse a sertaneja, caminhou com passo lento e grave qual convinha á uma matrona e veio apoiar a cabeça na espadua da donzella que abraçou e acolheu com meiguices ao lindo animal.

— Adeus, mamãe bébé, como passou ? Vamos á saber . . . Teve saudades de sua filha ? Qual ! Você é uma ingrata !

D. Flor, que levantava com a mão esquerda a

cabeça da cabra para fallar-lhe, fez com o indice da mão direita um gesto risonho de ameaça infantil :

— Porque não me foi encontrar no terreiro com sua comadre, quando eu cheguei ?

— Estava esperando por Arnaldo ; observou a Justa. E' um faro que ella tem para conhecer aquelle filho, que é uma cousa por maior. Desde tres ant'hontem à tarde, quando minha filha chegou, que ella começou á chamar, á chamar, e não sahiu mais lá do cocoruto à espera delle.

— Então a senhora quer mais bem á elle do que á mim ? atalhou a donzella voltando-se para a cabra com uma feição graciosa que debalde pretendia tornar-se em carranca.

— E' para pagar o mais que eu lhe quero á você, meu cherubim, replicou Justa rindo-se.

— Não deve ser !

— Mas si é !

Flor dirigiu-se outra vez á mamãe bébé.

— E que noticias me dá de seu querido, dona ? Bem mostra que é seu filho ; ingrato como a mamãi.

— Ella que appareceu, é que Arnaldo não tarda por ahi.

A cabra fitou seus olhos de topazio cheios de intelligencia na donzella ; volveu a cabeça para fóra e afastando-se com o mesmo passo cadente foi collocar-se no meio da varanda, voltada para a porta.

Ahi ficou immovel até que, decorridos instantes, ergueu a pata direita e começou com ella á bater o chão, recuando á passo e passo para logo depois avançar e retrahir-se de novo. Afinal caminhou direito á porta.

Arnaldo pisava a soleira.

O sertanejo dos dias antecedentes, o filho do deserto, livre e indomito como o cervo das campinas, ficou la fóra. Quem entrou foi um mancebo timido e acanhado no qual todavia a apparencia rustica do trajo e o enleio do gesto não escureciam a nativa belleza do perfil e o molde airoso do talhe.

O filho e a mãi abraçaram-se estreitamente no meio da varanda, onde se encontraram correndo um ao outro. Depois desse desaffogo das saudades, Justa voltou ao estradinho levando o filho pela mão até o lugar onde ficara D. Flor.

— Adeus, Arnaldo! disse a donzella com inenuo prazer.

O sertanejo parara em face da donzella com os olhos baixos e respondeu em voz submissa :

— Adeus, Flor.

Ou por espontaneo movimento, ou para subtrahir-se ao enleio dessa posição, Arnaldo voltou-se para a cabra que lhe seguira os passos, e estendeu-lhe as mãos. O carinhoso animal pousou nas palmas de seu filho de leite as patas dianteiras, e dahi com um salto alcançou-lhe as espaduas.

Ficaram assim os dois abraçados. Arnaldo prolongava de proposito a caricia, perplexo sobre o que devia fazer. Por fim a cabra separou-se e foi sentar-se defronte no seu canto, com os olhos fitos no grupo.

— E á mim não se abraça ? perguntou D. Flor á sorrir.

Arnaldo estremeceu. Vendo-o attonito e mudo, Justa impelliu-o ao de leve pela mão.

— Anda d'ahi, Arnaldo ; abraça tua collaça. Estás tonto da viagem ?

— Deixe-o ; eu vou abraçar mamãi bébé ; disse a donzella zombando do vexame de seu irmão de leite.

— Ora vejam que partes ! insistiu a ama.

Levantando-se passou o braço pela cintura de cada um, obrigando-os ambos á approximarem-se.

D. Flor pousou timidamente a mão no hombro do rapaz e sua cabeça roçando-lhe o peito ouviu-lhe as rijas e violentas palpitações. Quando desprendeu-se do rapido abraço leve rubor carminou-lhe as niveas faces ; mas apagou-se logo no gesto da linda fronte, a qual erguera-se com a expressão altiva e senhoril que era o toque de sua belleza.

Arnaldo não se animára à cingir o talhe da donzella. Si tocara-lhe o corpo fora ao impulso da mãi ; logo porèm recuára voltando as costas para esconder a vehemente commoção.

Sua phisionomia tinha a livida rigidez de um espectro. Calcava a mão sobre o peito para comprimir o coração, que saltava-lhe aos impetos, como um poldro selvagem. Deu alguns passos para a porta vacilando como um ebrio.

— Onde vás tão cedo, Arnaldo? perguntou Justa.

Nesse momento soou la fóra, para o lado da varzea, grande estrepito. O gado mugia ; os cães latiam furiosos e no meio do alarido destacavam-se vozes humanas à clamar :

— Ecou!.. Ecou!.. Arriba, gente! Isca, Roldão!... Valente!...

Ao primeiro rumor, Arnaldo assumiu-se, vibrando a fronte. Já era outro homem, ou antes tornara ao que era. Do peito vigoroso rompeu-lhe o brado formidavel que nenhum vocabulo traduz, rugido humano com que o sertanejo affirma no deserto o imperio do rei da criação.

De um impeto ganhou a porta e desappareceu.

XII

ALVOROÇO.

O ponto de onde vinha o alarido era a varzea fronteira á casaria da fazenda.

O capitão-mór Campello sahiu fóra ao terreiro para conhecer a causa do alvoroço. Agrella o seguia.

Não tardou que se reunissem ao grupo D. Genoveva, e D. Flor, que chegara acompanhada por Justa, e curiosa de saber a razão do impeto de Arnaldo.

As creadas e escravas acudiam á janella emquanto os famulos e aggregados corriam ao logar do acontecimento para melhor verem o que ali estava passando, e sendo possivel tomarem parte na funcção.

Na varzea já estavam muitos individuos, pela maior parte moços ou creados do vaqueiro, que actualmente no sertão designam com o nome de

fabricas. Faziam largo cerco ao redor de uma coroa de mato, balsa emmaranhada que irriçavam os talos espinhosos das carnaubas.

Armados uns de arcabuses e clavinotes, outros de parnahibas e facas do mato, excitavam-se mutuamente á avançar ; nenhum comtudo se resolvia à ser o primeiro. Não que lhes faltasse a coragem, provada nos azares da vida aspera do sertanejo ; mas o perigo desconhecido nunca deixa de infundir um vago assombro, que si não abate o valor, entorpece a resolução. Não são todos que ousam affronta-lo á sangue frio.

Até aquelle momento ignorava-se o que havia no capoão ; e a cousa tomava feição de misterio que nesses tempos supersticiosos dava thema para as mais absurdas visões.

Um dos caens do curral tinha farejado o quer que era no matagal e dera aviso. Logo acodiu toda a matilha que não cessava de latir e com ella os rapazes, que a estumavam para investir.

Entretanto a brenha permanecia silenciosa ; não se ouvia o menor susurro e as folhas do arvoredo apenas afflavam com o brando sopro da viração. Esta placidez, que devera tranquillisar, era precisamente a causa do terror, porque

transmittia ao accidente um aspecto extranho e inexplicavel.

— E' onça com certeza! dizia o José Pina.

— Si fosse onça, já tinha espirrado.

— Eu conheço pelo latido do Ferro!

— Para mim, não é sinão defuncto! observou o Quimquim da Amancia.

— E mais de um.

— Qual defuncto! exclamou o João Coité, que chegava esbofado da corrida.

— Então é o lobis-homem!

— Cousa peior! Sou capaz de apostar minha alma em como não é outro sinão o velho bruxo!

— E' verdade! exclamaram muitas vozes em roda.

— Vamos á ver que é o mais curto; observou o Burity.

— Não é o filho de meu pai que se mette nessa; observou João Coité. Si fosse gente ou cousa deste mundo,aqui tinham um homem que vale por tres, mas com o tinhoso não quero sucias.

Esta profissão de fé arrefeceu o enthusiasmo dos companheiros e houve quem suscitasse a ideia de chamar o capellão para atacar o inimigo com

as armas da Egreja, e obriga-lo á sahir do mato onde se encafuara.

A' esse tempo chegou Arnaldo à varzea. Colhendo na passagem a nova do que havia, enrolou no braço direito o gibão de couro e com a faca desenbainhada investiu para o mato, onde penetrou e desappareceu.

Foi um instante de anciedade para os que ali se achavam. Arrependidos uns de não terem acompanhado o destemido rapaz, outros de não haverem obstado aquella temeridade, aguardavam o desfecho do estranho accidente.

João Coité, convencido de que Arnaldo já estava embruxado pelo velho, preparava-se para algum acontecimento e por causa das duvidas tinha o polegar á altura da testa prompto para benzer-se.

O Quinquim da Amancia que lembrara-se do lobis-homem fez com a vara de ferrão um grande signo-salomão e saltou dentro, no que o acompanharam todos os rapazes, crentes de que assim ficavam preservados de virarem raposas.

— O que é? o que é? gritou o Manoel Abreu? que chegava com o resto de sua gente.

Nessa occasião ramalhou o mato; logo depois

abriu-se a folhagem e appareceu Arnaldo puxando pela orelha á um tigre enorme, que o seguia gacheiro e humilde.

O assombro da gente durou até que o sertanejo com o singular rafeiro sumiu-se na ponta do mato, que se prendia á floresta e formava como um braço arqueado á cingir a varzea.

Não foi menor a sorpreza das pessoas que observavam a scena do alto do terreiro. As mulheres não tiveram animo de a acompanhar até o fim, horrorisadas com a idéa de que a fera podesse de repente lançar-se á Arnaldo ou à qualquer dos outros e estraçalha-los. D. Flor tambem sentiu um calafrio que obrigou-a á cerrar as palpebras; porém tinha imperio sobre si e alma para admirar os rasgos de coragem.

O que maravilhava á esses homens valentes e habituados ás façanhas do sertão não era a coragem de Arnaldo, mas a submissão do tigre.

A luta de um homem só contra o tyrano das florestas brasileiras não era novidade: sabiam que o sertanejo affronta a onça e a abate á seus pés. Si elles não o tinham feito, conheciam ou de fama ou pessoalmente mais de um caçador para quem essa proeza era divertimento.

O tigre brasileiro, apezar de Buffòn que o não conheceu, é um animal formidavel pela força e pela intrepidez. Ha exemplo de penetrar em um rancho ou acampamento, e arrebatar delle um homem, zombando dos tiros com que o perseguem os companheiros da victima.

Arrasta o cavallo ou boi que matou e faz frente aos caçadores, afastando-se com rapidez não obstante o grande pezo da carga. Azara refere o caso de um que levou com o boi morto outro boi vivo, prezo à mesma canga.

Toda essa força e braveza cedem á agilidade do homem. Não comprehendia porém a gente da fazenda o imperio que o rapaz sertanejo exercia sobre a féra á ponto de a levar à tréla como a um sabujo.

Da mesma forma que o leão, a panthéra e todo animal por mais cruel que seja, o tigre brasileiro póde ser domesticado.Naquella epocha havia caçador nos sertões que tinha dessas fantasias; embora mais de uma vez fosse obrigado á ir á colla do fugitivo, á quem apertavam saudades das brenhas.

Uma coisa porém era o tigre manso e outra muito diversa o tigre bravio, que sahira da matta açulado pela fome e que deixava-se arrastar

por Arnaldo, sem oppor-lhe a menor resistencia, nem dar qualquer signal de colera.

Não atinando com a explicação natural do facto, buscava-a aquella gente na superstição. Attribuiam todos á feitiçaria esse poder incomprehensivel que o sertanejo exercia sobre a féra.

João Coité era de opinião differente. Para o visionario aquella onça não era o que mostrava, porém o bruxo velho Job, que tomara a figura do animal, afim de não ser conhecido.

— E sinão, vejam como veio correndo o outro enguiço de Satanaz que elle já enfeitiçou? Aquillo è que sentiu o fortum do enxofre.

Já se tinha dispersado a gente, e recolhidos aos aposentos, ou tornados ás labutações jornaleiras, os aggregados scismavam sobre o caso, que dava thema vasto á tagarelice.

No terreiro, á sombra da oiticica, ainda se achava o capitão-mór Campello com seu tenente Agrela e o padre Telles, capellão da fazenda.

Já entrado em annos, porém ainda verde e bem disposto, o sacerdote, mais por indole do que por estudo e convicção, dava o exemplo de uma tolerancia benevola que todavia estava bem longe da simonia de certos padres desabusados, como

então os havia nas colonias,e para os quaes a religião era uma industria, o altar um balcão.

Praticavam as tres pessoas acerca do facto à que tinham assistido, e o capitão-mór, perplexo acerca da opinião que devia formar sobre tão estranho caso, ouvia aos seus dois ajudantes, o do espiritual e o do temporal :

— Tem-se visto sujeitos neste sertão que lidam com as cobras mais assanhadas,como a cascavel e a jararaca, as enrolam ao pescoço ou as trazem no seio sem que lhes façam mal;observava Agrela.

— Eu conheci nos Cariris, adheriu o capellão affirmando com a cabeça, um caboclo que tinha criação dellas.

— Esse poder que uns tem sobre as cobras, outros o terão sobre as feras, como acabamos de ver ; tornou Agrela.

— Mas esses não são feiticeiros, Agrela? O seu poder não vem de artes occultas ?

— Assim pensa toda a gente, Sr. Capitão-mór. Mas para mim tenho que são cousas naturaes, ainda que não as sei explicar.

— Que dizeis á isso,padre Telles ? perguntou o fazendeiro voltando-se para o capellão.

— E' fóra de toda a duvida que neste caso admiravel do qual fomos testemunhas, assim como no das cobras e outros semelhantes, ha uma virtúde sobrenatural, que não pertence ao mortal, mas lhe foi transmittida por um poder superior.

— Qual poder, padre Telles? O do inferno? interrogou Campello.

— O do céo, sr. capitão-mór. Deus, como ensinam as sagradas escripturas, póde operar o milagre, ou por si directamente,como fez Jesus ressuscitando o Lazaro e restituindo a vista ao cego, ou por meio dos Santos e de suas reliquias. Assim foi que Moysés separou as ondas do Mar Vermelho e Jozué faz parar o sol; e tambem que a tunica de Elias dividiu as aguas de Jordão, o sudario de Paulo curou os enfermos, os ossos de Eliseu ressuscitaram os mortos, além de outros innumeros exemplos.

— Acreditaes então que fosse um milagre? interrogou novamente o capitão-mór.

— Acredito que o Senhor quiz salvar o filho da Justa, ou por intercessão do santo da especial devoção da mãi, ou pela virtude de alguma reliquia preciosa que o rapaz traga consigo.

— Elle tem um bentinho! observou o capitão-mór pensativo; e o traz desde que nasceu.

— Si a onça conservasse seu natural feroz e carniceiro, com certeza estava perdido o rapaz. E como o modo de salva-lo era esse de amansar a féra, o que se viu mais de uma vez nos circos romanos, e que o Senhor especialmente usou com Daniel na cava dos leões, não ha cousa que nos espante naquella acção que presenciamos, pois infinito é poder de Deus, e mais estupendos milagres tem operado para manifestar aos mortaes sua omnipotencia.

— Amen! disse o capitão-mór que se descobrira respeitosamente, sendo imitado no gesto e na palavra pelo ajudante.

Terminada a pratica religiosa, padre Telles, obtendo venia, retirou-se ao seu aposento. Permaneceram no terreiro o capitão-mór e Agrela.

Esses dois homens formavam no phisico tanto como no moral perfeito contraste. De Campello já se disse que era sujeito robusto e corpulento, de marca superior ao estalão humano. Agrela franzino e de exigua estatura, parecia ao lado do fazendeiro um espadim á fiveleta de um matamouro.

Quanto ao moral, o que tinha o capitão-mór de pausado e formalista, pagava-lhe o ajudante em viveza e promptidão. O tempo que o primeiro consumira á tomar uma resolução, bastaria ao outro para realisa-la.

Dahi provinha naturalmente a volubilidade e inconstancia do genio do moço, assim como a tenacidade do velho em sustentar sua resolução, uma vez tomada.

Entretanto por contraprova do anexim, que— *dois genios iguaes não fazem liga*, – fora precisamente o contraste daquellas duas naturezas a solda que as unira á ponto de já não fazerem mais de uma pessoa, embora repartida por dois corpos.

O capitão-mór Gonçalo Pires Campello, ali presente, não seria o mesmo opulento fazendeiro que era, commandante das ordenanças da freguezia de Santo Antonio de Quixeramobim e o maior potentado daquella redondeza, si arredassem delle o Agrela, seu ajudante.

Equivaleria á amputar-lhe uma faculdade d'alma e a mais activa. A energia, de que o velho dera tantas povas e que lhe grangeara admiração e respeito, desappareceria como a rijidez do aço privado de sua tempera.

Nem podia ser d'outra forma, pois essa energia resultava da combinação dos dois caracteres. Com a volubilidade de seu genio, Agrela tinha em qualquer circunstancia um aviltre prompto, e o communicava ao capitão-mór, em cuja vontade lenta mas robusta essa lembrança tomava logo a força de uma inabalavel resolução.

A mesma tranfusão operava-se ácerca do pensamento. O capitão-mór, que tinha aliàs o senso claro e recto, para não dar-se ao trabalho de meditar, incumbia o seu ajudante dessa occupação secundaria e limitava-se á colher a summa. Não admira pois que, apenas retirado o padre Telles, se voltasse o Campello para o mancebo e lhe perguntasse.

— Que vos parece, Agrela?

— De que, Sr. capitão-mór? Do que disse o padre Telles?

— Sim, homem; estaes pelo milagre?

— Minha idéa é, como já disse ao Sr. capitão-mór, que estas cousas não são communs; mas tambem não se podem chamar impossiveis. Ellas tem uma causa natural, conhécida dos que especulam estes arcanos da natureza.

— Ha então uma causa occulta ; e essa tanto póde ser milagre como feitiçaria.

— O sr. capitão-mór hade ter visto muitas vezes como eu o passarinho que vae piando meter-se elle mesmo na boca da cascavel.

— E' verdade.

— Ahi está uma cousa bem natural e de todos os dias que já ninguem estranha. Esse terror que a cobra causa ao passarinho á ponto de obriga-lo á entregar-se, eu acredito que um homem forte e valeroso inspire á outro homem, quanto mais á um tigre, á ponto de torna-lo manso e inoffensivo. E o Sr. Capitão-mór tem em si uma prova desse predominio.

— Então pensaes que em tudo aquillo não houve sinão a valentia do rapaz e o medo da onça?

— Assim me parece.

— Acertastes, Agrela ; não foi outra cousa.

Nesse instante viu o ajudante à Arnaldo que subia a encosta na direcção do terreiro ; e indicou-o ao Capitão-mór.

XIII

EXPLICAÇÃO

O sertanejo curvou-se e beijou a mão ao fazendeiro, costume patriarchal já em voga no sertão e que elle praticava por um impulso d'alma, pois habituara-se desde a infancia à respeitar no velho Campello um outro pae, além do que lhe déra a natureza.

Arnaldo e Agrela trocaram fria saudação. Havia entre ambos um affastamento, que já o capitão-mór havia percebido com pezar, pois desejava ligar entre si os dois mancebos, como os trazia unidos em sua affeição.

O ajudante foi arredando-se á feição de retirar-se.

— Onde ides, Agrela? perguntou Campello.

— Ali, ao quartel!

— Pois ide! disse o capitão-mór acenando-lhe com a mão.

O velho sentia que ia commetter uma fraqueza e não queria testemunha.

— Então, qu'é da onça?

— La se ficou no mato.

— E' de bom acomodar; tornou o capitão-mór á rir.

— Ah! somos conhecidos velhos; respondeu o rapaz no mesmo tom.

— Como então?

— E' uma historia.

— Pois conta lá.

— Si não tem que contar!... Cousas do mato.

— Vae dizendo.

— Eis o caso. Essa dona e seu companeira appareceram aqui na visinhança haverá um anno. Como eu ando sempre á bater por estes matos, parece que os importunava; e então assentaram de acabar-me a casta. Não dava mais um passo, que não me andasse no rasto algum dos dois camaradas.

— Não eram máos os pagens!

— Não eram, não; mas á mim é que não me serviam, que sempre foi meu costume andar só, pois é o meio de andar seguro. Então passei á sa-

ber dos taes amigos o que pertendiam deste cearense.

— Ah! E que responderam?

— Si elles ignoram as regras da cortezia... No que afinal tem desculpa, pois nunca foram á côrte, nem ao menos ao Recife. Portaram-se como dois villões. O que elles queriam, bem advinhava eu; era apanharem-me descuidados, e torcerem-me o gasnete. Mas eu transtornei-lhes o plano.

— Vamos á ver a façanha.

— Não foi nenhuma, sr. capitão-mór; manha sim, houve alguma. Um dia que o macho sahiu á carniça mais longe, lá para as bandas do Quixeramobim, aproveitei a occazião, e fui visitar a moça que tinha ficado na furna deitada com os dois cachorinhos.

— Entraste na furna, rapaz?

— Pois não havia de fazer as minhas cortezias á dona? Já se sabe, fui no rigor: bem encourado, com o pellego enrolado no braço esquerdo, e a minha faca flamenga á mostra.

— E a cuja como te recebeu?

— Com toda a bizarria, lá isso não se póde negar. Assim que me viu, rangeu os dentes, le-

vantou-se á prumo sobre os quadris, e estendeu a munheca, talvez para dar-me um aperto de mão. Eu, que sou desconfiado, fui mettendo-lhe um palmo de ferro entre as costellas, com o que a bicha deu-se por satisfeita.

— Mataste-a?

— Era minha intenção. Mas quando eu ouv os cachorinhos á grunhirem como si estivessem chorando, e reparei nos olhos que lhes deitava de longe a onça estendida no chão; lembrei-me que ella era mãi e ia deixar os filinhos ao desamparo. Então não sei o que se passou cá em mim, que tirei leite da janaguba, curei a ferida e fui buscar agua na cacimba para dar-lhe á beber e aos cachorrinhos.

— Bem mostras que és um bom filho, Arnaldo, e nem podia ser d'outra sorte com a mãi que Deus te deu. Mas vamos ao resto da historia, que está curiosa.

— Mal tinha acabado de agazalhar a dona, ahi chega o marido.

— Devias esperar por elle.

— Não digo que não; mas o tal, ou vinha arrenegado da vida, ou era de genio arrebatado, pois não quiz saber de explicação: foi juntando

e pinchou-se-me em cima com uma gana de tres dias. Espetou-se na ponta da faca; mas não se contentou com uma sangria; foi só á terceira, que emborcou no chão e toca á estrebuchar.

— Estou vendo que tambem não a mataste, e que não é outra sinão a tal de ainda agora.

Arnaldo sorriu, mas a expressão jovial que animou-lhe a phisionomia retocou-se de um laivo melancolico.

— Não sei o que é viverem duas creaturas da mesma vida, e unirem-se para sempre; nem o saberei nunca.

— Porque não o hasde saber, Arnaldo? Para que tenho criado em minha casa, como filha, a Alina, sinão para dar-te nella uma boa mulher, como tu a mereces? Justa ainda não te disse?

— Morrerei só, como tenho vivido; replicou o mancebo com vivacidade. Mas isso não impede que eu sinta quanto hade ser triste ver-se uma creatura desamparada do seu companheiro, daquelle que a deffende e a protege. Foi o que eu senti, naquella occasião: os filhos á grunhirem outra vez; a mãe á gemer; elle á arquejar que me cortava o coração; e no meio de tudo uns quebrados de olhos tão ternos que nin-

guem diria fosse daquella ralé carniceira. Afinal de contas, eis-me feito cirurgião e enfermeiro dos feridos e criador dos cachorrinhos.

— Ahi está o segredo.

— Durante um mez, todos os dias era meu divertimento curar os meus enfermos, e levar-lhes a agua e a comida, sobretudo peixe, de que elles gostam muito, e não faz má dieta.

— E acabaram por ficar amigos ?

— Amigos não, camaradas. Elles sabem que eu não os temo, e que tambem não lhes quero mal ; porisso me respeitam. Uma vez porém iamos brigando.

— Ah ! isso é que estava para perguntar-te : pois sempre tive esse animal na conta do mais traiçoeiro que se cria nas mattas, com excepção da cobra.

— No fim da secca passada, um dia que faltou-lhes a carniça e a fome apertou, tiraram-se de seus cuidados e fizeram as contas ao meu Corisco.

— E então ?

— Ficaram com a agua na boca, e as boas lambadas de relho, que metti-lhes no costado.

— Deste-lhes de relho ? E elles aguentaram, como um sendeiro, sem respingar nem tugir? Então

não admira que se deixem puxar pela orelha, como ha pouco.

— Não deixaram de resmungar seu tanto ; mas lembraram-se do que lhes tinha acontecido, e preferiram o couro ao ferro, no que mostram bem a casta que são. Desde ahi é aquella mansidão que o Sr. capitão-mór viu.

— Ora está a cousa explicada, sem milagres, nem feitiçarias. Ao cabo tudo vem dar nisto; que és um bravo, Arnaldo, valente como as armas !

— Valentia é a do sr. Capitão-mór que enxotou dez homens armados só com um chiquerador.

O capitão-mór sorriu-se dessa recordação de uma das mais famosas entre suas façanhas ; e erguendo-se do banco onde estivera sentado, passeou um momento, emquanto compunha novamente com sua ordinaria expressão de gravidade a phisionomia que durante a narrativa do mancebo se havia desarmado.

— Bem : agora saibamos outra cousa. Estivemos ausentes cerca de quatro mezes de nossa fazenda da Oiticica pela nessidade de prover á certos negocios na cidade do Recife. Durante nossa ausencia consta-nos que Arnaldo abando-

nara a fazenda; e tornando nós com o favor de Deus á nossa casa no sabbado, só hoje ao quarto dia de nossa chegada nos apparece. Que quer isto dizer, Arnaldo?

— Tambem andei em viagem; respondeu o mancebo concisamente, mas com mostras de respeito.

— Sua obrigação era ficar na Oiticica, d'onde ninguem se arreda sem nossa licença.

— Uma vez já pedi permissão ao sr. capitão-mór para dizer-lhe que eu não pertenço ao serviço da fazenda. Não sei lidar com os homens; cada um tem seu genio: o meu é para viver nomato.

Tornou o Campello ainda mais fechado:

— Quer dar em bandoleiro, como esses que ahi andam ao cosso pelo sertão, acabando o gado das fazendas, á fiusa de matar barbatão, e praticando toda casta de maldades em suas correrias?

Arnaldo ergueu a fronte com um assomo de escandalo contra a injuriosa suspeita.

— O sr. capitão-mór não póde temer isso de mim. Conhece-me bem.

— Conheço; disse o velho fazendeiro descançando solemnemente a larga mão sobre o homb do rapaz, á titulo de reparação da injustiça.

— Vivo de pouco e Deus me dá de sobra. Não careço do alheio, nem o cobiço. Tão pouco se ligará com bandoleiros quem não póde acostumar-se á gente de melhor avença. Procuro o sertão, e moro nelle para estar só. Mas fique vossa senhoria descançado, que si não presto para camarada ou vaqueiro, quando se tratar de o defender e acatar, á si e aos que lhe são caros, pòde contar que não tem servidor mais prompto, nem mais devoto. Minha vida lhe pertence, é dispor della como lhe approuver.

O capitão-mór se aproximara e com a voz tocada pela commoção murmurou, emquanto com um movimento rapido da mão direita abarcava ao mancebo o peito esquerdo:

— Pois eu não sei que é de ouro este coração ?

Recobrou-se porém immediatamente ; outra vez formalisado, dirigiu-se à Arnaldo guardada a gravidade e a distancia.

— Agradecemos a sua dedicação, Arnaldo; mas uma fazenda, e ainda mais, rica e importante como a Oiticica, não dispensa um regimen, que mantenha quantos á ella pertencem na obediencia e respeito do dono. Essa regra e disciplina não se guarda sem muito rigor, sobretudo para co-

hibir os máos exemplos, que são motivo de escandalo para os bons, e de excitação para os máos.

— Porisso é que torno á pedir ao sr. capitão-mór que me tenha como estranho á fazenda. Sou um vagabundo que ahi anda pelos matos, e que não pede sinão que o deixem viver nestes campos onde nasceu.

O capitão-mór proseguiu sem referir-se ás palavras do mancebo.

— Na tarde de nossa chegada, quando Manoel Abreu nosso feitor deu-nos parte de sua ausencia, Arnaldo, eu disse na occasião que lhe tinhamos concedido a nossa licença. Depois considerei que tal não houve; deu-se equivoco de nossa parte. Mas não podiamos voltar atraz, sem quebra de nossa palavra; e pois ficou sendo verdade que eu consenti na sua viagem.

Campello fitou no semblante do rapaz um olhar, que ia sublinhar sua palavra.

— Esta circunstancia *fortuita* nos privou de usar da severidade precisa para reprimir a desobediencia á nossas ordens; e desta arte poupou-nos um desgosto, pois Arnaldo sabe quanto prezamos o filho daquelle que foi nosso vaqueiro e amigo, o bom Louredo que Deos tenha em sua santa paz.

Arnaldo travou da destra do capitão-mór e beijou-a com fervor, estreitando-a ao seio. Esquivou-se aquelle á effusão.

— Esperamos que não aconteçam mais faltas como esta, que nos ponham na dura necessidade de esquecer a affeição que nos merece. Sabe Arnaldo que lhe destinamos o logar que serviu seu pai, de nosso primeiro vaqueiro. Só demoramos a realisação desta vontade, emquanto não completava Alina os desoito annos, para que tivesse uma boa carreira, capaz de entender com o serviço da queijaria e o trato das crias. Agora vamos avisar á D. Genoveva para que trate das bodas que se podem fazer pela Paschoa.

O semblante do sertanejo manifestava o intimo confrangimento d'alma ao ouvir aquellas palavras do capitão-mór. Foi com um tom secco e incisivo que retorquiu :

— O que posso asseverar ao sr. capitão-mór é que não serei nunca nem vaqueiro de fazenda, nem marido de mulher alguma.

— Hade ser !

— Outro Arnaldo sim ; este não !

— Hade de ser e quem o diz é o capitão mór Gonçalo Pires Campello ; insistiu o velho com a

pachorra somnolenta que precedia as formidaveis explosões de sua colera.

O primeiro impulso de Arnaldo foi desabrir-se contra a resolução que o velho acabava de annunciar com a formula solemne da vontade inabalavel. Mas elle queria e venerava aquelle velho com amor de filho. Reservando-se para defender mais tarde e no momento preciso sua liberdade, conteve-se nesta occasião. Si oppuzesse á tenacidade do fazendeiro seu caracter indomavel, o choque havia de ser terrivel.

Embora não esperasse evitar o rompimento; todavia seu desejo era affasta-lo quanto fosse possivel, e muito mais naquelle momento em que tinha o coração ainda commovido pelas provas de affeição do velho.

Limitou-se o sertanejo á dizer :

— Sabe Deus o que será.

— Com elle o deixo, e rogue-lhe, Arnaldo, que o faça um homem para honrar a memoria de seu pai.

XIV

DESOBEDIENCIA

O capitão-mór encaminhou-se para a casa. Ao deitar o pé no primeiro degrào do portico, voltou-se e gritou ao sertanejo que já descia a encosta :

— Torne cá, Arnaldo.

O mancebo acercou-se outra vez do terreiro.

— Diga-me onde anda o velho Job, que deitou fogo ao mato da fazenda, na tarde de nossa chegada.

Arnaldo teve um sobresalto. A tremenda collisão que elle evitara poucos momentos antes apresentava-se sob outra face.

— Asseguro ao senhor capitão-mór que não foi o velho Job quem deitou fogo ao mato.

— Sabemos do contrario.

— Juro si fôr preciso.

— Não basta um juramento suspeito, pois o velho é seu camarada ; são precisas provas que destruam a accusação.

— Quem o accusa? Eu respondo por elle; o sr. capitão-mór não confia em minha palavra? disse o mancebo ressentido.

— Sabemos que Arnaldo é pessoa de bem e de verdade; e prestamos a maior fé ao seu depoimento. Mas todas as vozes se unem para lançar ao velho Job a culpa do fogo; e nós não podemos por uma simples asseveração desprezar tantos testemunhos e dispensar a devassa de um caso de aleivosia que por sua gravidade demanda punição exemplar, afim de que se não repita, e ponha em risco as vidas tão preciosas de nossa esposa e filha. Sem fallar do desprezo das ordens terminantes que temos dado.

— Aleivosia houve, sr. capitão-mór, porém não foi Job quem a commetteu, nem teve parte ou sciencia della.

— Que assim fosse... Elle que se apresente e confie de nossa justiça, que não lhe faltará, como jàmais faltou aos que á ella recorreram.

Calou-se Arnaldo. Tinha fé na rectidão do capitão-mór; mas tambem conhecia seus rigores e escrupulos. Que provas podia exhibir contra a suspeita geral corroborada pelo testemunho de todos os embusteiros, de quem era o velho mal quisto?

Elle sabia a verdade ; mas como communica-la á outrem, quando não tinha della mais documento do que um rasto, aquella hora já apagado? Demais para desviar de Job a imputação era necessario lança-la á Aleixo Vargas, o autor da maldade.

Campello observava a perplexidade do sertanejo e cravando nelle os olhos interrogou :

— Arnaldo sabe onde está o velho Job ?

— Sei, sr. capitão-mór ; respondeu o mancebo com a voz firme e sustendo francamente o olhar do velho.

— Vae dizer-nos aonde ; ou vae traze-lo á nossa presença para evitar apparato de prisão e suspeita de fuga.

— Nem uma nem outra cousa posso eu, meu senhor.

— Porque não póde ?

— Não sou denunciante, nem esbirro.

— Mas é um rapaz estonteado. Manda-lhe o capitão-mór Gonçalo Pires Campello...

Arnaldo interrompeu-o.

— Por Deus e por sua filha, á quem o senhor mais quer neste mundo, peço-lhe que me ouça primeiro, sr. capitão-mór.

Campello reteve-se e disse :

— Falle, que ouviremos.

— Minha vida lhe pertence, sr. capitão-mór, já lh'o disse. Si lhe apraz, póde tirar-m'a neste momento, que não levantarei a mão para defende-la, nem a voz para queixar-me. Essa ordem porém que vossa senhoria quer dar-me ; si meu pai resussitasse para mandar-me cumpri-la, eu lhe diria : *não* ! Rogo-lhe pois pelo que tem de mais caro, que não exija de mim semelhante sacrificio, para não me collocar na dura necessidade de o recusar.

— Atreve-se à desobedecer-nos ? disse Campello contendo a borrasca prestes á desabar.

— Si vossa senhoria obrigar-me.

— Pois manda-lhe o capitão-mór Gonçalo Pires Campello que vá immediatamente buscar o velho Job e traze-lo aqui á nossa presença.

O velho proferiu estas palavras com a solemnidade de que elle costumava revestir-se nas occasiões graves ; e com o olhar que fazia tremer a vista aos mais valentes.

Arnaldo, em cujo semblante perpassou uma sombra de melancolia, levantou a cabeça e cruzou o olhar sereno como o irado lampejo do velho :

— Ao senhor capitão-mór Gonçalo Pires Campello digo-lhe eu, Arnaldo Louredo, que não !

O fazendeiro estendeu a mão para travar do braço do mancebo ; porém este retrahiu-se de um salto e collocou-se em distancia.

— Como amigo, podia fazer de mim o que bem quizesse. A' força, não !

Foi então que a ira terrivel do velho fez explosão, estalando como a cratera de um rochedo volcanico ao arremessar a lava.

— Agrela !

Este brado que elle repetiu tres vezes uma sobre outra abalou os ares, estremecendo a casa e reboando pelos echos da montanha.

O ajudante, que já vinha aproximando-se, acodiu e o terreiro encheu-se de homens d'armas, trabalhadores e escravos, que haviam corrido ao brado do fazendeiro. Todos elles tinham avistado de longe o capitão-mór, que se voltara para chamar o ajudante, e o Arnaldo em pé junto ao banco da oiticica.

— Agarre-me este atrevido ! gritou Campello ao Agrela que sahia á seu encontro. Quede ?

Ao voltar-se o capitão-mór não vira mais Arnaldo e debalde buscou-o com a vista.

— Eu o vi, acodiu Agrela, perto deste banco.

— Onde metteu-se então ?

— Daqui não sahiu, que tambem nos o enxergamos ali, e ninguem o viu passar ; observou Manoel Abreu.

— Procurem-n'o ! bradou novamente Campello, em um segundo accesso de colera.

Arnaldo tinha-se effectivamente sumido, e de uma maneira incomprehensivel. Visto por todos que haviam primeiro acorrido e que asseguravam ainda tel-o encontrado no terreiro, desapparecera de repente como uma sombra que se houvesse dissipado.

Entre os que se cançavam na pesquisa estava o João Coité que disse com um ar triumphante :

— Não querem acabar de convencer-se que o capeta do rapaz é feiticeiro !

Já à esse tempo haviam sahido ao terreiro D. Genoveva e a filha, inquietas pela irritação do fazendeiro, cuja causa vieram à saber ali, e muito as penalisou, principalmente pela razão da Justa.

Nenhuma dellas porém se animava naquelle momento à fallar ao capitão-mór que passeiava de um para outro lado, pensando no desapparecimento de Arnaldo.

Veio Agrela communicar a inutilidade da pesquisa.

— Elle não está aqui e tambem não sahiu, porque além de não o ter ninguem visto fugir, não ha rasto nem vestigio de sua passagem.

O terceiro accesso de ira foi ainda mais terrivel que os outros :

— Pois vão desencoval-o ainda que seja no inferno e tragam-n'o vivo ou morto. O capitão-mór Gonçalo Pires Campello não seja dono da Oiticica, nem pise mais a soleira de sua porta, si...

Não acabou o velho de proferir o formidavel juramento, que fez tremer quantos o escutavam. D. Flor alçando-se para cingir o pescoço do pai, com a mão mimosa fechou-lhe a bocca murmurando-lhe ao ouvido :

— Por sua filha que bebeu o mesmo leite que elle não jure, meu pai.

O velho quedou-se um instante, ao cabo do qual travando a mão de D. Flor caminhou com ella para a casa. Chegado á um aposento interior onde ninguem o podia vêr, desabafou sua ternura pousando-lhe na face um beijo. Depois vieram ao encontro de D. Genoveva, que os chamava para o almoço.

Não tardou que apparecesse a Justa, afflicta com o que tinha acontecido e ainda mais com as consequencias que dahi podiam resultar. Faltando-lhe o animo para apparecer naquella occasião ao capitão-mór, esperou que sahissem da meza.

— Que foi o que aconteceu, meu Jesus de minha alma? disse a sertaneja correndo para D. Flor. Não foi sinão castigo, minha filha.

— Castigo de que, mamãi Justa?

— Do peccado da soberba em que eu cahi esta manhã enchendo-me daquelle filho, e da protecção de Nossa Senhora da Penha de França. Nunca a gente se deve gabar do favor de Deus e dos Santos; mas deve se fazer ainda mais humilde para merecer a sua graça. Foi o que me ensinou o sr. padre Telles e eu não fiz caso, para agora ser bem castigada.

— Quem peccou por soberba não foi você, Justa, mas seu filho que chegou á desobedecer ao sr. Campello, cousa que até hoje nunca se tinha visto nesta fazenda; disse D. Genoveva.

— Como isto foi, minha Mãi Santissima, é que eu ainda não sei! Elle que adora o sr. capitão-mór, e daria a vida para servil-o, como é que

havia de faltar-lhe com o respeito? Só si foi alguma tentação do inimigo!

— Ou estouvamento de rapaz, que è o mais certo; tornou D. Genoveva.

— Arnaldo sempre foi de genio arrebatado; disse D. Flor; mas são uns impetos que passam logo, porque elle tem bom coração.

— E agora, senhora dona, o que vae ser de meu filho, si não me valer com sua intercessão, e mais a de meu cherubim?

— O sr. Campello, você bem sabe, Justa, quando diz uma cousa hade-se fazer por força; ninguem o arreda d'ali. O melhor è você ir ter com seu filho e trazel-o á presença do meu marido para pedir perdão da desobediencia e cumprir com o que elle mandar. Assim conte que não lhe acontece nada, porque elle era muito amigo do defuncto Louredo, e tambem de seu pai.

— Pois eu vou fazer o que me diz a senhora dona. Agora onde o acharei, á esse filho de meus peccados?

D. Flor sorriu-se.

— Manda mamãi bebè procural-o que ella dá com elle.

— E' mesmo!

Foi-se a Justa. D. Genoveva tornou ás lidas da casa, que depois de tão longa ausencia reclamava mais que nunca o seu governo, para voltar ao arranjo e ordem em que ella costumava trazel a.

Flor tinha destinado essa manhã para abrir seus bahùs e tirar os enfeites e galanterias de que a tinham accumulado, durante a estada no Recife, a ternura de sua mãi e a generosidade do pai.

Para ajudal-a nessa tarefa e gozar do prazer de admirar aquellas bonitas cousas, chamou Alina; e ambas dirigiram-se á direita do edificio, onde ficavam seus aposentos.

Havia de ser então mais de nove horas da manhã. O sol, ainda ardentissimo apezar dos annuncios do inverno, dardejava no céo do mais puro azul, em cuja immensidade não se descobria nem um esgarço de nuvem ou tenue vapor. Magestosa serenidade do clima tropical, em que aliàs se ostenta a pujança dessa natureza em repouso, e se pressente a violencia de suas commoções, quando percutida pela tempestade.

Já a alegria e animação que sempre traz a manhã nossa estação ardente, ia se dissipando; e começava a calma da soalheira, que infunde no sertão indefinivel melancholia.

XV

A CAVALHADA

O camarim ricamente alcatifado á moda do tempo era esclarecido por uma janella que abria para o terreiro, e da qual se descortinava ao longe a matta á cingir as faldas da serra.

As duas moças, reunindo as forças e galhofando da propria fraqueza, tinham conseguido, depois de muitas risadas, arrastar para o meio da casa um bahú da India, coberto de marroquim amarello e cravejado de taxas de prata.

Aberto o cadeado e virada a tampa, D. Flor sentou-se á frente em um estradinho baixo forrado de velludo, e Alina ajoelhou-se ao lado com os olhos cheios de prazer e curiosidade.

Da mesma idade que a filha do capitão-mór, e tambem formosa, tinha essa moça o typo inteiramente diverso. Era loura, de olhos azues, e corada como uma filha das nevoas boreaes.

Foi ella talvez um dos primeiros fructos dessa anomalia climatologica do sertão de Quixeramo-

bim onde, sob as mesmas condicções atmosphericas se observa com frequencia e especialmente nas moças, aquella notavel aberração do typo cearense, em tudo mais conforme á influencia tropical.

Alina era filha de um parente remoto de D. Genoveva. Ficando orphã em tenra idade, o capitão-mór á pedido da mulher a tinha recolhido com a mãi viuva, promettendo educal-a e arranjal-a.

A primeira parte dessa promessa o fazendeiro já a tinha cumprido, repartindo com a orphã a mesma educação que dera á sua filha querida. Quanto ao resto havia quem affirmasse que elle destinava Alina para o Arnaldo, e só esperava que a moça completasse os desoito annos.

D Flor tirou de dentro do bahú galanterias de toda a sorte, das mais finas e custosas que então se vendiam nas lojas e tendas do Recife, onde ainda se mantinham os habitos de luxo oriental com que as colonias do Brasil offuscavam a metropole.

Alina soltando gritosinhos de prazer, não achava expressões para manifestar sua admiração; com os olhos e a alma captivos do objecto

que D. Flor lhe havia passado, deixava-se ficar em extase, até que outra louçainha a vinha disputar por sua vez.

Já a tampa do bahú estava cheia de estofos que Alina ahi fora arrumando, depois de os admirar, quando D. Flor, encontrando uma comprida caixa coberta de primavera que procurava, ergueu-se com ella.

— E este vestido, Alina? Quero saber o seu gosto.

D. Flor tirara de dentro da caixa uma peça de escarlatim, e desdobrando o lindo estofo de seda arrugou-o com a mãozinha faceira, e deixou-o cahir da cintura como o folho de uma saia.

— Que maravilha, Flor! exclamou a orphã cruzando as mãos.

— Quanto mais quando estiver no corpinho gentil de certa pessoa que eu conheço!

— Não é seu? perguntou Alina pezarosa.

— Em mim não ficaria tão bem como na dona. Quer vêr?

D. Flor levou Alina sorpreza diante do trumó e ahi envolveu-a nas dobras do estofo cramesim.

— E' para mim, Flor?

— E para quem mais podia ser, menina? Cuidou

então que todo este tempo, no meio de tantas festas, não me tinha lembrado de si, ingrata?

— O bem que você me quer, Flor, eu sei; mas eu é que não mereço estas lindezas.

— Merece meu coração que é maior preciosidade do que todas as galas do mundo; respondeu D. Flor sorrindo-se

As duas amigas e companheiras de infancia abraçaram-se com effusão, e encheram-se mutuamente de caricias. Quando acabaram de desaffogar sua ternura, a filha do fazendeiro tornou ao bahú, deixando a outra ainda em contemplação deante do estofo de sêda desdobrado sobre o trumó.

Não era admiração unicamente o que sentia Alina: era quasi adoração, mas inspirada pela linda tela, em cujo brilhante matiz revia por ventura naquelle instante o resplendor dos sonhos de sua imaginação.

— Está vendo este listão, Alina? disse D. Flor voltando-se para mostrar o objecto.

— Como é bonito!

— Fica-me bem?

— Fica uma joia. Com ella você parece uma princeza encantada, Flor.

Alina tinha rasão. A facha de chamalote azul que a moça acabava de passar á tiracollo, prendendo-a ao hombro direito com o broche de ouro, dava ao seu talhe airoso um porte regineo.

— Jà leu ? perguntou D. Flor mostrando com a ponta do dedo as lettras bordadas na fita.

— A' MAIS FORMOSA ; disse Alina soletrando.

Esse era effectivamente o distico lavrado à fio de ouro em uma e outra banda da facha de chamalote.

— Foi uma sorte da cavalhada ; disse a moça.

— Conte, Flor.

As duas meninas acomodaram-se nos poiaes da janella.

— De todas as festas que vi no Recife, as mais luzidas foram as que se deram em regosijo pela chegada do novo governador D. Antonio de Menezes, conde de Villa Flor.

— Você viu o conde, Flor ? Que homem é ? perguntou a linda sertaneja, para quem ver um conde era quasi ver o rei.

— Um fidalgo de nobre parecer, como meu pai. Fizeram-se muitos folguedos e apparatos em honra sua ; nenhum porem como a cavalhada. Foi mesmo no largo do Pa-

lacio. Armaram uns palanques muito vistosos com seus toldos de sedas amarellas e cramesins, em redor da teia guarnecida de arcos e galhardetes de todas as côres.

— Como havia de estar chibante!

— Muitas donas, já se sabe, e as filhas todas com suas galas mais ricas...

— Mas a fermosura era você, Flor, que enfeitiçou com esses olhos todos os cavalheiros, e até principes que lá houvesse.

— Deixe-me contar, menina; observou D. Flor com um gracioso amúo: sinão acabou-se a historia.

— Estou ouvindo, princeza.

— Já os palanques estavam apinhados de damas e cavalleiros, quando chegou o conde governador, que deu o signal para começarem os jogos. Então entraram, cada uma de seu lado, duas quadrilhas adereçadas com roupas muito lindas, uma de verde e amarello, que era a dos pernambucanos, e outra de encarnado e branco, que era a dos luzitanos. Correram primeiro as lanças; depois jogaram as canas e alcanzias, fazendo varias sortes como costumam.

— Assim não vale, Flor ; deve contar tndo como foi.

— Não se lembra você, Alina, das cavalhadas que se deram, fazem dois annos, no Icó, por occasião da festa? Pois foi a mesma cousa, só com a differença que lá no Recife eram mais ricas, e os cavalheiros tinham outro garbo e gentileza.

— Mas qual das duas quadrilhas ganhou? Você não disse.

— A pernambucana, menina ; não tinha que ver. Mas a outra disputou-lhe a palma com muita galhardia, que á todos mereceu grandes louvores. Veio depois o jogo das argolinhas e então os cavalheiros reunidos em uma só banda correram trez vezes. Eu recebi um annel que me offertou na ponta de sua lança um dos vencedores...

— Gentil cavalheiro? perguntou Alina vivamente.

— Dos mais guapos que lá se apresentaram. Meu pai veio á saber que era o capitão Marcos Fragoso, filho do coronel Fragoso, que foi nosso visinho.

— O dono da fasenda do Bargado. Mas o filho não mora ahi.

— Não ; tem outras fazendas para as bandas

dos Inhamuns; mas parece que vive mais no Recife.

— E a argola que elle offereceu-lhe foi esta, Flor? perguntou Alina mostrando um aro de ouro preso ao atacador do listão.

— Esta? respondeu a moça faceiramente. Esta é outra historia. Foi um caso que á todos causou sorpreza.

— Na cavalhada mesmo?

— Sim; foi a ultima sorte. N'um mastro que estava erguido para esse fim no meio da praça, suspenderam de um fio de seda este argolão de ouro, com as fitas á voar como si fossem galhardetes. Era o premio mais invejado por todos os cavalleiros para terem o orgulho de o offertar á dama de seus pensamentos e por isso tambem a proeza demandava maior esforço e destreza, pois além de ficar o argolão muito alto, com o tremular das fitas sopradas pelo vento estava em constante agitação.

— E eu já sei quem ganhou! disse Alina.

— Sabe você mais do que eu, menina.

— Como então?

— Escute. Os cavalheiros armaram-se de umas lanças finas, muito compridas para poderem che-

gar ao tope do mastro, e ainda assim era preciso que se erguessem sobre os estribos para alcançar o alvo. Da primeira investida nenhum tocou n'argola, nem da segunda: e de ambas ellas, muitos dos campeões no impeto de mostrar sua proeza, levantaram-se tanto dos arções, que rolaram em terra.

— Coitados! disse Alina á rir.

— Na terceira investida poucos restavam; e d'entre estes, o mais esforçado e brioso era o capitão Marcos Fragoso...

— Eu já esperava!

— Porque, menina?

— Pois não foi elle que primeiro lhe offereceu a argolinha?

— Que tem isso?

— Tem que o cavalheiro de D. Flor, por força que havia de ser o mais brioso e esforçado de quantos lá estavam.

— E si fossem dois os meus cavalheiros?

— Deveras?...

— Foi o que aconteceu. O Marcos Fragoso que ía na frente, com um bote certeiro enfiou o argolão na ponta da lança.

— Bravo!

— Mas ao mesmo tempo outro cavalleiro que vinha contra elle á disparada, tambem com a lança em riste, enfiava o argolão pelo outro lado, de modo que os dois ferros ficaram atravessados em cruz.

— E esse cavalheiro, quem era ?

— Não se soube. Via-se que não era dos campeões, pois estava com trajo de cidade ; e além disso tinha a cara amarrada com um lenço que lh'a cobria toda, deixando apenas á descoberto os olhos, por baixo da aba do chapeo.

— Que bioco !

— Houve quem visse o embuçado sahir do meio do povo, pular na teia, apanhar a lança no chão, saltar na sella de um cavallo desmontado que passava, e correr sobre o mastro, onde chegou justo no momento em que o Fragoso ia tirar o argolão, e para lh'o disputar.

— E o que succedeu ?

— Os dois campeões forcejaram cada um de seu lado para arrancar o argolão, mas não o conseguiram. Foi então que o desconhecido correu sobre o seu contrario e arrebatou-lhe a lança da mão. Todos applaudiram a façanha ; menos o Fragoso que ficou passado no meio da

praça, emquanto o vencedor, chegando ao palanque onde eu estava, apresentou-me o argolão na ponta das duas lanças, repetindo—«A' mais formosa. »

— E você, Flor, o que fez ?

— Eu, menina, não sabia o que fizesse, de contente e ao mesmo tempo acanhada que fiquei, vendo todos os olhos fitos em mim. Foi minha tia D. Catharina, que recebendo o listão o passou pelo meu hombro, com o que redobraram os applausos á proeza do desconhecido. E acabou-se a historia; que eu não vi mais nada, nem dei por mim desse momento em diante até que tornamos á casa.

— E o desconhecido ?

— Ouvi depois que desaparecera assim como viera, de repente, antes que o podessem descobrir; e não se soube mais delle.

— Mas você não desconfiou quem seria ? Pois pelo modo parece que era pessoa conhecida.

— Quem podia ser, menina ? E como havia eu de suspeitar ?

— Pela voz. Elle não lhe fallou ?

— Tres palavras.

— Pelo geito do corpo, e modo por que montava á cavallo. Não reparou ?

— Naquelle instante, entretida como estava com a festa, não me lembrava de mais nada.

Alina calou-se um instante sob a preocupação da idea que lhe acudira ao espirito, e depois inclinou-se para fallar á companheira com a voz submissa e timida expressão.

— Não se parecia com Arnaldo ?

— Quem, Alina ? O embuçado ?

Alina confirmou com um gesto.

— Que lembrança ? tornou D. Flor com sorpreza.

— E' porque você não sabe que Arnaldo desappareceu da fazenda no mesmo dia em que o senhor capitão-mor partiu.

— Sei, que ja me contou mamãi Justa. Arnaldo foi á Serra Grande atras de uns barbatões.

— Isto é o que elle diz.

— Mas, menina, que razão tinha elle para esconder-se ?

— Não sei, Flor; respondeu Alina esquivamente.

A filha do Capitão-mor não insistiu; e divagando os olhos pela floresta, ficou pensativa, emquanto Alina inclinando a fronte absorvia se tambem de seu lado em intimas reflexões.

XVI

O VISINHO

Um tropel de animaes que resoou perto de casa tirou as duas meninas de sua distracção.

Ambas impellidas por egual movimento de curiosidade, debruçaram-se á janella e retrahiram se tomadas de sorpreza pelo que viram.

Luzida quadrilha de cavalheiros acompanhados de seus pagens acabava de parar no terreiro. Eram todos mancebos, bem parecidos e trajados com o apuro e gala que então usavam, ainda mesmo no sertão, as pessoas de grandes posses.

O Agrela, que fora prevenido da approximação dos forasteiros desde que de longe os tinham avistado, sahira á recebel-os.

— Olhe, Alina, aquelle mais alto, que tem a casaca de seda açafroada. Sabe quem é ?

— O Fragoso, de quem você fallava pouco há ?

— Elle mesmo.

— E' um galante fidalgo.

Nesse momento o mancebo avistando as moças fez com o chapéo profunda saudação á D. Flor, que respondeu confusa e recolhendo-se da janella.

— Que virá elle fazer á Oiticica ? perguntou ingenuamente a filha do fazendeiro á sua camarada.

— Não advinha, Flor ? disse Alina sorrindo.

— Eu não, menina.

— Dil-o a cantiga :

Saudades que me deixaste,
Saudades me levarão.
Aonde foram-se os olhos,
Vae apoz o coração.

D. Flor ouvindo a copla que Alina cantarolou á meia voz com ar malicioso, correu á ella para fazer-lhe cocegas, e retribuindo-lhe a amiga, desataram ambas à rir da mutua travessura.

Entretanto o capitão-mór Campello, sahindo ao patamal, convidava os hospedes á entrarem. Adiantou-se o mancebo, que vestia casaca de seda côr de açafrão, e saudou o fazendeiro com estas palavras :

— O capitão Marcos Fragoso de jornada para sua fazenda do Bargado com estes amigos que lhe fizeram o obsequio de sua companhia, não podia passando a primeira vez pela Oiticica faltar á cortezia de saudar o sr. capitão-mór Gonçalo Pires Campello, como visinho, e ainda mais como filho de um velho amigo seu, o coronel Fragoso.

— O capitão Marcos Fragoso e seus amigos serão sempre bem vindos á nossa casa, e nos darão praser si quizerem receber o agasalho que lhe offerecemos de bôa vontade.

— Era nossa intenção pedil-o, para refrescar da calma; depois do que seguiremos para o Bargado, onde já deve estar a nossa comitiva, da qual nos separamos pouco ha na encruzilhada.

Entrados na sala, o Marcos Fragoso designou ao capitão-mór seus amigos cada um por seu nome e indicações :

— Este amigo é o capitão João Corrêa, do terço do Recife; est'outro é o licenciado Manoel da Silva Ourem, de Lisboa, que veio visitar e conhecer nossos sertões ; aquelle é o alferes Daniel Ferro, filho do dono das Flechas nos Inhamuns, ambos meus parentes e visinhos.

— Estão todos em sua casa ; disse o capitão-mór convidando-os à sentarem-se.

Depois de alguns cumprimentos dos recem-chegados, e encarecimentos das excellencias da Oiticica, por sua posição aprazivel, grangeio das terras e bôa casaria, o capitão-mór disse, retribuindo a cortesia :

— Vão os senhores ver tambem a fazenda do Bargado que é das mais bellas deste Quixeramobim. No tempo em que ali morava o finado coronel Fragoso, poucas podiam competir com ella ; mas depois que elle morreu tem estado ao desamparo. O Sr. capitão Marcos não quiz ser nosso visinho como foi seu pai ; os mancebos gostam mais da praça ; não ha que estranhar.

— Costumo demorar-me no Recife, é certo, senhor capitão-mór ; mas tenho minha casa nas Araras, onde fico mais perto de meus parentes, que são todos de Inhamuns. Meu pai gostava mais do Bargado.

— E tinha rasão.

— Não digo o contrario ; foi elle de natural reconcentrado, e amigo da solidão.

— Isso era. Em tantos annos que tivemos de visinhança receberiamos delle tres visitas, si tantas ; observou Campello.

— Eu que ali me criei nunca vim á Oiticica, porque elle não gostava de trato e communicações que o tirassem de seus habitos sertanejos.

— E como consumia o tempo neste deserto? perguntou o licenciado Ourem.

— Quanto á isto não falta em que occupar-se um homem activo; acodiu o Daniel Ferro.

— Basta a labutação da fazenda; accrescentou o capitão Fragoso. Si não acredita, Ourem, eu o emprazo o para Bargado.

Voltando-se depois para o capitão-mór proseguiu:

— Sabendo do desamparo em que vae a minha fazenda, resolvi passar ahi o inverno e vim com estes amigos assistir ás vaquejadas. Durante a minha estada conto prover o necessario, para tornar o Bargado ao estado prospero em que o deixou meu pai, que não é de rasão se perca tão rica herdade.

Na continuação da pratica veio á fallar-se do Recife e das festas que houve pela chegada do Conde de Villa Flor:

— Nunca mais se descobriu quem foi aquelle embuçado que se intrometteu no jogo d'argolinha? perguntou o capitão-mór.

— Oh ! Elle terá o cuidado de sumir-se de minha vista, pois sabe quanto lhe sahiria cara a graça ! redarguiu Marcos Fragoso com arrogancia de voz que mal encobria o vexame produzido pela allusão.

— Aquillo foi uma sorpreza vil ; acodiu o Ourem em abono do amigo. Si não fosse o imprevisto do ataque, nunca lograria o intruso arrebatar o argolão ao nosso Marcos Fragoso, que é campeão para maiores façanhas.

— Todos nos sabemos que é ; mas tambem que o outro, o embuçado, não lhe fica apoz, disso não ha quem possa duvidar. O mesmo repente do assalto, como elle o praticou, surdindo n'um relance não se sabe d'onde, e arremetendo como um raio, não é proeza para qualquer.

Esta observação partiu do alferes Daniel Ferro, que apesar de amigo e parente, não deixava de ter sua ponta de rivalidade com o Marcos Fragoso.

— Todos os dias a estão fazendo nossos vaqueiros, Daniel Ferro, sem que lhe mereçam nota, quanto mais os gabos que lhe dà agora.

— E que pensa, Fragoso, que nossos vaqueiros não seriam homens para pedir meças em jogos de destreza aos mais esforçados paladinos de outras

eras ? Por mim tenho que nunca Roldão, Lançarote, ou algum outro dos doze pares de França, estacou na ponta de sua lança um cavalheiro á disparada com tanta bizarria, como tenho visto topar um touro bravo na ponta da aguilhada.

— Lá isso é verdade ; acudiu o João Corrêa.

— Certo que é ; mas não se medem proezas de cavalheiros com agilidades de peões ; tornou o Fragoso, e continuou voltando-se para o capitão-mór com ar prazenteiro. O atrevimento do villão não causou nenhum mal em summa, pois restituiu a prenda á pessoa á quem a destinei desde o principio da cavalhada ; e não foi sinão o medo do castigo que o moveu á amparar-se com a bôa sombra da Sra. D. Flor, que mais santa guarda não podia dar-lhe sua estrella.

Marcos Fragoso ao entrar na sala, relanceara disfarçadamente a vista para as portas interiores, com o sentido de sorprehender por alguma fresta os olhos curiosos que por ventura d'ali estivessem espreitando.

Havia no fundo da sala, entre as portas do serviço, duas janellas gradeadas como o locutorio dos conventos, e de que ainda se encontram

amostras nas casas construidas pela gente abastada até principios deste seculo.

Esse crivo meudissimo, tecido de rotulas delgadas, servia para esclarecer o corredor de passagem, vedando ao olhar curioso do hospede a vista do interior; mas permittindo ás pessoas a casa esmerilhar o que ia pela sala.

Nem é de admirar se encontrasse na morada de nossos antepassados essa semelhança com os conventos, quando o teor da vida intima tanto se parecia com a regra monastica, e as mulheres tinham no seio da familia o mesmo recato das freiras.

Pareceu á Marcos Fragoso que por detraz da primeira das rotulas se haviam condensado umas sombras vagas, as quaes ao proferir elle as ultimas palavras se agitaram para logo dissiparem-se.

Suspeitara o mancebo que uma daquellas sombras era de D. Flor e por isso lhe dirigira com um olhar o galanteio, que afugentou por momentos o vulto curioso.

Não se enganara Marcos Fragoso. Eram effectivamente D. Flor e Alina que tinham vindo espreitar os hospedes pela rotula, não só trazidas de

impulso proprio, como tambem á recado de D. Genoveva, que as mandara escutar quem eram os forasteiros e qual motivo os trazia á Oiticica.

Era costume da casa, e não só desta como de todas as grandes fazendas, não deixar partir os hospedes sem os regalar; e isso usavam os ricaços, não tanto por obsequio e satisfação dos estranhos, como principalmente por ostentação do fausto com que se tratavam.

Não perdiam occasião de fazer alardo da sumptuosa baixela de ouro e prata, de que especialmente se ufanavam, e na qual fundiam tal quantidade de metal precioso que chegaria em nossos tempos para levantar um palacio.

Logo que o capitão-mór sahiu á receber com mostras cortezes os hospedes, D. Genoveva ordenou os aprestos necessarios para o regalo, o qual em poucos instantes, e como por arte magica, estava servido sobre uma mesa coberta de tão ricas alfaias que lembravam os banquetes das *Mil e uma noites*.

— Chama o sr. capitão-mór; disse D. Genoveva a um creado.

Este foi á porta da sala, abriu-a de par em par, e disse perfilando-se :

— Está na meza.

O capitão-mór fez com a cabeça um gesto affirmativo que significava estar sciente, e voltou-se para os hospedes :

— O senhor capitão Marcos Fragoso e seus amigos sem duvida dão-nos o gosto de jantar na Oiticica ; mas emquanto não chega a hora, vamos tomar algum refresco.

— Si nos dá licença, ficamos de jantar no Bargado onde nos esperam ; tornou o capitão Fragoso que não queria abusar da hospitalidade, talvez para melhor usar della mais tarde.

— Como queiram ; não deixarão porém nossa casa sem bebermos um copo em honra da visita com que nos obsequiaram.

— Certamente que não faltaremos á tão grato dever.

A' meza não appareceram nem D. Genoveva, nem as duas moças. O capitão-mór unicamente, acompanhado de seu ajudante Agrela e de seu capellão padre Telles, fez as honras do banquete.

Era meio-dia, quando os viajantes despediram-

se do capitão-mór Campello, depois de agradecerem a fidalga hospitalidade que tinham recebido. Montando á cavallo partiram, seguidos pelos pagens.

Quando transpunham o terreiro, o capitão Fragoso voltou-se de chofre e logrou seu intuito sorprehendendo na janella as duas moças que estavam á espiar a cavalgada. O mancebo inclinou-se, cortejando-as com o chapéo.

Emquanto D. Flor respondia ao cortejo com polido recato, Alina que se esquivara vergonhosa avistou de repente entre a ramagem das arvores, o vulto de Arnaldo, cujas feições tinham nesse momento sinistra expressão.

O sertanejo, do logar sobranceiro em que se achava, de pé sobre a carcassa de um velho angico derrubado, fitava o olhar cheio de ameaças no capitão Marcos Fragoso. Quando o raio desse olhar perpassou pela janella, a moça estremeceu de terror, e não póde conter um debil grito, que rompeu-lhe do seio.

— Que è ? perguntou D. Flor voltando-se.

— Não é nada. Um susto á toa.

— De que ?

— Nem eu sei. Ali no mato...

— Alguma onça, como esta manhã ?

— Sim ; creio que foi.

Entretanto a cavalgada descia a encosta e desapparecia na volta do caminho.

Arnaldo viu-a passar immovel, mas abalado por ardente emoção. Depois que perdeu de vista os cavalheiros, applicou o ouvido aos rumores que ia levantando pelo caminho o tropel dos animaes. Sua alma arrastada por uma cadeia misteriosa acompanhava aquelle homem que viera perturbar-lhe a existencia, e não podia desprender-se do élo à que estava soldada para sempre.

Quando afinal apagou-se o ultimo ruido da cavalgada, Arnaldo vergou a cabeça ao peito e assim permaneceu longo tracto, immerso em tristeza profunda, e acabrunhado por uma dôr immensa, como nunca sentira.

XVII

A JURA

Absorto como estava, o sertanejo afastou-se machinalmente da casa, na direcção da serra.

Não tinha consciencia do que se passava em torno de si ; não via os objectos que o rodeavam, nem ouvia os rumores da solidão ; mas guiava-o através da floresta o admiravel instincto do filho das brenhas ; esse sentido delicadissimo que vela sempre e adverte ao vaqueano da aproximação do perigo, antes que os outros orgãos possam denuncia-lo.

Apezar de inteiramente alheio á si, o mancebo caminhava com extrema cautella por entre o mato, como quem, receioso da batida ordenada pelo capitão-mór, tratava de escapar-lhe.

Da mesma sorte que os authomatos, obedecendo á pressão da mola que os põe em movimento, executam evoluções regulares ; o corpo dos homens de tempera vigorosa tem a propriedade de reter em si os impulsos da vontade e dirigir-se por essa norma, ainda quando a alma entra em repouso e abandona por assim dizer o envolucro de sua materialidade.

Ao passo que o mancebo vagava por entre a espessura, seu espirito debatia-se no turbilhão de sensações que o assaltara. De balde tentou destacar uma idéa desse cahos, e reflectir sobre o acontecimento, que lhe subvertera a existencia. Como uma folha convolta pelo remoinho de vento, sua mente era arrastada por um tropel de impressões á que não podia subtrahir-se.

Foi quando serenou esse primeiro alvoroto, que seu pensamento desprendeu-se, mas ainda confuso e desordenado. Tinha elle parado em frente de um arbusto morto e olhava-o com expressão compassiva.

— Eu era como esse angelim, que nasceu no outro inverno. Quando elle crescia e copava, não sabia que a secca havia de chegar e despi-lo das folhas, matando-lhe a raiz. Como elle, eu não vi

a desventura que vinha roubar-me toda a minha alegria! ...

« Cégo que eu fui! ... Pensei que este doce engano havia de durar sempre, sempre! ...

« Ao redor de mim tudo mudava. Os grelos que brotaram quando vim ao mundo já estão arvores da matta. Os garrotes de meu tempo ficaram touros e morreram de velhice. Os poldrinhos com que eu brincava em menino cansaram de campear.

« As beserrinhas do anno em que sahi á vaquejar com meu pai tornaram-se novilhas e dellas nasceram outras, que produziram todo gado novo.

« As ramas do maracujá que rebentam com as primeiras aguas cobrem-se de flores; das flores sahem os fructos que espalham na terra as sementes e das sementes brotam novas ramas, que por sua vez cobrem-se de flores, até que murcham e seccam.

« Tudo muda. Passam os annos e levam a vida. Mas ella, Flor, eu acreditava que havia de ser sempre a mesma, sempre solitaria e sempre donzella, como a lua no céo, como a Virgem em seu altar. Eu a adoraria eternamente assim, no seu resplendor; e não queria outra felicidade sinão

essa de viver de sua imagem. Nenhum homem a possuiria jámais. Deus não a chamava a si, e a deixava no mundo unicamente para mim.

Um riso amargurado cortou-lhe a meditação.

— E de repente apagou-se o encanto! Flor tem dezenove annos. Sua mãi casou-se dessa idade, e hade estar pensando no enxoval da filha. Noivos não faltam. Já appareceu o primeiro, esse capitão Marcos Fragoso. E' moço, bem parecido, rico e fidalgo, póde agradar-lhe, e...

Arnaldo estremeceu ante o pensamento que despontava, e arredou o espirito dessa idéa que incutia-lhe horror.

— Já uma vez, proseguiu elle, tinha me enganado. Quando brincavamos juntos, cuidava que haviamos de ser meninos toda a vida; que eu poderia sempre carrega-la em meus braços; e ella nunca me veria triste, que não me abraçasse. E um dia ficou moça; e eu, que era seu camarada, não fui mais sinão um aggregado da fazenda!...

« Mas então ninguem veio rouba-la á casa onde nasceu, e á estes campos que nos viram crescer juntos. Eu a via á todas as horas e podia adora-la de longe, como a santa da minha alma.

Agora ? ... Vae casar-se ; um homem será seu marido! E ella deixará de existir para mim! E eu não verei mais o anjo do céo que me consolava !

Arnaldo retrahiu-se como quem concentra as forças para solta-las de arremesso.

— Não ! exclamou elle com um gesto energico. Flor não pertencerá á nenhum homem na terra. Ainda que seja á custa de minha salvação eterna !

Preferida esta surda exclamação, arrojou-se pelo mato e momentos depois surdia na entrada da caverna, para onde quatro dias antes havia transportado o velho Job.

Sentado em uma saliencia do rochedo, com o corpo immovel e hirto, com as pernas dobradas e estreitamente unidas ao peito, com os cotovellos fincados nos joelhos e a cabeça inserida entre os dois braços ; o ancião parecia uma mumia indigena arrancada á seu camocim, e ali esquecida.

Entretanto seu espirito andava longe, lá fóra da caverna, prescrutando o que se passava. Nenhum rumor soava na floresta, que seu ouvido attento não distinguisse para determinar-lhe a causa, e conhecer si era a quéda de um fructo, a passagem de um animal, ou o farfalhar da brisa.

Elle percebera aos primeiros ruidos a approximação do sertanejo, e o reconhecera antes que penetrasse na caverna. De um relance leu na phisionomia do mancebo, sem que suas pupillas extaticas se movessem nas orbitas.

Arnaldo parou na entrada, com os olhos fitos no velho: seu gesto denunciava uma hesitação rara em tão decidido caracter. Job esperava que elle fallasse.

— Vieste confiar-me um segredo, filho; eu escuto; disse afinal o velho.

— Vim para ver-te, Job... respondeu o mancebo com uma reticencia.

— Eu conheço os pensamentos dos homens, como tu, filho, conheces as manhas do gado barbatão. Teu passo era de quem vinha impaciente de chegar; e o motivo que te trazia assim pressuroso está ahi dentro, e tu o escondes. Já duas vezes te veio aos labios.

Não sorprehendeu á Arnaldo essa admiravel sagacidade á que estava habituado, pois ao velho devia elle em grande parte a perspicacia de que era dotado.

— Queres saber o que me trouxe? Eu te digo.

Arnaldo aproximou-se do velho e poz-lhe a mão no hombro :

— Tu que viveste longos annos, e conheces todos os segredos dos homens, deves saber tambem o que eu desejo.

— Falla ; tudo quanto a desgraça ensina ao peccador, eu o sei.

— Si um homem quizer roubar-me o bem que me pertence, e que faz toda a minha felicidade, posso mata-lo, sem tornar-me assassino ?

O velho Job ergueu-se de chofre, e completamente transfigurado. As cans erriçaram-se no craneo e os olhos saltaram-lhe das orbitas.

— Por ouro, filho, não derrames nem uma gota de sangue de teu irmão ; porque essa gota basta para manchar todo o thesouro e torna-lo maldito.

Travando das mãos do mancebo e conchegando-o à si, o velho proseguiu :

— Não sabes o que é o ouro, filho ? Oh ! eu sei, que m'o ensinou o demonio da cobiça. E' o sangue derramado pelo punhal do sicario, que vae esconder-se nas entranhas da terra e coalhar-se em ouro. Ao calor do corpo, esse coalho derrete-se, e o sangue *tinge* as mãos do homem. Por

isso os alchimistas para fazer ouro ferviam sangue n'uma caldeira ; mas elles não o tinham bastante, porque é preciso muito, muito sangue, para dar um queijo de ouro!...

Job soltou uma risada alvar e continuou à desarrazoar; mas as palavras rompiam-lhe dos labios roucas e desconnexas, de modo que já não era possivel distingui-las, nem comprehender-lhes o sentido.

Arnaldo estava affeito á estes accessos, pois não mostrou o menor abalo ; e acompanhando os gestos do velho com um olhar de commiseração, esperou que findasse o desordenado e soturno monologo.

Effectivamente foi Job serenando e tornou à posição anterior ; mas para sossobrar no abysmo de recordações, que se abrira nas profundezas de sua alma.

— Job ! disse Arnaldo com imperio.

O velho ergueu a cabeça, e fitou no mancebo a pupilla baça, como um homem que emergiu das trévas.

— Job ! Queres ouvir ?

— Falla.

— Não é ouro,nem riquezas,que eu receio perder ; é outro bem e mais precioso.

— A tua alma ? perguntou o velho cravando os olhos no mancebo.

— A minha alma, sim.

— Peccaste, filho ?

— Não ; minha mão está pura, mas duas vezes hoje ella escapou de manchar-se no sangue de meu semelhante. Uma vez foi para deffender a vida do capitão-mór ; devia ferir ?

— Devias, filho. Quem com ferro fere com ferro será ferido.

— A outra vez foi para deffender-me a mim.

— Ameaçaram tua vida ?

— Quizeram roubar-me o que mais amo neste mundo.

— Tua mãi ?

— Não.

— Uma mulher ?

— Sim.

— Os antigos cavalleiros tinham por timbre disputar a dama de seus pensamentos nos torneios e desafios, e o vencedor recebia em premio a mão da mais formosa. Esses tempos vão longe ;

agora não é mais com a espada e a lança que se rendem as donzellas.

— Em meu caso, tu que farias, Job ?

— Já não sou deste mundo.

— Mas outr'ora ? Foste moço um dia : teu coração ha de ter amado uma mulher ; nesse tempo de tua mocidade, que farias ?

— Não me perguntes, filho, que não me lembro mais do que fui : pergunta á teu coração, que é moço, e vive; o meu está morto.

— Já perguntei ; e elle respondeu-me.

— O que, filho ?

— Não te direi, não ; nem a mim mesmo eu tenho coragem de repeti-lo.

— Pensa em tua alma, Arnaldo.

— O que é minha alma sem a sua adoração, Job ?

Arnaldo demorou-se na caverna até a tarde, quando despediu-se do velho e ganhou a matta.

A' essa hora já os acostados da fazenda que o capitão-mór enviára á sua procura, desenganados de encontra-lo, ou tinham voltado á casa ou andavam longe á bater o mato. Não obstante, elle applicou o sentido para verificar si não havia cousa suspeita.

Percebeu então um rumor cadente que se aproximava como o som rijo e breve da pata de um animal no solo duro. Arnaldo conheceu quem era que o procurava e atinou com o motivo :

— E' a mãi que soube e affligiu-se.

Tinha parado á espera. Com pouco surdiu dentre a ramagem a comadre, que chegando perto de seu filho de leite, levantou a pata dianteira para acaricia-lo ; depois do que fitando nelle os olhos, voltou a cabeça para traz na direcção donde viera.

— Já sei, respondeu o rapaz affagando o pescoço da cabra ; foi sua comadre que mandou chamar-me, e ahi vem. Não é ?

Fazendo um aceno ao intelligente animal, Arnaldo foi ao encontro da mãi; esta que vinha perto correu à abraça-lo, apenas o avistou.

— Jesus ! Filho de minha alma ! Que foi isto com o sr. capitão-mór, meu Deus ? Uma cousa que nunca, nunca succedeu, em dias de minha vida, nem de teu pai, havia de succeder agora comtigo, por minha desgraça ! Tu perdeste o teu bentinho ? Não, aqui está. Então foi porque te esqueceste de resar ?

— Quando menos se espera, vem os dias máos,

sem que se offenda á Deus. Nós viviamos felizes ha tanto tempo, mãi!

Arnaldo proferiu as ultimas palavras com a voz commovida, e apoiou a fronte na face da cabreira, que lhe tinha lançado os braços ao pescoço para conchega-lo a si.

— Graças á Virgem Santissima, ainda se hade remediar tudo. Tenho fé na minha Senhora da Penha, ella que sempre me tem valido.

Ergueu Arnaldo a cabeça com gesto brusco, e arrancou-se dos braços da mãi, para applicar toda attenção ao estrepido que lhe ferira o ouvido. A mãi sorriu com disfarce.

— Flor? interrogou o sertanejo em tom submisso.

Justa affirmou com a cabeça.

XVIII

DESENGANO

Arnaldo traspassou com o olhar a espessura da folhagem que lhe occultava a formosura de D. Flor, e instinctivamente retrahiu-se com o enleio em que sempre o lançava a presença da donzella.

Justa o deteve, segurando-lhe o braço e apontando para dentro do mato.

— Ella fallou ao pai. O sr. capitão-mór, tu bem sabes, não tem animo de recusar nada áquella filha, que é a menina de seus olhos. Então prometteu que, si hoje mesmo voltares arrependido á sua presença para supplicar o perdão de tua falta, elle esquecerá tudo.

Arnaldo atalhou a mãi com um gesto de energica repulsa :

— Não commetti nenhum crime para carecer de perdão, mãi.

Justa denunciou no semblante a extranheza que lhe causavam as palavras do filho :

— Pois não desobedeceste ao sr. capitão-mór, Arnaldo ?

— Para desobedecer-lhe era preciso que elle tivesse o poder de ordenar-me que fosse um vil ; mas esse poder, elle não o possúe, nem alguem neste mundo. O sr. capitão-mór exigiu de mim que lhe entregasse Job, e eu recusei.

— Mas, filho, o sr. capitão-mór não é o dono da Oiticica ? Não é elle quem manda em todo este sertão ? Abaixo de El-rei que está lá na sua côrte, todos devemos servi-lo e obedecer-lhe.

— Pergunte aos passaros que andam nos ares, e as féras que vivem nas mattas, si conhecem algum senhor além de Deus ? Eu sou como elles, mãi.

— Tu és meu filho, Arnaldo. Lembra-te do que foi para teu pai esta casa onde nasceste, e do que ainda é hoje para tua mãi.

— Os beneficios eu os pagarei sendo preciso com a minha vida ; mas essa vida que me deu, mãi, si eu a vivesse sem honra, meu pai lá do céo me retiraria sua benção.

— Que vae ser de mim, Senhor Deus ? exclamou a sertaneja na maior afflicção.

— Socegue, que nada ha de acontecer. Tenho o meu bentinho; continuou Arnaldo á sorrir e tocando no seu relicario : não há mal que me entre, nem feitiço que me enguice. Adeus! De longe mesmo guardarei aquelles á quem eu quero bem, ainda que elles me queiram mal.

— Ouve, Arnaldo! disse a mãi buscando reter o filho. Eu te peço!

— Quando precisar de mim, mande sua comadre chamar-me.

— Não te vás filho, que te perdes!

Justa enlaçou o collo do filho com os braços e exclamou voltando-se para o mato.

— Flor, elle não me quer ouvir!

As folhas agitaram se, e instantes depois surgiu da verde espessura, como das cortinas de um docel, o vulto gracioso de D. Flor, com as faces tocadas de leves rubores.

— Elle não quer ir, minha filha. Nem ao menos consente que eu, sua mãi, lhe peça e rogue. Fecha-me a boca, e logo com o nome do pai. Falle-lhe, Flor! Talvez à você, que sabe dizer as cousas, elle ouça! Eu sou uma pobre sertaneja e não sei sinão querer bem á você e á este filho de minha alma.

A donzella aproximou-se do collaço, que a esperava attonito e pallido. Pousando-lhe a mão mimosa no hombro disse, voltando-se para a Justa e dirigindo sua resposta á ambos, mãi e filho.

— Elle vae !

O suave contacto desses dedos melindrosos bastou para abatter a energia do ousado sertanejo. Ali estava elle agora timido e submisso, não se atrevendo á balbuciar uma palavra, nem siquer á erguer a vista ao encontro dos olhos altivos que o dominavam.

D. Flor sorriu-se no meigo desvanecimento do poder que ella, fragil menina, exercia sobre essa natureza pujante; mas o assomo de faceirice passou rapido e não perturbou o nobre impulso de seu coração.

— Vim busca-lo, Arnaldo, para leva-lo á casa; disse ella repassando a voz maviosa de um mago encanto. Não me acompanha ? Ainda não lhe dei a lembrança que trouxe-lhe do Recife.

Arnaldo arrancou-se com esforço ao logar onde estava, e murmurou promovendo o passo :

— Vamos !

Justa bateu palmas de contente.

— Eu logo vi que só você, Flor, era capaz de fazer o milagre !

— Pois eu sou a fada encantada ! disse a moça fazendo com este gracejo uma allusão aos brincos da infancia.

Flor dirigiu-se á casa acompanhada pelos dois. Pouco adiante encontrou Alina com as escravas, que a ficáram esperando, emquanto ella acodia ao chamado da ama.

O olhar doce e melancholico de Alina fitou-se no semblante de Arnaldo, que nem pareceu dar por sua presença. O sertanejo ia completamente alheio de si, e preso do condão que o arrastava máo grado seu. Não tinha consciencia do que fazia, nem já lembrava-se do sacrificio que exigiam de seus brios.

Irresistivel devia ser a paixão que submettia assim um caracter indomavel e altivo ao ponto de roja-lo na humilhação, ao simples aceno de uma mulher !

Ao sahir da matta, Flor avistou ao longe, no terreiro, o capitão-mór, sentado á sombra da oiticica, ao lado de D. Genoveva. Voltando-se para Arnaldo, que a seguia maquinalmente, mostrou-lhe o vulto do fazendeiro.

— Lá está meu pai, que nos espera.

— Chegando diante delle, filho, ajoelha e pede perdão.

— De joelhos ? . . . exclamou com voz surda e profunda, o sertanejo cuja alma entorpecida afinal sublevava-se.

Flor comprehendeu a emoção de Arnaldo, e quiz applacar-lhe a revolta dos brios.

— Eu ajoelharei tambem ; disse ella com adoravel meiguice.

Estas palavras porém bem longe de serenarem o animo do mancebo, ainda mais o alvoroçaram, confirmando a suspeita de que só com este acto de humildade obteria entrar de novo nas bôas graças do capitão-mór.

— Nunca ! bradou elle retrocedendo.

— Arnaldo ! disse D. Flor.

— Eu lhe peço, Flor, não exija de mim semelhante vergonha. Não posso, é mais forte do que a minha vontade. Si é preciso que eu ajoelhe, aqui estou a seus pés, mas aos pés de um homem, não. Morto que eu estivesse, as minhas curvas não se dobrariam.

— Não é um homem, Arnaldo, é meu pai ;

respondeu a donzella erguendo a fronte com altiva inflexão.

— E' seu pai, mas não é o meu, embora eu o respeite mais do que um filho.

— Venha, Arnaldo; insistiu a donzella fitando o olhar imperioso.

A alma do mancebo fascinada por este olhar debatia-se n'uma cruel perplexidade. Flor travou-lhe do pulso e levou-o sem resistencia.

Quando porém a donzella subindo a encosta, assomou no terreiro, e que o vulto do capitão-mór destacou-se em frente, revestido de sua habitual solemnidade; ouviu-se um grito sinistro como o que solta o gavião ao desabar da procella.

Arnaldo, no momento em que Flor largava-lhe o pulso para ir ao encontro do pai, de um salto arrojara-se para traz, e desappareceu na matta proxima, antes que as pessoas presentes á esta scena voltassem á si da sorpreza.

O capitão-mór, que se preparava para receber o rapaz, e conceder-lhe finalmente o perdão já obtido pela ternura da filha, ergueu-se arrebatado pela colera. Ao seu brado formidavel acodiu Agrela com a escolta, e desta vez dirigidos

pelo capitão-mór em pessoa, deram nova batida na matta à busca de Arnaldo.

Justa acreditou que desta vez o filho estava irremediavelmente perdido, e a propria D. Flor, apezar do imperio que tinha sobre a vontade do pai, não se julgava com forças para obter novamente o perdão de seu collaço.

Entretanto Arnaldo já ia longe. Muito antes que a gente da fazenda penetrasse na floresta, alcançara o logar onde na vespera o tinha deixado Moirão, qnando tão bruscamente delle se despedira.

Imitando o canto da sariema, o que era um signal dado à seu cavallo para que o seguisse, o sertanejo aproveitando a frouxa luz da tarde foi no rasto do Aleixo, que aliás não tomára a menor cautella para disfarça-lo.

Ao cabo de um estirão de caminho, parou e observando pelo céo a direcção do rasto, disse comsigo :

— Não ha que vêr, está no Bargado. Eu o sabia. Corisco !

O intelligente animal acodiu ao chamado do senhor, que o montou mesmo em pello, e instantes depois corria pelo cerrado, como si trilhasse uma vargem aberta e descampada.

E' um dos traços admiraveis da vida do sertanejo, essa corrida veloz atravez das brenhas : e ainda mais quando é o vaqueiro á campear uma rez bravia. Nada o retem ; onde passou o mocambeiro la vae-lhe no encalço o cavallo e com elle o homem que parece incorporado ao animal, como um centauro.

A casa da fazenda do Bargado ficava no meio d'uma chapada. De muito longe Arnaldo avistou os fogos que brilhavam no seio das trevas, pois já era noite fechada.

Chegando á um lanço de clavina, apeou-se o mancebo : e deu senha ao cavallo para avançar no mesmo rumo. O Corisco, pratico nessas emprezas, agachado por entre o arvoredo aproximou-se até dar rebate aos cãens da fazenda, que partiram em matilha á acua-lo.

No meio dos latidos, e dos gritos do vaqueiro á estumar os cãens, ouviu-se uma voz cheia que dizia :

— José Bernardo, amigo, não maltrate a menina !

— Com certeza é a sussuarana ; observou outra falla.

— Si fossemos conversar com a rapariga. Topam ?

— Depois da ceia, Aleixo Vargas !

Antes de ouvir o nome do Mourão, já Arnaldo o tinha reconhecido pela voz, o que não lhe causou sorpreza ; antes confirmara a sua conjectura.

Quando o Corisco recuando affastou a matilha para longe, o sertanejo que já havia tomado o lado opposto, acercou-se da caza com a cautela necessaria para não ser pressentido. Era facil empreza, pois o arvoredo prolongava-se até perto do terreiro.

Da sala principal, que abria para a varanda, escapava-se o rumor de fallas alegres, e de risos festivos, intermeados com o tinir dos pratos e o triscar dos copos.

Pela janella do outão, pôde Arnaldo observar de longe o interior.

O capitão Marcos Fragoso banqueteava-se com seus hospedes. As viandas já em parte consumidas indicavam que a ceia estava á terminar ; e effectivamente os pagens não tardaram em servir o desser, no qual entre os figos, passas e nozes do reino trazidas do Recife com a bagagem, figu-

ravam grandes tarrinas de coalhada, e os requeijões, fructos das primeiras aguas.

Corria a pratica viva e animada entre os quatro mancebos, que ao acompanhamento dos copos, trocavam os remoques, ou rebatiam-nos com a replica prompta e chistosa. Jovens e amigos, esses corações, que não cuidavam de refolhar-se uns para os outros, estavam revendo-se nos semblantes e gestos com a franca expansão, natural aos convivas de uma meza lauta, reunidos em alegre companhia, e excitados pelas copiosas libações de vinhos generosos.

Si Arnaldo conhecesse a cidade como conhecia o deserto e seus habitantes ; si estivesse habituado a observar a phisionomia do homem com a prespicacia do olhar que penetrava a mais basta espessura e investigava o semblante, o gesto, o porte da floresta ; com certeza advinharia o que fallavam entre si os quatro mancebos.

Mas, embora suspeitasse do assumpto do colloquio, não podia atinar com o rumo que este levava ; nem portanto saber o que devia esperar. Mortificava-o isso ; pois fora precisamente para desde logo desenganar-se que elle tentara essa

empreza, e custava-lhe tornar sem haver alcançado seu intento.

Não podia aproximar-se mais do edificio, por causa do clarão de um fogo que estendia pelo terreiro alem uma facha de luz.

Junto desse fogo estavam sentados sobre couros o vaqueiro e outra gente da fazenda, com Aleixo Vargas; todos occupados em despachar os largos tassalhos de carne, os quaes iam cortando á vontade da carcassa de uma vitella, ainda enfiada na estaca de braúna que lhe servia de enorme espeto, e estendida por cima do brazido que a estava acabando de assar.

A rez fora morta á chegada do dono da fazenda. Uma banda, tinham-na cortado para cosinhar; a outra, ahi estava de espetada. Della haviam tirado o lombo para a ceia dos fidalgos; e do resto pretendiam os acostados dar conta naquella mesma noite, o que sem duvida conseguiriam com a formidavel collaboração de Aleixo Vargas.

Nesse momento os caens, sentindo novamente rumor no mato, investiram á latir.

— Que é la isso? gritou o vaqueiro erguendo-se. Temos novidade?

— E' a bicha que volta.

— Pois então? Não hade ceiar tambem? Deixa a outra, amigo José Bernardo.

A sucia levantara-se para seguir o vaqueiro ao outro lado, curiosa de saber o que havia. Desse breve instante aproveitou-se Arnaldo para atravessar o terreiro e coser-se á varanda.

Pode então escutar o resto da conversa.

— Simule quantas razões lhe approuver, primo Fragoso, é debalde: não me convence de que o mais chibante casquilho do Recife se lembrasse de vir á este sertão ferrar bezerros e comer coalhada escorrida, que aliàs não é máo petisco.

— Eu estou com o Ourem; disse o capitão João Corrêa; não lhe acho muito geito de fazendeiro, cá ao nosso amigo.

— Bom caçador de boi, é elle; observou o Daniel Ferro. Quando està nos Inhanuns seu divertimento é atirar no gado barbatão.

— E ande lá que não hade ser má caçada.

— Excellente! affirmou Fragoso.

— Mas então, Ourem, que feitiço é este que traz o nosso amigo encantado por estas paragens?

Marcos Fragoso preveniu a replica:

— Já que tamanho empenho fazem em conhe-

cer a verdadeira tenção desta jornada, não a occultarei por mais tempo, nem é de razão; pois á quem primeiro communicaria resolução de tanta monta do que á amigos de minha maior estimação?

O mancebo reteve a palavra um instante, como para observar a sorpreza que suas palavras iam causar nos companheiros e proseguiu sorrindo:

— Um desses proximos dias far-me-heis à graça de acompanhar á Oiticica, onde irei pedir ao capitão-mór Campello a mão de sua filha, a formosa D. Flor.

Esta communicação foi recebida com bravos pelos companheiros.

— A' gentil noiva! exclamou Ourem enchendo os copos.

— E á ventura de tão acertado hymeneu!

Foi heroico o esforço que fez Arnaldo para conter-se ao ouvir o nome de D. Flor d'envolta com taes effusões. Reagindo ao violento impulso que o arrojava contra aquelles homens, arrancou-se d'ali, e affastou-se precipitadamente.

De longe voltou-se.

Na sala, á claridade das lampadas, destacava-se

o vulto elegante de Marcos Fragoso que se erguera da meza.

O sertanejo murmurou :

— Roga a Deus que te livre desta tentação.

XIX

AO CAHIR DA TARDE

Os borraceiros do natal tinham continuado a cahir por volta da madrugada ; e o sertão de Quixeramobim, o mais formoso de todo o dilatado valle da Ibyapaba, vestia-se cada manhã de novas galas ainda mais brilhantes do que as da vespera.

A terra, que adormecia com o fechar da noite, já não era a mesma que despertava ao raiar do sol. Como si a houvesse tocado o condão de uma fada, ella transformava-se por encanto : e mostrava-se tão louçã e donosa que parecia ter desabrochado naquelle instante, como uma flôr do seio da creação.

Ahi via-se realisada a graciosa lenda arabe dos jardins encantados, surgindo dentre os ermos

e safaros arêaes á invocação de um nume benefico. A gentil feiticeira dos nossos sertões é a limpha, que, descendo do céo nos orvalhos da noite e nas chuvas copiosas do inverno, semeia os campos de todas as maravilhas da vegetação.

Era por tarde.

O capitão-mór Campello estava, como de costume, sentado em uma cadeira de alto espaldar, forrada de couro, e collocada no largo patamal, que se prolongava de um e outro lado pelo alicerce, como um passeio.

O fazendeiro terminado o jantar, que naquelle tempo era ao meio-dia, fazia regularmente a sésta até passar a força do sol, como ainda hoje se usa pelo sertão. Depois do que, vinha sentar-se ali, no portico da casa, onde já achava a sua cadeira senhorial, trazida por um pagem.

Abrigado pela sombra do edificio que ia cahir sobre o terreiro, entendia com os negocios da herdade e provia á tudo, quanto dependia de suas ordens. Si era preciso montava á cavallo, e transportava-se ao logar onde se fazia necessaria sua presença, qualquer que fosse a distancia, e

devesse embora voltar alta noite ou pela madrugada.

Em tudo isto porém não se affastava uma linha daquella gravidade methodica e pausada, que formava a compostura de sua pessoa e que elle julgava um dever imprescindivel de sua importancia e riquesa.

Nessa tarde logo ao sentar-se, despediu o capitão-mór o pagem para chamar á toda pressa o Ignacio Goes, que servia-lhe de vaqueiro da fazenda desde a morte do Louredo, pai de Arnaldo, o qual tivera por muitos annos esse emprego.

Chegou o Ignacio Goes quando o fazendeiro acabava de dar ordens a Manoel Abreu, o feitor.

— Que noticias nos traz da novilha, Ignacio Goes; perguntou-lhe o capitão-mór de chofre.

— Qual, sr. capitão-mór, a Bonina da senhora doninha? disse o Ignacio Goes embaraçado.

— A Bonina, sim; desde hontem que desappareceu e até agora ainda não deu conta della. Que vaqueiro é um, Ignacio Goes, que não sabe por onde lhe anda o gado?

— E' uma cousa que não se explica mesmo, sr. capitão-mór. Já bati todo este matão, e nem

signal de novilha. Nunca se viu uma cousa assim. Faz a gente imaginar !..

— Não tem que imaginar, Ignacio Goes ; si amanhã cedo a Bonina não estiver no curral, ficamos sabendo que nosso vaqueiro só presta para curar bicheiras.

O Ignacio Goes abaixou a cabeça, e retirou-se humilhado em seus brios de vaqueiro pelo remoque do fazendeiro. Outros, mais graduados e mais atrevidos do que elle, não ousavam affrontar o senho do mandão de Quixeramobim.

D. Flor tinha assomado ao lume da porta, ainda a tempo de ouvir estas palavras.

— Não te afflijas ; disse o fazendeiro voltando-se para a filha ; que a Bonina hade apparecer até amanhã.

—Si Arnaldo estivesse aqui já elle a teria descoberto ; replicou a menina com um ligeiro enfado.

O capitão-mór ficara impassivel, como si não ouvisse as palavras da filha e entre ellas o nome de Arnaldo, cuja revolta provocara por vezes nos ultimos dias as explosões de sua colera.

Um phenomeno singular se havia operado no espirito de dono da Oiticica. A mesma estranhesa

do facto inaudito de uma desobediencia formal á suas ordens, actuando em sentido inverso, desvanecera a primeira e violenta impressão produzida pelo accidente.

Essa anomalia explica-se mui facilmente; era uma reacção. Passada a commoção, o capitão-mór tornára ao seu natural, e na soberba do mando absoluto, que avassalava todo aquelle sertão, nada mais natural do que abstrair-se da recordação importuna, a ponto de ter por impossivel o acontecimento.

Assim nos dias anteriores evitara toda a allusão ao caso inexplicavel; e quando agora a filha pronunciara o nome de Arnaldo, elle já se tinha por tal modo imbuido da incredulidade, que o ouvira sem abalo.

D. Flor admirou-se dessa indifferença, a qual era para sorprehender apoz o formidavel arrebatamento que tres dias antes excitara no velho a ultima evasão do sertanejo. O limpido olhar da donzella buscou no semblante paterno a significação daquelle gesto, e não achou ali sinão a calma e serena expansão da força em repouso.

O capitão-mór erguera-se um instante, e observava além na varrea, que dilatava-se em

volta da encosta, alguma cousa, que lhe excitára a attenção.

Desceu então a donzella ao terreiro e foi sentar-se nos bancos à sombra da oiticica, onde a acompanhou Alina; emquanto D. Genoveva tomava o seu logar em uma cadeira rasa ao lado do marido.

O Agrela, que desde o apparecimento do fazendeiro na porta, aproximara-se como de costume para estar às ordens, conversava com o Padre Telles, á alguma distancia, recostado ao socalco do alicerce.

Assim completou-se o painel de familia que ordinariamente, fazendo bom tempo e não sobrevindo incidentes, observava-se no terreiro da fazenda da Oiticica á primeira hora da tarde,logo depois da sesta, quando o sol ainda forte não permittia o passeio aos varios pontos da herdade.

D. Flor parecia triste. A expressão já seria de seu formoso perfil estava nessa occasião ainda mais nitida e correcta. Era sempre assim.Quando a alma assumia-se em profundo recolhimento, as gentis feições, que ella animava em sua ex-

pansão, apresentavam uns tons purissimos, como si fossem cinzeladas no mais fino jaspe.

Desde a vespera desapparecera do curral a Bonina, uma novilha de alvura deslumbrante, que entre outras o capitão-mór escolhera por sua belleza para dar a filha, e desta recebera o nome de uma flôr predilecta.

Este sumiço e ainda mais a circumstancia de não encontrar-se o rasto da rez, o que fazia presumir a morte da mesma, eram sem duvida a causa da tristesa da donzella ; mas essa perda não bastaria para preoccupar-lhe o espirito com tanta insistencia.

D. Flôr tinha bom coração ; e sem duvida alguma destribuia a sua affeição com os brutinhos, seus companheiros de solidão. Como em geral todas as moças, ella gostava de cercar-se desses confidentes discretos e alegres socios de travessura.

Ella tinha amisade ao seu cavallo ; gostava de ver e affagar os bezerrinhos e novilhas seus preferidos ; fazia saltar as cabrinhas e erguerem-se direitas sobre os pés até a altura de seu rosto, para receberem uma caricia ; queria bem ás suas

graúnas e sabiás ; gostava de garrular com o seu periquito.

Mas as effusões de ternura, em se derrama o coração affectuoso de outras moças, que fazem de um passarinho um idylio, e de uma corsa um romance ; é o que não tinha D. Flor, não fria, mas esquiva e commedida na manifestação de seus sentimentos.

Seu pai inspirava-lhe profunda veneração; e sua mãe extremos de amor ; entretanto esse affecto sincero, capaz da maior dedicação, apenas denunciava-se pela meiguice inalteravel com que ella deixava-se adorar por esses entes queridos.

Acaso presentia ella que não podia dar-lhes maior jubilo e felicidade do que essa de confiar-se ao seu amor ? Talvez ; mas era sobretudo effeito de indole. Sua alma delicada e altiva tinha um recato natural, que a resguardava, e impedia de abrir o intimo seio aos olhos, ainda mesmo dos que mais queria.

D. Flor affligira-se quando soube do desapparecimento da novilha ; mas essa magoa já se teria desvanecido, si não encontrasse alimento.

Quando um pezar qualquer nos affige e desprendendo o espirito das impressões exteriores,

obriga-o ao recolho ; muitas remisniscencias e pensamentos, sopitados na memoria adormecida, surgem aos olhos d'alma então voltados para o intimo.

Assim aconteceu á donzella. O facto ainda recente da revolta de Arnaldo foi o primeiro que despertou em seu espirito, e absorveu-lhe as scismas.

O sertanejo era seu collaço e camarada de meninice. Embora depois de certa epocha suas existencias, a principio unidas pela intimidade infantil, se tivessem apartado na adolescencia, que as chamava cada uma ao seu diverso destino ; todavia ella ainda conservava ao seu companheiro a amizade que lhe consagrára em creança. Demais bastariam para incommoda-la, a afflicção que essa desavença causava á Justa, sua mãi de leite, a quem ella muito queria, e a desconfiança do desgosto que seu pai sentira com a ingratidão do filho do Louredo, creado por elle, e tão estimado sempre.

Destas magoas recentes, o espirito da donzella remontando insensivelmente aos acontecimensos anteriores, recordou a visita de Marcos Fragoso com seus amigos á Oiticica ; e d'ahi enleiou-se

pelas reminiscencias ainda vivas de sua viagem ao Recife, e das festas que lá assistira.

Então, já desvanecida a sorpreza que essas novidades deviam causar-lhe, á ella filha do sertão, acodiram-lhe a mente idéas envoltas e ignotas, que sua imaginação candida não sabia formular, e lh'as apresentava apenas em vago esboço.

Muitas daquellas donzellas, e das mais formosas, que haviam concorrido ás festas, tinham seus cavalheiros, que si nesses jogos as tomavam para rainhas de suas façanhas e gentilezas; antes e fóra d'ahi lhes rendiam o culto de seu affecto e viviam captivos de sua belleza. De algumas soubera que já eram noivas, e de outras que não tardariam a ser pedidas.

Teria ella Flor tambem, algum dia, o seu cavalheiro, que fizesse proezas para merecer-lhe um olhar ? Possuiria o bello parecer e outras prendas do Marcos Fragoso ? Ou o excederia no garbo da pessoa e gentileza das acções ?

Depois imaginava que esse cavalheiro, ainda seu desconhecido, chegava a Oiticica ; ella o via fallando na sala com seu pai ; era elegante, vestido a primor, e de uma nobreza de gesto como só a podiam ter os reis ; mas não lhe via o rosto.

Então seu pai a chamava; as palavras que lhe dizia e o mais que se passava, nunca o advinhou seu espirito que neste momento perdia-se em um tropel de confusos pensamentos, emquanto leve rubor acendia-lhe a nivea tez.

Alina tambem estava triste; mas as suas proprias magoas a preoccupavam menos do que a melancholia scismadora de sua companheira. A orphã, ao contrario da filha do capitão-mór, tinha uma dessas naturezas que não sabem viver em si e para si, mas carecem de transportar-se para outras, em que se diffundam, e de quem recebam o estimulo que não encontram no proprio seio.

Ao inverso das parasitas, que absorvem a seiva estranha e nutrem-se della, estas naturezas, prodigas transmittem a sua substancia. São como as flores privadas de estigma, que só viçam para communicar o seu pollen ao seio das outras, e como estas não dão fructo na propria arvore, tambem ellas não sabem sentir senão as alegrias e as tristezas dos seres a quem amam.

Alina chegando ao terreiro ainda vira o Ignacio Góes e perguntou a D. Flor:

— Que disse o vaqueiro, Flor?

— Nada; respondeu concisamente a outra.

— Então não ha esperança ?

D. Flor respondeu com a cabeça, fazendo gesto negativo.

— Coitada da Bonina ! murmurou a orphã.

E mais pesarosa da perda da novilha do que a propria dona, levou a mão aos olhos para esmagar as lagrimas que borbulhavam ; e ficou-se a olhar para a companheira, buscando advinhar-lhe os tristes pensamentos para repassar-se delles.

Logo que as duas meninas se haviam sentado nos bancos da Oiticica, o Agrela que as vira de esguelha dirigirem-se para aquelle ponto, achou geito de tornar ambulatoria a sua pratica, e principiou a percorrer o terreiro ao lado do capellão.

Sua direcção apparente era o muro ensosso, especie de barbacam, levantado em volta do terreiro. Tinha elle porém uma linha objectiva, que seu olhar indicava a cada instante fitando-se rapido, mas vehemente, no formoso semblante de Alina.

Por isso a cada volta, a linha declinava, formando um ziguezague, que não tardava cortar em uma de suas projecções a area coberta pela

copa frondosa da oiticica. Padre Telles, que talvez por indicios anteriores percebera a estrategia do ajudante, prestava-se de boa vontade á manobra ; mas com disfarce para não acanhar o rapaz.

Foi mais adiante a complacencia do capellão, pois ao passarem junto dos bancos, deu-se por fatigado, e sentou-se indicando ao companheiro o logar, que ficavá-lhe á direita entre elle e a moça.

— Aqui,disse travando familiarmente do Agrela pelo braço ; vamos descançar um tanto.

O mancebo ao sentar-se roçou de leve e sem querer a saia de Alina que distrahida e voltada para Flor, não se apercebera da aproximação dos dois passeiadores. Sentindo o frolido de suas roupas, a moça acodiu sorpreza para retrahir-se com um movimento mais assustado e evasivo do que exigia a circumstancia.

Comprehendeu Agrela a significação dessa repulsa e ergueu-se de prompto :

— Não foi minha a culpa, mas do Sr. capellão ; disse elle com um azedume, que debalde buscou diluir no tom galhofeiro.

— Tem logar ! murmurou Alina.

Com estas palavras a moça erguera os olhos; e fitou-os no semblante de Agrela com um gesto tão meigo e compassivo que parecia exprobrar a si mesma de o ter magoado.

— Esse logar é de outro, eu sabia; respondeu o mancebo com a mesma acrimonia.

Alina corou, curvando a fronte como para subtrahir-se ao olhar que penetrava-lhe os seios d'alma.

Padre Telles tinha se aproximado de D. Flor a pretexto de a consolar da perda de sua novilha favorita ; mas talvez para deixar em liberdade o ajudante de quem era camarada e cujos amores desejava favorecer.

Aproveitando o ensejo, Agrela dirigiu ainda algumas palavras rapidas á moça.

— Essa melancholia é pela ausencia delle? Não se afflija ! Tenho ordem de descobri-lo, vivo ou morto.

— Arnaldo? balbuciou Alina.

— Sim, Arnaldo. A ordem eu a cumprirei em sua intenção. Não me agradece ? concluiu o mancebo com ironia.

A moça não póde fallar, mas exprimiu seu pen-

samento por um gesto eloquente, cerrando ao seio as mãos enlaçadas para a prece.

Nessa occasião voltava o padre Telles, e Agrela apartou-se com elle do grupo das duas moças.

XX

O ABOIAR

O sol transmontara.

As sombras das collinas do poente desdobravam-se pelos campos e varzeas, e cobriam a rechã desse candor da tarde, que em vez da alegria da alva matutina tem o desmaio, a languidez e a melancolia da luz que expira.

Por aquellas devezas já envoltas no umbroso manto, só destacam-se as copas das arvores altaneiras ainda immergidas nos fogos do arrebol, e que de longe parecem as chammas de um incendio rompendo aqui e ali do seio da matta.

O gado espalhado pelas varzeas solta os profundos e longos mugidos com que se despede do

sol, e que propagam-se pelo ermo, como os carpidos da natureza ao sepultar-se nas trévas.

Respondem as vacas nos curraes, e os bezerros misturam seus berros descompassados com os balidos das ovelhas e borregos, tambem já recolhidos ao aprisco.

Lá das mattas rebôa o surdo estridor em que se condensam os cantos de todos os passaros, e o grito de todos os animaes, para formar a grande voz da floresta, que exhala-se, sobretudo nessa hora, abafada e sombria das espessas abobadas de verdura.

No meio porém desse concerto e do borborinho que ainda levantava a labutação diaria, atravessava o espaço uma nota dorida, plangente, ressumbro de saudade infinda. Si a alma da solidão se fizesse mulher, ella não tiraria de seu mavioso seio, um suspiro tão melancolico e tocante como o arrulho da jurity ao cahir da noite.

Nessa hora a lida jornaleira das fazendas torna-se mais pressurosa, como para aproveitar os ultimos instantes do dia.

Os lenhadores voltavam do mato carregados de feixes, emquanto os companheiros conduziam a bolandeira cestos de mandioca, ainda da plan-

tação do anno anterior, para a desmancharem em farinha durante o serão.

As mulheres livres ou escravas, umas pillavam milho para fazer o xerem ; outras andavam nos poleiros guardando a criação para livra-la das rapozas ; e os moleques as ajudavam na tarefa, batendo o matapasto, ou dando cerco ás frangas desgarradas.

As cozinheiras encaminhando-se para a fonte afim de lavar ali na agua corrente a louça de mesa e fogão, assim como as cassarolas ; crusavam-se em caminho com as lavadeiras que já recolhiam-se com as trouxas de roupa na cabeça.

Nos curraes tirava-se o leite,acomodavam-se os bezerros, e cuidava-se de outros serviços proprios das vaquejadas, que já tinham começado com a entrada do inverno, porém só mais tarde deviam fazer-se com a costumada actividade.

Era á este, de todos os mais nobre dos labores ruraes, que o capitão-mór costumava assistir regularmente, para o que todas as tardes á hora da sombra transportava-se elle do seu posto no patamal da casa, e vinha com a familia sentar-se defronte do curral na mesma poltrona, que o pagem levara apoz si.

D. Genoveva entendia mais particularmente com o leite, o qual ali mesmo distribuia; uma parte entregava-a às doceiras incumbidas dos bòlos e massas ; outra repartia pelas crias, e o resto era levado á queijaria. Isto quando não tinha chegado ainda a força do inverno, porque nesse tempo havia tal abundancia, que enchiam-se todas as vasilhas e até os coches onde os cães do vaqueiro iam beber.

O narrador desta singela historia teve em sua infancia occasião de ver na fazenda da Quixaba, proxima a serra do Araripe, esse alluvião de leite, na maxima parte desaproveitado pelo atrazo da industria, e que podia constituir um importante commercio pàra a provincia.

Emquanto a mulher occupava-se com esses misteres caseiros, o capitão-mór percorria os curraes, tomando contas aos vaqueiros, mandando apartar os novilhos que era costume reservar para bois de serviço ; indicando a rez que se devia matar para o gasto da casa ; e assistindo a esfolar e esquartejar, no que se comprazia com a pericia dos carniceiros.

No tempo da fèrra, tratava de apurar os garrotes apanhados na safra do anno anterior, esco-

lhendo os da propriedade para deixar o disimo do vaqueiro, segundo as condicções do trato, que ainda são actualmente as mesmas em voga no sertão da provincia.

Com estes e outros serviços das vaqueijadas deleitava-se o capitão-mór, que achava nessa vida activa e agitada as emoções das lides e façanhas guerreiras, para que o attrahia sua indole.

Mais de uma vez, quando algum touro bravo resistia aos moços do vaqueiro e acuado pelos cães no meio da varrea,bramia escarvando o chão, acceso em furia, com os olhos em sangue: o velho capitão-mór sentindo repontarem-lhe uns impetos de juventude, vestia o gibão de couro e as perneiras, montava no seu russo, e empunhando a vara de ferrão na esquerda arremettia contra o animal, topava-o no meio da carreira, e o trazia ao curral pela ponta do laço.

Naquella tarde, não se entreteve o fasendeiro, como em outras, com a inspecção do gado; pois recolheu-se mais cedo que de costume ; e sua phisionomia que só nos raros, mas terriveis, transportes de ira, perdia a calma e apathica serenidade, mostrava nessa occasião symptomas visiveis de descontentamento.

Caminhava o capitão-mór com o passo grave e pausado, medido pela cadencia de sua alta bengala de carnauba, rematada em um castão de ouro lavrado, o qual tocava-lhe pelos hombros. Sua contrariedade denunciava-se, para quem lhe conhecia a solemnidade do gesto, na frequencia com que elle concertava o chapéo armado, como si lh'o incommodasse.

D. Genoveva ia ao lado do fazendeiro e embora não escapassem á sua sollicitude estes signaes de impaciencia; todavia não se animava a interrogar-lo directamente e esperava que elle se decidisse a communicar-lhe seu pensamento. O extremoso amor da bôa senhora não se animava a infringir o respeito e submissão que tinha pelo marido.

D. Flor e Alina tinham passado adiante e jà iam longe, apesar da sujeição a que obrigaram seu pé leve e agil para acompanhar a marcha lenta do capitão-mór. Atraz, mas em distancia conveniente para não escutar a conversa dos donos da fazenda, seguia o ajudante.

O capitão-mór concertou ainda uma vez o chapéo armado, e retendo o passo, disse para a mulher :

— Não temos vaqueiro, D. Genoveva !

Depois do que, avançando o passo retido, continuou sua marcha para a casa. D. Genoveva, que esperara a continuação da confidencia, animou-se então a perguntar :

— E o Ignacio Góes?

— O Ignacio Góes é um cangueiro ; e mal póde comsigo. Não viu o que succedeu com a Bonina? Si lhe tivesse ido logo no rasto, como era sua obrigação, a novilha não havia de sumir-se. Mas elle nem conhece o gado de sua entrega ! Pergunta-se-lhe por uma vaca; e o homem não faz sinão encher as ventas de tabaco !

Contrariado e previnido por causa do desapparecimento da novilha que dera de mimo a D. Flor, o capitão-mór achara o vaqueiro em faltas que ainda mais o indispuseram.

— Desde que tivemos a desgraça de perder o Louredo, que o nosso gado anda a mercê de Deus, D. Genoveva. E' tempo de por cobro a isso. O Ignacio Góes nunca prestou nem mesmo para vaqueiro d'uma fazenda, quanto mais para nosso vaqueiro geral com o governo de todas as fazendas. Esse lugar, nós o guardamos para o Arnaldo, que já está em idade de servil-o; portanto, senhora, cuide

com toda a presteza no enxoval da Alina, para casa-la quanto antes com o rapaz. E' o que havemos resolvido.

O fazendeiro tinha parado para dizer estas palavras a mulher, cuja sorpresa pintou-se-lhe no semblante.

— O Arnaldo? Mas elle não fugiu, Sr. Campello? interrogou a dona suspeitando que o marido tivesse esquecido aquella circumstancia.

O velho voltou-se com emphase para a mulher, e disse-lhe fincando rijo no chão a ponteira de ouro de sua bengala:

— Hade apparecer e hade casar, que assim o determinamos, D. Genoveva.

D. Genoveva calou-se, e por algum tempo seguiu o marido silenciosamente; mas levado pelo fio das idéas, seu espirito passara a outro assumpto, pois de repente, voltou-se para perguntar ao marido:

— E Flor?

O capitão-mór reflectiu antes de responder:

— Já temos pensado no seu futuro, D. Genoveva; disse o capitão-mór.

— Elle está com desenove annos.

— Até os vinte não é tarde.

— Mas o noivo ?

— Eis a difficuldade. Lembramo-nos primeiro, de nosso sobrinho, Leandro Barbalho, de Pajehú de Flores. Agora com a vinda do Marcos Fragoso ao Bargado, estamos em duvida, qual nos convenha melhor.

— O Marcos Fragoso, Sr. Campello, o filho do coronel ? Acha que Flor póde casar com elle ?

— Si formos a esperar que appareça um mancebo com dotes para merecer a nossa filha, D. Genoveva ; ella não casará nunca, pois onde está esse ? Nem que vamos á Lisbôa procura-lo na melhor fidalguia do reino, acharemos um marido como nos o queriamos para Flor. Assim que temos de escolher entre o que ha ; e o Marcos Fragoso é dos poucos ; as maldades do pai, elle não as herdou, com o grosso cabedal de sua casa.

— Diziam tanta cousa desse moço no Recife ! observou D. Genoveva abaixando os olhos com o recato calmo de uma senhora.

— Rapaziadas que passam; quando fôr marido de Flor, elle não se atreverá a faltar-nos ao respeito ; pois sabe que não lhe perdoariamos o menor descomedimento.

— O Leandro sempre é parente.

— Mas não é tão abastado como o Marcos Fragoso; e tão tem o seu porte fidalgo; respondeu o capitão-mór que era homem das formas.

Lá no campanario da capella,acabava de soar a primeira badalada do toque de ave-maria. O som argentino da sineta vibrando nos ares foi repercutir ao longe no borborinho da floresta, d'envolta com o mugir do gado e os rumores da herdade.

O capitão-mór parou, e descobrindo-se, poz o joelho em terra para fazer sua oração mental. As pessoas de sua familia o imitaram; e por toda a extensão da fazenda, a faina jornaleira interrompeu-se um momento. O carregador arreara o seu fardo; o trabalhador cessara o serviço; e todos de joelhos, com as mãos postas, resaram a singela oração da tarde.

Ainda retiniam as ultimas badaladas das trindades, quando longe, pela varsea além, começaram a resoar as modulações affectuosas e tocantes de uma voz que vinha aboiando,

Quem nunca ouviu essa aria rude, improvisada pelos nossos vaqueiros do sertão, não imagina o encanto que produzem os seus arpejos maviosos, quando se derramam pela solidão, ao por do sól,

nessa hora mistica do crepusculo, em que o echo tem vibrações crebras e profundas.

Não se destinguem palavras na canção do boiadeiro ; nem elle as articula, pois falla ao seu gado, com essa outra linguagem do coração, que enternece os animales, e o captiva. Arrebatado pela inspiração, o bardo sertanejo fere as cordas mais affectuosas de sua alma; e vae soltando ás auras da tarde em estroples ignotas o seu hymno agreste.

A voz que aboiava n'aquelle momento tinha um timbre forte e viril, que não perdia nunca, nem mesmo nas inflexões mais ternas e saudosas. Ainda quando sua melodia se repassava de suavissimos enlevos, sentia-se a percussão intima de uma alma pujante, que brandia ás commoções do amor, como o bronze ferido pelo malho.

O gado dos curraes,que já se tinha accomodado e ruminava deitado, levantando-se para responder ao canto do aboiador, mugia, não ruidosamente como pouco antes, mas quebrando a voz, em um tom commovido, para saudar o amigo.

Alina estremecera, escutando os sons vibrantes da canção : e seu olhar vago, volvendo em torno crusou-se além com o olhar de Agrela,que

de longe a fitava. Nesse relance chocaram-se as almas de ambos. A' muda interrogação da moça, o ajudante respondera affirmando; e á supplica instante que seguiu-se, oppoz um pallido sorriso, cuja ironia tinha um travo amargo e triste.

Tranzida de susto por esse sorriso, a moça inclinou-se para sua companheira e murmurou-lhe ao ouvido:

— Arnaldo!

— Aonde? perguntou Flor distrahida.

— Não ouve?

D. Flor applicou o ouvido. Tambem ella conhecia os módulos frementes daquella voz, que enchia o deserto.

— E agora? continuou Alina palpitante. Si elle vem?... O Sr. capitão-mór!...

— Meu pai o castigará, Alina; e será um beneficio para elle, que está se perdendo. Arnaldo já não é creança; carece emendar-se.

Alina retrahiu-se como uma sensitiva. Esperava achar protecção em D. Flor; e a severidade da donzella, que bem revelava neste incidente a contrariedade pe seu humor, a desanimou.

Nas outras pessoas o aboiar, que se aproximava cada vez mais, não causara a menor impressão,

como cousa muito commum no sertão. Apenas alguns dos aggregados e vaqueiros, lembraram-se que era esse o modo de cantar de Arnaldo; e viram que antes delles já o gado havia reconhecido o filho de seu antigo vaqueiro.

De repente uns gritos no curral chamaram para ali a attenção. Voltou-se o capitão-mór, e inquiríu do Agrela com o olhar a causa do rumor.

— E' a Bonina que appareceu; disse o ajudante apontando para a novilha parada junto á cerca.

O capitão-mór para ali encaminhou-se tão satisfeito que alterou a sua habitual circumspecção. D. Flor porém tinha-se adiantado com Alina e já abraçava a ingrata, quando o pai aproximou-se.

Indagou o fazendeiro do caso; e Ignacio Góes, insinuando-se como o descobridor da Bonina, começara uma historia em que se derramaria sua habitual loquela, quando D. Flor o atalhou:

— Ali está quem a trouxe, meu pai!

O capitão mór ergueu os olhos na direcção indicada pela filha, e viu parado á pequena distancia Arnaldo montado no cardão. O mancebo tirou o chapéo e ficou immovel.

O animo de quantos assistiam á esta scena, ficara suspenso no pressentimento de um novo e

terrivel assomo de colera da parte do fazendeiro. Entretanto o mancebo aguardava tranquillamente o choque, embora o olhar e attitude indicassem a resolução em que estava de não ceder.

A phisionomia do capitão-mór conservava sua habitual seriedade. A sorpresa que a animara um instante, cedera á concentração da vontade sempre morosa e tolhida, quando não a arrebatava a paixão.

Tendo demorado por algum tempo o olhar no semblante do mancebo, retirou-o afinal para volve-lo na direcção do Agrela. Este porém, qu previra o movimento, simulou uma distracção a proposito e esquivou-se á consulta.

Então o capitão-mór revestiu-se de toda a solemnidade de apparato, e estendeu magestosamente a mão para Arnaldo, o qual apeando-se prompto veio beija-la commovido.

— Va tomar a benção á sua mãi; disse o fazendeiro paternalmente.

Depois que a filha satisfez-se de acariciar a ingrata Bonina; o capitão-mór, passado a titulo de recommendação um novo capello no Ignacio Góes, tornou á casa acompanhado pela familia.

D. Flor dirigiu-se pressurosa a seu camarim; e tomando ali um objecto que procurava, sahiu com Alina em busca do cazalinho da Justa.

Era noite já. O crescente da lua que surgia no horisonte azul esparzia sobre a terra uma claridade tenue e indecisa que fluctuava na athmosphera como gaze finissima, tecida de fios de prata.

Além, no terreiro dos aggregados, trillavam os sons cristalinos da viola, a ralhar no meio do sussurro da conversa. Mais longe, em frente ás cazas dos vaqueiros, a gente de curral fasia o serão ao relento, deitada sobre os couros, que serviam de esteiras.

Uma voz cheia cantava com sentimento as primeiras estâncias do *Boi Espacio*, trova de algum bardo sertanejo daquelle tempo, já então muito propalada por toda a ribeira do S. Francisco, e ainda ha poucos annos tão popular nos sertões do Ceará.

Vinde cá meu Boi Espacio,
Meu boi preto caraúna ;
Por seres das pontas liso,
Sempre vos deitei a unha.

Creou-se o meu Boi Espacio
No sertão das Aroeiras ;
Comia nos Cipoaes,
Malhava nas capoeiras.

Foi este meu Boi Espacio,
Um boi corredor de fama ;
Tanto corria no duro ;
Como na varge de lama.

Nunca temeu á vaqueiro,
Nem à vara de ferrão ;
Temeu á José de Castro
Montado em seu alazão.

Os tons doces e melancholicos da cantiga sertaneja infundiam um enlevo de saudade, sobretudo naquella hora placida da noite.

Entrando no cazalinho, Flor e Alina encontraram-se com Justa, que avisada pelo rumor das vozes acodia a recebe-las. Ao clarão do fogo acceso na cosinha proxima, avistaram um vulto, que ambas reconheceram, apezar de quasi desvanecido na sombra do canto escuro.

Fora um nobre impulso do coração que ali trou-

cera D. Flor naquelle instante. Não tendo pouco antes agradecido a Arnaldo o serviço que este lhe prestara, vinha mostrar á ama o seu contentamento e acompanha-la na alegria que devia sentir vendo restituidas ao filho as boas graças do dono da Oiticica.

Em caminho porém a effusão deste sentimento se acalmara, e de todo applacou-se ao entrar na choupana. Abraçou com meiguice sua mãi de leite, e entregou-lhe o objeto que trazia na mão; uma bolsa de teia de prata como se usava naquella epocha.

— Esta bolsa, mamãi Justa, é que eu trouxe do Recife para Arnaldo. Tinha feito tenção de não lh'a dar mais, por causa da desobediencia que elle praticou, sobretudo depois de enganar-me, fugindo de minha companhia. Mas como elle achou a Bonina e voltou arrependido; eu quero perdoar-lhe, como meu pai. Aqui a tem; entregue-a de minha parte, como mimo que lhe faço.

— Obrigado, minha Flor! Como elle vae ficar contente!...

O vulto surgiu da sombra. Era Arnaldo, o qual aproximando-se de Justa, tirou-lhe das mãos a bolsa e foi arremessa-la ao fogo.

— Paguê aos seus creados; disse elle com a voz aspera.

— Arnaldo ! exclamou Justa escandalisada.

D. Flor erguera a altiva fronte, e com um gesto de placida dignidade atalhou a ama :

— Fez bem ; elle não merecia uma lembrança minha.

E retirou-se.

FIM DO 1.° VOLUME.

INDICE

Typ. Cosmopolita, Rua de Gonçalves Dias 19